

ORBAS

DE

CLAUDIO

MANOEL DA COSTA,

Arcade Ultramarino, chamado

GLAUCESTE SATURNIO,

OFFERECIDAS

Ao

^{mo} I L L. E E X. ^{mo} S N R.

D. JOZE LUIZ DE MENEZES

ABRANCHES CASTELLO-BRANCO,

Conde de Valladares, Commendador das Com-
mendas de S. Joaõ da Castanheira, S. Juliaõ de
Monte-negro, S. Maria de Viãde, e S. Maria
de Locores, da Ordem de Christo, Governador,
e Capitãõ General da Capitania das
Minas Geraes, &c. &c. &c.



C O I M B R A.

Na Oficina de Luiz Secco Ferreira.

M.DCC.LXVIII.

Com licença da Real Meza Censoria,

A
13869.10
C837
1768

João Frederico Lindenberg



Primus ego in Patriam mecum, modo vita superfit,
Aonio rediens deducam vertice Musas. Virg. Georg.

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume foi achado e registrado

sob número

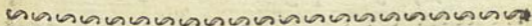
1341

do ano de

1974



CARTA
DEDICATORIA.



MO MO
ILL. E EX SNR.



*A Ò he a vaidade de hon-
rar os meus escritos, a que
me obriga a escrever na frente delles*

o grande nome de V. Excellencia ; nem
be o empenho de prevenir a mordaci-
dade dos criticos , o que me anima a
buscar taõ superior Mecenas. Persua-
do-me , com o parecer do Sulmonense ;
que, se a cauza por sua natureza não
he boa , se faz peyor com o patrocínio
e pouco me devem as produçoens inu-
teis da minha ociozidade; na qual per-
di apenas as breves horas , que pude
respirar de huma vida seria. A obriga-
ção , Senhor, e o affecto são os dous for-
tissimos, e unicos estimulos, q̃ promovem
à presença de V. Excellencia o meu
esteril obsequio. Produzir ao publico

esta confissão he toda a minha gloria.

Não se engane o mundo ; se para formar o elogio de V. Excellencia espera, que eu entre a desenvolver a dilatada serie da sua Genealogia. Eu sei, que largo campo me pudera offerrecer huma Ascendencia, que honrando a duas Monarquias, interessou no seu sangue os Senhores Reys, D. Fernando em Portugal, e D. Henrique Segundo em Castella. Depois desta ponderação pouco importara o dizer se, que ella se tem enlaçado com as primeiras cazas do Reyno. Pouco importara o contar na sua Varonia os Titulos, e

Brazoens de Noronha , Cascaes , Villa Real , Linhares , Bragança , Monsanto , Portalegre , Caminha , Alvito , Povoli- de , Abranches , Ilha do Principe , Obi- dos , Angeja , e Alegrete. Bastaria a- pontar , que a memoria de taõ esclare- cidos Progenitores foi condecorada , em dous de Junho de mil, settecentos e dous, na Pessoa do Senhor D. Miguel Luiz de Menezes , com o Titulo de Conde de Valladares ; Titulo , de que V. Excel- lencia , para honra de Portugal , he o quinto, felicissimo, e legitimo successor.

Eu rendo huma profunda veneraçãõ a taõ illustre Familia : mas deixo esta

lembrança : porque V. Excellencia taõ-
 bem a deixa. Estimando por casuali-
 dade a fortuna do berço , nós o ve-
 mos fundar a mayor nobreza nas ven-
 tagens do seu espirito. Virtuozo , libe-
 ral , sabio , e magnifico , mayor pelos
 merecimentos pessaes , do que pelos
 Titulos , que tem , nós vemos ; que
 os Pobres o amaõ , como seu Pay ; os
 Politicos o attendem, como seu Mestre,
 e os Grandes o respeita, õ como seu Mo-
 dello. Lisboa em fin , e todo o Por-
 tugal publicaçõ as suas virtudes.

Quem naõ admira o perfeito zelo,
 com que V. Excellencia busca em todas

as couzas a honra de Deos , a gloria do Rey, e o bem dos vassallos ! Quem não louva aquella generosa piedade , com que edifica os Povos , aquella prudencia illustrada , com que regula as acçoens, e aquella bondade natural, com que se faz universalmente amavel ! A quem não arrebatada o genio vasto , que brilha em V. Excellencia , a penetração viva , e delicada , com que tudo comprehende , e a sciencia dilatada , com que profundou os systemas da moral mais sã , e da melhor politica ! Estas são as qualidades , que formão o caracter de huma alma grande; e estas

ão as que distinguem hum Heroe do resto dos mais homens.

O SENHOR D JOZE , O PRIMEIRO, digno deste nome, e digno de reynar pelos seculos , querendo mostrar a estimação , que faz de hum Vassallo tão distincto , confiou de V. Excellencia o governo das Minas Geraes , da minha patria , da Capitania mais importante : pois em fim he a mais rica.

Ob! E quantas lagrimas não atropellou V. Excellencia na occasião de deixar a Europa ! Que suspiros não custou a Lisboa a inveja nobre de ver transportar se para o Brazil o objecto mayor das

suas esperanças ! O espaço breve de vinte, e dous annos , que V. Excellencia apenas contava , tinha enchido as gentes de tanta expectação , como puderá fazer recommendaveis os ultimos dias de qualquer Grande. A benevolencia, a piedade, e a inteireza qualificavaõ à precioza indole de V. Excellencia, naõ menos no serviço do Rey, que no zelo da Religiaõ.

Ainda , Senhor , ainda se ouvem os suspiros do Hospital ; onde V. Excellencia , com o emprego de Mordomo Mór, eternizou a sua virtude. As provas da caridade , que acabou alli de

exercitar; forão taõ dignas de admiração, quanto mayores de todo o credito, e proprias só do seu grandiozo animo. Eu mesmo, eu mesmo estou vendo ainda o dezordenado tropel de pobres, de doentes, e de afflictos; que forcejavaõ por demorar os passos ao seu Bemfeitor. Qual se desfazia em prantos! Qual com os ays embaraçava a despedida! Qual mostrando as chagas à aquella mão, que as costumava curar, queria com esta lembrança attrahir a compaixão! E V. Excellencia cheyo de bonaade, e cheyo de espirito, consolando a huns, beneficiando a outros,

abraçando a todos , com amor , com zelo , com piedade , despedindo-se , partindo , voltando Que he o que faço ! Insensivelmente cheguei a enternecer o coração do meu Heroe. Bastou huma leve imagem de ternura, para abalar as suas entranhas. Eu cedo já, Senhor, eu cedo. Reserve-se à posteridade o estender o nome de V. Excelencia, e o ecco das suas acçoens. Eu teria huma grande satisfação de ajuntar a minha penna a esta fama.

Felizes os habitadores das Minas!
Felizes os vassallos d'El-Rey Fidelissimo!
Feliz a minha patria, e feliz eu!

que da prudente conducta de hũ taõ grande General devemos auspiciar a nós mesmos hum governo suavissimo ! Feliz eu mil vezes ; que devendo a V. Excellencia a honra de consentir , que passem as minhas obras debaixo da sua protecçaõ , tenho a gloria de confessar com o mais profundo respeito , que sou

De V. Excellencia

Subdito obrigadissimo

CLAUDIO MANOEL DA COSTA.

In nomine domini Amen

Procurator generalis d. n. r. c. a. d. n. r. c. a. d. n. r. c. a.

Procurator generalis d. n. r. c. a. d. n. r. c. a. d. n. r. c. a.

Procurator generalis d. n. r. c. a. d. n. r. c. a. d. n. r. c. a.

Procurator generalis d. n. r. c. a. d. n. r. c. a. d. n. r. c. a.

Procurator generalis d. n. r. c. a. d. n. r. c. a. d. n. r. c. a.

S. N. Excellencia

Salutis et dignitatis

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

PROLOGO AO LEITOR.



SENAO for muita a tua
 maldade , sempre hafde
 confessar, q̃ algum agrade-
 cimento se deve a hum Engenho, que
 desde os sertoes da Capitania das
 Minas Geraes aspira a brindar-te com
 o pequeno obzequio destas Obras. Co-
 nheço , que só entre as delicias do

Pindo se pôdem nutrir aquelles espiritos, que desde o berço se destinaraõ a tratar as Muzas: e talvez nesta certeza imaginou o Poeta desterrado, que as Cycladas do mar Egreo se tinhaõ admirado, de que elle pudesse compor entre os horrores das embravecidas ondas.

Naõ permittio o Ceo, que alguns influxos, que devi ás agoas do Mondego, se prosperassem por muito tempo: e destinado a buscar a Patria, que por espaço de cinco annos havia deixado, aqui entre a grossaria dos seus genios, que menos pudera eu fa-

zer, que entregar-me ao ocio, e sepultar-me na ignorancia ! Que menos, do que abandonar as fingidas Ninfas destes rios ; e no centro delles adorar a preciozidade daquelles metaes, que tem attrahido a este clima os coraçoes de toda a Europa ! Não são estas as venturozas prayas da Arcadia ; onde o fom das agoas inspirava a harmonia dos versos. Turva, e feya a corrente destes ribeiros primeiro, que arrebate as idéas de hum Poeta, deixa ponderar a ambicioza fadiga de minerar a terra ; que lhes tem pervertido as côres.

A desconfortação de não poder estabelecer aqui as delicias do Tejo, do Lima, e do Mondego, me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço; mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a mayor paixão. Esta me persuadio a invocar muitas vezes, e a escrever a Fabula do Ribeirão do Carmo, rio o mais rico desta Capitania; que corre, e dava o nome á Cidade Mariana, minha Patria, quando era Villa.

Bem creyo, que te não faltará, e censurar nas minhas Obras, principalmente nas Pastoriz; onde preoccupa-

do da commua opiniaõ, te não ha de agradar a elegancia, de que são oradas. Sem te apartares deste mesmo volume, encontrarás alguns lugares, que te darão a conhecer, como talvez me não he estranho o estilo simples; e que sei avaliar as melhores passagens de Theocrito, Virgilio, Sannazaro, e dos nossos Miranda, Bernardes, Lobo, Camoens, &c. Pudera desculpar-me, dizendo; que o genio me fez propender mais para o sublime: mas temendo, que ainda neste me condemnes o muito uzo das metáforas; bastará, para te satisfazer,

o lembrar-te, que a mayor parte destas Obras foraõ compostas ou em Coimbra, ou pouco depois, nos meus primeiros annos; tempo, em q̃ Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas bellas letras. A liçaõ dos Gregos, Francezes, e Italianos fim me fizeraõ conhecer a differença sensivel dos nostros estudos, e dos primeiros Mestres da Poezia. He infelicidade, que haja de confessar; que vejo, e approvo o melhor; mas figo o contrario na execuçaõ. (a)

Contra esta obstinaçaõ naõ ha argumento: e sendo empreza difficulto-

za accommodar semelhante genero de
 iguaria ao paladar de todos (porque
 huns o tem muito entorpecido, e outros
 demaziadamente delicado) contentar-
 me-hey , com que nestas Obras ha-
 ja alguma couza, que te agrade; ain-
 daque huma grande parte te desgoste.
 A experiencia do contrario me fará
 condemnar o teu genio, ou de indis-
 creto, se tudo approvas, ou de inve-
 joso, se nada louvas. (b)

(a) *Video meliora, probó que;*
Deteriora sequor. Ovid.

(b) *Qui legis ista, tuam reprehendo, si mea laudas*
Omnia, stultitiam, si nihil, invidiam.

Owen. L. I. Ep. 3.

AD LECTOREM.

Epigr.

*Ipse sibi plaudat Naso, plaudi que peroptet
Dum videt in formas corpora versa novas:
Exige, fronde virens cingat tua tempora laurus,
Dum blandis resonas, culte Tibulle, modis:
Meonides longum, longum sibi spondeat ævum,
Qui cecinit segetes, Arma, virumque, Maro:
Non eadem nobis repetuntur munera, Lector?
Cum tibi sim gratis, præmia digna feram.*



SONETOS.

SONETO I.

Para cantar de Amor terros cuidados ;
 Tomo entre vós, ò montes, o instrumento ;
 Ouvi pois o meu funebre lamento ;
 Se he , que de compaixão sois animados :
Já vós vistes , que aos eccos magoados
 Do Thracio Orféo parava o mesmo vento ;
 Da lira de Anfião ao doce accento
 Se viraõ os rochedos abalados.
Bem sei , que de outros Genios o destino ;
 Para cingir de Apollo a verde rama ,
 Lhes influio na lira estro divino ;
Ocanto pois , que a minha voz derrama ;
 Porque ao menos o entõa hum Peregrino ;
 Se faz digno entre vós tambem de fama .

SONETOS.

II.

L Ea a posteridade , ò patrio Ríó ;
 Em meus versos teu nome celebrado ;
 Porque vejas huma hora despertado
 O somno vil do esquecimento frio :
 Não vês nas tuas margens o sombrio ,
 Fresco assento de hum álamo copado ;
 Não vês Ninfa cantar , pastar o gado
 Na tarde clara do calmozo estio.
 Turvo banhando as pallidas arêas
 Nas porçoens do riquissimo thezouro
 O vasto campo da ambição recreas.
 Que de seus rayos o Planeta louro ,
 Enriqecendo o influxo em tuas vêas ;
 Quanto em chamas fecunda , brota em ouro

III.

P Astores , que levais ao monte o gado ;
 Vede lá como andais por essa terra ;
 Que para dar contagio a toda a terra ,
 Basta ver-se o meu rosto magoado :
 Eu ando (vós me vedes) tão pezado ;
 E a Pastora infiel , que me faz guerra ;
 He a mesma, que em seu semblante encerra
 A causa de hum martirio tão cansado.
 Se a quereis conhecer , vinde cômigo ,
 Vereis a formozura , que eu adoro ;
 Mas não ; tanto não sou vosso inimigo ;
 Deixay , não a vejais ; eu vo lo imploro ;
 Que se se seguir quizerdes , o que eu figo ;
 Chorareis , ò Pastores , o que eu choro.

SONETOS.

IV.

Sou Pastor ; não te nego ; os meus montados
 São elles , que ahi vês ; vivo contente
 Ao trazer entre a relva florecente
 A docê companhia dos meus gados ;
 Alli me ouvem os troncos namorados ,
 Em que se transformou a antiga gente ;
 Qualquer delles o seu estrago sente ;
 Como eu finto tambem os meus cuidados ;
Vós , ò troncos , (lhes digo) que algum dia
 Firmes vos contemplastes , e seguros
 Nos braços de huma bella companhia ;
 Consolai-vos cômigo , ò troncos duros ;
 Que eu alegre algum tempo assim me via ;
 E hoje os tratos de Amor choro perjuros

V.

Se sou pobre Pastor , se não governo (tes
 Reynos,naçoens,provincias,mundo,e gen-
 Se em frio , calma , e chuvas inclementes
 Passo o veraõ , outono , estio , inverno ;
 Nem por isso trocára o abrigo terno
 Desta chosia, em que vivo, co' as enchente
 Dessa grande fortuna : affaz presentes
 Tenho as paixoens desse tormento eterno
 Adorar as traçoens , amar o engano ,
 Ouvir dos lastimozos o gemido ,
 Passar afflicto o dia , o mez , e o anno ;
 Seja embora prazer ; que a meu ouvido
 Sôa melhor a voz do dezengano ,
 Que da torpe lizonja o infame ruído

VI.

B Randas ribeiras , quanto estou contente
 De ver-vos outra vez , se isto he verdade!
 Quanto me alegra ouvir a suavidade ,
 Com que Filis entôa a voz cadente !
 Os rebanhos , o gado , o campo , a gente ;
 Tudo me está cauzando novidade :
 Oh como he certo , que a cruel saudade
 Faz tudo , do que foi , mui diferente !
 Recebei (eu vos peço) hum desgraçado ,
 Que andou thé agora por incerto giro
 Correndo sempre atrás do seu cuidado :
 Este pranto , estes ays , com que respiro ,
 Podendo commover o vosso agrado ,
 Façam digno de vós o meu suspiro.

VII.

O Nde estou ! Este sitio desconhêço :
 Quem fez taõ diferente aquelle prado !
 Tudo outra natureza tem tomado ;
 E em contemplallo timido esmoreço.
Huma fonte aqui houve ; eu não me esqueço
 De estar a ella hum dia reclinado :
 Alli em valle hum monte está mudado ;
 Quanto pôde dos annos o progresso !
 Arvores aqui vi taõ florescentes ,
 Que fazião perpetua a primavera :
 Nem troncos vejo agora decadentes.
Eu me engano : a regiaõ esta não era :
 Mas que venho a estranhar , se estaõ presentes
 Meus males , com que tudo degenera !

SONETOS.
VIII.

E Ste he o rio , a montanha he esta ;
Estes os troncos , estes os rochedos ;
Saõ estes inda os mesmos arvoredos ;
Esta he a mesma rustica floresta.
Tudo cheyo de horror se manifesta ,
Rio , montanha , troncos , e penedos ;
Que de amor nos suavissimos enredos
Foi Scena alegre , e urna he já funesta.
Oh quam lembrado estou de haver subido
Aquelle monte , e as vezes , que baixando
Deixei do pranto o valle humedecido !
Tudo me está a memoria retratando ;
Que da mesma saudade o infame ruido
Yem as mortas especies despertando ,

IX.

P Ouco importa , formoza Daliana ;
Que fugindo de ouvir-me , ofuzo tomes ;
Se quanto mais me affliges , e consomes ,
Tanto te adoro mais , bella Serrana.
Ou já fujas do abrigo da cabana ,
Ou sobre os altos montes mais te assomes ;
Faremos immortaes os nossos nomes ,
Eu por ser firme , tu por ser tyranna.
Hum obzequio , que foi de amor rendido ,
Bem póde ser , Pastora , desprezado ;
Mas nunca se verá desvanescido :
Sim , que para lizonja do cuidado ,
Testemunhas seraõ de meu gemido
Este monte , este valle , aquelle prado ;

SONETOS

X.

E U ponho esta sanfona , tu , Palemo ;
 Porás a ovelha branca , e o cajado ;
 E ambos ao som da flauta magoado
 Podemos competir de extremo a extremo
 Principia, Pastor ; que eu te não temo ;
 Inda que sejas tão avantejado
 No cantico Amabêo : para louvado
 Escolhamos embora o velho Alcemo.
 Que esperas ? toma a flauta , principia ;
 Eu quero acompanhar-te ; os horizontes
 Já se enchem de prazer , e de alegria :
 Parece , que estes prados , e estas fontes
 Já sabem , que he o assumpto da porfia
 Nize , a melhor Pastora destes montes.

XI.

mi. Bot. **F** Ormoza he Daliana ; o seu cabello ;
 A testa , a sobrançelha he peregrina ;
 Mas nada tem , que ver co' a bella Eulina ,
 Que he todo o meu amor , o meu desvelo ;
 Parece escura a neve em parallelo
 Da sua branca face ; onde a bonina
 As cores misturou na côr mais fina ,
 Que faz sobre sahir seu rosto bello.
 Tanto os seus lindos olhos enamoraõ ,
 Que arrebatados , como em doce encanto ,
 Os que a chegaõ a ver , todos a adoraõ.
 Se alguém disser , que a engrandeço tanto
 Veja , para desculpa dos que choraõ ,
 Veja a Eulina ; e entaõ suspenda o pranto.

XII.

F Atigado da calma se acolhia
 Junto o rebanho à sombra dos salgueiros ;
 E o Sol , queimando os asperos oiteiros ,
 Com violencia maior no campo ardia.
 Suffocava-se o vento , que gemia
 Entre o verde matiz dos foveiros ;
 E tanto ao gado , como aos Pegureiros
 Desmayava o calor do intenso dia.
 Nesta ardente estação , de fino amante
 Dando mostras Dalizo , atravessava
 O campo todo em busca de Violante.
 Seu descuido em seu fogo desculpava ;
 Que mal seria o Sol tão penetrante ,
 Onde maior incendio a alma abrazava.

XIII.

N Ize ? Nize ? onde estás ? Aonde espera
 Achar-te huma alma , que por ti suspira ;
 Se quanto a vista se dilata , e gira ,
 Tanto mais de encontrar-te dezespera !
 Ah se ao menos teu nome ouvir pudéra
 Entre esta aura suave , que respira !
 Nize , cuido , que diz ; mas he mentira.
 Nize , cuidei que ouvia ; e tal não era.
 Grutas , troncos , penhascos da espessura , (conde,
 Se o meu bem , se a minha alma em vós se es-
 Mostray , mostray-me a sua formozura.
 Nem ao menos o ecco me responde !
 Ah como he certa a minha desventura !
 Nize ? Nize ? onde estás ? aonde ? aonde ?

XIV.

Quem deixa o trato pastoril , amado
 Pela ingrata , civil correspondencia ;
 Ou desconhece o rosto da violencia ,
 Ou do retiro a paz não tem provado.
Que bem he ver nos campos trasladado
 No genio do Pastor , o da innocencia !
 E que mal he no trato , e na apparencia
 Ver sempre o cortezaõ dissimulado !
Alli respira Amor sinceridade ;
 Aqui sempre a traiçaõ seu rosto encobre ;
 Hum só trata a mentira , outro a verdade.
Alli não ha fortuna , que soçobre ;
 Aqui quanto se observa , he variedade :
 Oh ventura do rico ! Oh bem do pobre !

XV.

Formozo , e manso gado , que pascendo
 A relya andais por entre o verde prado ,
 Venturozo rebanho , feliz gado ,
 Que à bella Antandra estais obedecendo ;
Ja de Corino os eccos percebendo
 A frente levantais , ouvis parado ;
 Ou já de Alcino ao canto levantado
 Pouco , e pouco vos ides recolhendo ;
En o mizero Alfão , que em meu destino
 Lamento as femraçoens da desventura ,
 A seguir-vos também hoje me inclino :
Medi meu rosto : ouvi minha ternura ;
 Porque o aspecto , e voz de hum Peregrino
 Sempre faz novidade na espessura.

SONETOS:

XVI.

T Oda a mortal fadiga adormecia
 No silencio , que a noite convidava ;
 Nada o somno suavissimo alterava
 Na muda confuzaõ da sombra fria :
Só Fido , que de Amor por Lize ardia ,
 No focego maior não repouzava ;
 Sentindo o mal , com lagrimas culpava
 A forte ; porque della se partia.
Vê Fido , que o seu bem lhe nega a sorte ;
 Querer enternecella he inutil arte ;
 Fazer o que ella quer , he rigor forte :
Mas de modo entre as penas se reparte ;
 Que à Lize rende a alma , a vida à morte :
 Porque huma parte alente a outra parte.

XVII.

D Eixa , que por hum pouco aquelle monte
 Escute a gloria , que a meu peito assiste ;
 Porque nem sempre lastimozo , e triste
 Hey de chorar à margem desta fonte.
Agora , que nem sombra há no horizonte ,
 Nem o alamo ao Zephyro reziste ,
 Aquella hora ditoza , em que me viste
 Na posse de meu bem , deixa , que conte.
Mas que modo , que accento , que harmonia
 Bastante póde ser , gentil Pastora ,
 Para explicar affectos de alegria !
Que hey de dizer , se esta alma , que te adora ;
 Só costumada às vozes da agonia ,
 A fraze do prazer ainda ignora !

SONETOS:
XVIII.

A Quella cinta azul , que o Ceo estende
 A' nossa mão esquerda , aquelle grito ;
 Com que está toda a noite o corvo afflicto
 Dizendo hum não sey que , que não se entende ;
 Levantar-me de hum sonho , quando attende
 O meu ouvido hum mizero conflicto ,
 A tempo , que o voraz , lobo maldito
 A minha ovelha mais mimoza offende ;
 Encontrar a dormir tão preguiçozo
 Melampo , o meu fiel , que na manada
 Sempre desperto está , sempre anciozo ;
 Ah ! queira Deos , que minta a forte irada ;
 Mas de tão triste agouro cuidadozo
 Só me lembro de Nize , e de mais nada .

XIX.

C Orino , vay buscar aquella ovelha ,
 Que grita lá no campo , e dormio fóra ;
 Anda ; acorda , Pastor ; que sahe a Aurora ;
 Como vem tão rizonha , e tão vermelha !
 Já perdi n'outro tempo huma parelha
 Por teu respeito ; queira Deos , que agora
 Não se me vá tambem est'cura embora ;
 Pois não queres ouvir , quem te aconselha
 Que somno será este tão pezado !
 Nada responde , nada diz Corino :
 Ora em que mãos está meu pobre gado !
 Mas ay de mim ! que cego dezatino .
 Como te hey de accuzar de descuidado ;
 Se toda a culpa tua he me u destino !

XX.

A Y de mim ! como estou tão descuidado !
 Como do meu rebanho assim me esqueço,
 Que vendo-o trasmalhar no mato espesso,
 Em lugar de o tornar , fico pasmado !
 Ouço o rumor , que faz dezaforado
 O lobo nos rediz ; ouço o successo
 Da ovelha , do Pastor ; e desconheço
 Não menos, do que ao dono , o mesmo gado :
 Da fonte dos meus olhos nunca enxuta
 A corrente fatal , fico indecizo ,
 Ao ver , quanto em meu damno se executa.
 Hum pouco apenas meu pezar suavizo ,
 Quando nas ferras o meu mal se escuta ;
 Que triste allivio ! ah infeliz Dalizo !

XXI.

D E hum ramo desta Faya pendurado
 Vejo o instrumento estar do Pastor Fido ;
 D'aquelle , que entre os mais era applaudido ,
 Se alguma vez nas selvas escutado.
 Ser-lhe-há eternamente consagrado
 Hum ay saudozo , hum funebre gemido ;
 Em quanto for no monte repetido
 O seu nome , o seu canto levantado.
 Se chegas a este sitio , e te persuade
 A' algum pezar a sua desventura ,
 Corresponde em affectos de piedade ;
 Lembre-te , caminhante , da ternura
 De seu canto suave ; e huma saudade
 Por obsequio dedica à sepultura.

XXII

N Este álamo sombrio, aonde a escura
 Noite produz a imagem do segredo ;
 Em que apenas distingue o proprio medo
 Do feyo assombro a horrida figura ;
 Aqui, onde não geme, nem murmura
 Zefyro brando em funebre arvoredos,
 Sentado sobre o tosco de hum penedo
 Chorava Fido a sua desventura.
 A's lagrimas a penha enternecida
 Hum rio fecundou, donde manava
 D'ancia mortal a copia derretida :
 A natureza em ambos se mudava ;
 Abalava-se a penha commoyida ;
 Fido, estatua da dor, se congelava.

XXIII.

T U sonora corrente, fonte pura,
 Testemunha fiel da minha pena,
 Sabe, que a sempre dura, e ingrata Almena
 Contra o meu rendimento se conjura :
 Aqui me manda estar nesta espessura,
 Ouvindo a triste voz da Filomena,
 E bem que este martirio hoje me ordena ;
 Já mais espero ter melhor ventura.
 Veyo a dar-me sómente huma esperança
 Nova idéa do odio ; pois sabia,
 Que o rigor não me assulta, nem me cansa ;
 Vendo a tanto crescer minha porfia,
 Quiz mudar de tormento ; e por vingança
 Foi buscar no favor a tyrannia.

XXIV.

Sonha em torrentes d'agoa , o que abrazado
 Na sede ardente está ; sonha em riqueza
 Aquelle , que no horror de huma pobreza
 Anda sempre infeliz , sempre vexado :
Assim na agitação de meu cuidado
 De hum continuo delirio desta alma preza ;
 Quando he tudo rigor , tudo aspereza ,
 Me finjo no prazer de hum doce estado.
Ao despertar a louca fantazia
 Do enfermo , do mendigo , se descobre
 Do torpe engano seu a imagem fria :
Que importa pois , que a idea allivios cobre ;
 Se a pezar desta ingrata aleivozia ,
 Quanto mais rico estou , estou mais pobre.

XXV.

Não de Tigres as testas descarnadas ,
 Não de Hyrcanos leoens a pelle dura ;
 Por sacrificio à tua formozura ,
 Aqui te deyxo , ò Lize , penduradas :
Ancias ardentes , lagrimas cansadas ,
 Com que meu rosto em fim se desfigura ;
 São , bella Ninfa , a victima mais pura ,
 Que as tuas aras guardarão sagradas.
Outro as flores , e fructos , que te envia ,
 Corte nos montes , corte nas florestas ;
 Que eu rendo as magoas , que por ti sentia :
Mas entre flores , fructos , pelles , testas ,
 Para adornar o altar da tyrannia ,
 Que outra victima queres mais , do que estas.

SONETOS.

XXVI.

N Aõ ves, Nize, este vento dezabrido; (estas
 Que arranca os duros troncos? Naõ ves
 Que vem cobrindo o Ceo, sombra funesta,
 Entre o horror de hum relampago incendiado?
 Naõ ves a cada instante o ar partido
 Dessas linhas de fogo? Tudo cresta,
 Tudo consome, tudo arraza, e infesta
 O rayo a cada instante despedido.
 Ah! naõ temas o estrago, que ameça
 A tormenta fatal; que o Ceo destina
 Vejas mais fêa, mais cruel desgraça:
 Rasga o meu peito, já que es taõ ferina;
 Verás a tempestade, que em mim passa
 Conhecerás entaõ, o que he ruina.

XXVII.

A Pressa-se a tocar o caminhante
 O pouzo, que lhe marca a luz do dia;
 E a sua esperança se confia,
 Que chegue a entrar no porto o navegante:
 Nem aquelle sem termo passa avante
 Na longa, duvidosa, e incerta via;
 Nem este atravessando a regiaõ fria
 Vay levando sem rumo o curso errante:
 Depois que hum breve tempo houver passado,
 Hum se verá sobre a segura arêa,
 Chegará o outro ao sitio dezejado:
 Eu só, tendo de penas a alma chêa,
 Não tenho, que esperar; que o meu cuidado
 Faz, que gire sem norte a minha idéa.

XXVIII.

F Az a imaginação de hum bem amado ,
 Que nelle se transforme o peito amante ;
 Daqui vem , que a minha alma delirante
 Se não distingue já do meu cuidado.
 Nesta doce loucura arrebatado
 Anarda cuido ver , bem que distante ;
 Mas ao passo , que a busco , neste instante
 Me vejo no meu mal dezenganado.
 Pois se Anarda em mim vive , e eu nella vivo ;
 E por força da idéa me converto
 Na bella cauza de meu fogo activo ;
 Como nas tristes lagrimas , que verto ,
 Ao querer contrastar seu genio esquivo ;
 Taõ longe della estou , e estou taõ perto .

XXIX.

A Y Nize amada ! se este meu tormento ;
 Se estes meus sentidissimos gemidos
 Lá no teu peito , lá nos teus ouvidos
 Achar pudessem brando acolhimento ;
C Como alegre em servir-te , como attento
 Meus votos tributára agradecidos !
 Por seculos de males bem sofridos
 Trocára todo o meu contentamento !
Mas se na incontrastavel , pedra dura
 De teu rigor não há correspondencia ;
 Para os doces affectos de ternura ;
Cesse de meus suspiros a vehemencia ;
 Que he fazer mais soberba a formozura
 Adorar o rigor da rezistencia .

XXX.

N Aõ se passa , meu bem , na nõite , e dia
 Huma hora só , que a mizera lembrança
 Te naõ tenha presente na mudança ,
 Que fez , para meu mal , minha alegria.
 Mil imagenis debuxa a fantazia , (fa
 Com que mais me atormenta , e mais me can
 Pois se taõ longe estou de hũa esperança ,
 Que allivio pôde dar-me esta porfia !
 Tyranno foi commigo o fado ingrato ;
 Que crendo , em te roubar , pouca victoria ;
 Me deixou para sempre o teu retrato :
 Eu me alegrara da passada gloria ,
 Se quando me faltou teu doce trato ,
 Me faltára tambem delle a memoria.

XXXI.

E Stes os olhos faõ da minha amada :
 Que bellos , que gentis , e que formozos !
 Naõ faõ para os mortaes taõ preciozos
 Os doces fructos da estaçaõ dourada.
 Por elles a alegria derramada ,
 Tornaõ-se os campos de prazer gostozos ;
 Em Zefyros suaves , e mimozos
 Toda esta regiaõ se vê banhada ;
 Vinde , olhos bellos , vinde ; e em fim trazendo
 Do rosto de meu bem as prendas bellas ,
 Day allivios ao mal , que estou gemendo :
 Mas ah delirio meu , que me atropellas !
 O olhos , que eu cuidey , que estava vendo
 Eraõ (quem crêra tal !) duas estrellas.

XXXII.

S E os poucos dias, que vivi contente,
 Foraõ bastantes para o meu cuidado,
 Que pôde vir a hum pobre desgraçado,
 Que a idéa de seu mal naõ accrescente!
 Aquelle mesmo bem, que me consente,
 Talvez propicio, meu tyranno fado,
 Esse mesmo me diz, que o meu estado
 Se ha de mudar em outro differente.
 Leve pois a fortuna os fetis favores;
 Eu os desprezo já; porque he loucura
 Comprar a tanto preço as minhas dores:
 Se quer, que me naõ queixe, a sorte escura,
 Ou saiba ser mais firme nos rigores,
 Ou saiba ser constante na brandura.

XXXIII.

A Qui sobre esta pedra, aspera, e dura,
 Teu nome heide estampar, ò Franceliza;
 A vér, se o bruto marmõre eterniza
 A tua, mais que ingrata, formozura.
 Já scintillaõ teus olhos: a figura
 Avultando já vay; quanto indeciza
 Pasmou na effigie a idéa, se diviza
 No engraçado relêvo da escultura.
 Teu rosto aqui se mostra; eu naõ duvido;
 Accuzes meu delirio, quando trato
 De deixar nesta pedra o vulto erguido;
 He tosca a prata, o ouro he menos grato;
 Contemplo o teu rigor: oh que advertido!
 Só me dá esta penha o teu retrato!

SONETOS:
XXXIV.

Que feliz fôra o mundo, se perdida
 A lembrança de Amor, de Amor a gloria
 Igualmente dos gostos a memoria
 Ficasse para sempre consumida!
 Mas a pena mais triste, e mais crescida
 He vêr, que em nenhum tempo he tranzitoria
 Esta de Amor fantástica victoria,
 Que sempre na lembrança he repetida.
 Amantes, os que ardeis nesse cuidado,
 Fugi de Amor ao venenozo intento,
 Que lá para o depois vos tem guardado.
 Não vos engane o infiel contentamento;
 Que esse presente bem, quando passado,
 Sobrará para idéa do tormento.

XXXV.

A Quelle, que enfermou de desgraçado;
 Não espere encontrar ventura alguma:
 Que o Ceo ninguem consente, que presumas
 Que possa dominar seu duro fado.
 Por mais, que gire o espirito cançado
 A traz de algum prazer, por mais em summa
 Que porfie, trabalhe, e se consuma,
 Mudança não verá do triste estado.
 Não basta algum valor, arte, ou engenho
 A suspender o ardor, com que se move
 A infautta roda do fatal despenho:
 E bem que o peito humano as forças prove,
 Que hade fazer o temerario empenho,
 Onde o rayo he do Ceo, a mão de Jove!

XXXVI.

Estes braços, Amor, com quanta gloria
 Foraõ throno feliz da formozura!
 Mas este coração com que ternura
 Hoje chora infeliz esta memoria!
 Quanto vês, he trofeo de huma victoria;
 Que o destino em seu templo dependura:
 De huma dor esta estampa he só figura,
 Na fé occulta, no pezar notoria.
 Saiba o mundo de teu funesto enredo;
 Porque desde hoje hum coração amante
 De adorar teus altares tenha medo:
 Mas que emprendo, se ao passo, que constante
 Vou a romper a fé do meu segredo,
 Não há, quem acredite hum delirante!

XXXVII.

Continuamente estou imaginando,
 Se esta vida, que logro, tão pezada
 Hade ser sempre afflicta, e magoada,
 Se com o tempo em fim se hade ir mudando;
 Em golfos de esperança fluctuando
 Mil vezes busco a praya dezejada;
 E a tormenta outra vez não esperada
 Ao pelago infeliz me vay levando.
 Tenho já o meu mal tão descuberto,
 Que eu mesmo busco a minha desventura;
 Pois não pôde ser mais seu desconcerto,
 Que me pôde fazer a sorte dura,
 Se para não sentir seu golpe incerto,
 Tudo o que foi paixão, he já loucura!

SONETOS:
XXXVIII.

Quando, formoza Nize, dividido
De teus olhos estou nesta distancia;
Pinta a saudade, à força de minha ancia;
Toda a memoria do prazer perdido.

Lamenta o pensamento amortecido
A tua ingrata, perfida inconstancia;
E quanto observa, he só a vil jaçtancia
Do fado, que os troféos tem conseguido.
Aonde a dita está? aonde o gosto?
Onde o contentamento? onde a alegria;
Que fecundava esse teu lindo rosto?
Tudo deixei, ò Nize, aquelle dia,
Em que deixando tudo, o meu desgosto
Sómente me seguio por companhia.

XXXIX.

BReves horas, Amor, há, que eu gozava
A gloria, que minha alma appetecia;
E sem desconfiar da aleivozia,
Teu lizonjeiro obzequio acreditava.
Eu só à minha dita me igualava;
Pois assim avultava, assim crescia,
Que nas scenas, que então me offerecia;
O maior gosto, o maior bem lograva;
Fugio, faltou-me o bem: já descomposta
Da vaidade a brilhante architectura,
Vê se a ruina ao dezengano exposta:
Que ligeira acabou, que mal segura!
Mas que venho a estranhar, se estava posta
Minha esperança em mãos da formozura!

XL.

Quem chora auzente aquella formozura ;
 Em que seu maior gosto depozita ,
 Que bem pôde gozar , que forte , ou dita ,
 Que não seja funesta , triste , e escura !
A apagar os incendios da loucura
 Nos braços da esperança Amor me incita ;
 Mas se era a que perdi , gloria infinita ,
 Outra igual que esperança me assegura !
Já de tanto delirio me despeço ;
 Porque o meu precipicio encaminhado
 Pela mão deste engano reconheço.
 Triste ! A quanto chegou meu duro fado !
 Se de hum fingido bem não faço apreço ;
 Que allivio posso dar a meu cuidado !

XLI.

Injusto Amor , se de teu jugo izento
 Eu vira respirar a liberdade ,
 Se eu pudesse da tua Divindade
 Cantar hum dia alegre o vencimento ;
 Não lográras , Amor , que o meu tormento,
 Victima ardessa a tanta crueldade ;
 Nem se cobrira o campo da vaidade
 Desses troféos , que paga o rendimento :
 Mas se fugir não pude ao golpe activo ,
 Buscando por meu gosto tanto estrago ,
 Porque te encontro , Amor , tão vingativo ;
 Se hum tal despojo a teus altares trago ,
 Siga a quem te despreza , o rayo esquivo ;
 Alente a quem te busca , o doce affago ,

XLII.

M Orfeo doces cadêas estendia ; (çava)
 Com que os cançados membros me enla-
 E quanto mal o coração passava ,
 Em sonhos me debuxa a fantazia.
 Lize presente vi , Lize , que hum dia
 Todo o meu pensamento arrebatava ,
 Lize , que na minha alma impressa estava ,
 Bem a pezar da sua tyrannia.
 Corro a prendêlla em amorozos laços
 Buscando a sombra , que apertar intento ;
 Nada vejo (ay de mim !) perco os meus passos.
 Então mais acredito o fingimento :
 Que ao vêr , que Lize foge de meus braços ,
 A cré pelo costume o pensamento.

XLIII.

Q Uem es tu? (ay de mim !) eu reclinado
 No feyo de huma vibora ! Ah tyranna !
 Como entre as garras de huma Tigre Hyrcana
 Me encontro de repente suffocado !
 Não era essa , que eu tinha posta ao lado ,
 Da minha Nize a imagem soberana ?
 Não era . . ? mas que digo ! ella me engana
 Sim , que eu a vejo inda no mesmo estado ;
 Pois como no letargo a fantazia
 Taõ cruel ma pintou , taõ inconstante ,
 Que a vi . . ? mas nada vi ; que eu nada cria
 Foi sonho ; foi quimera ; a hum peito amante
 Amor não deo favores hum só dia , (brante
 Que a sombra de hum tormento os não que

XLIV.

HA' quem confie, Amor, na segurança
 De hum falsissimo bem, com que dou-
 O veneno mortal, vais enganando (rando
 Os tristes coraçoes n' huma esperança!
Há quem ponha inda cego a confiança
 Em teu fingido obzequio, que tomando
 Liçoes do dezengano, não vá dando
 Pelo mundo certeza da mudança!
Há quem crêa, que pôde haver firmeza
 Em peito femenil. quem advertido
 Os cultos não profane da belleza!
Há inda, e hade haver, eu não duvido,
 Em quanto não mudar a Natureza
 Em Nize a formozura, o amor em Fido.

XLV.

ACada instante, Amor, a cada instante
 No duvidozo mar de meu cuidado
 Sinto de novo hum mal, e desmayado
 Entrego aos ventos a esperança errante.
Por entre a sombra funebre, e distante
 Rompe o vulto do allivio mal formado;
 Ora mais claramente debuxado,
 Ora mais fragil, ora mais constante.
Corre o dezejo ao vèllo descuberto;
 Logo aos olhos mais longe se affigura;
 O que se imaginava muito perto.
Faz-se parcial da dita a desventura;
 Porque nem permanece o damno certo,
 Nem a gloria tão pouco está segura.

XLVI.

N Aõ vês, Lize, brincar esse menino
 Com aquella avezinha? Estende o braço
 Deixa a fugir; mas apertando o laço,
 A condemna outra vez ao seu destino?
 Nessa mesma figura, eu imagino,
 Tens minha liberdade; pois aõ passo,
 Que cuido, que estou livre do embaraço,
 Entaõ me prende mais meu dezatino.
 Em hum continuo giro o pensamento
 Tanto a precipitar-me se encaminha,
 Que naõ vejo onde pare o meu tormento.
 Mas fõra menos mal esta ancia minha,
 Se me faltasse a mim o entendimento,
 Como falta a razãõ a esta avezinha.

XLVII.

Q ue inflexivel se mostra, que constante
 Se vê este penhasco! já ferido
 Do procellozo vento, e já batido
 Do mar, que nelle quebra a cada instante!
 Naõ vi; nem heide vêr mais semelhante
 Retrato dessa ingrata, a que o gemido
 Já mais pôde fazer, que enternecido
 Seu peito attenda as queixas de hum amante.
 Tal es, ingrata Nize: a rebeldia,
 Que vês nesse penhasco, essa dureza
 Hade ceder aos golpes algum dia:
 Mas que diversa he tua natureza!
 Dos continuos excessos da porfia,
 Recobras novo estímulo à fereza.

XLVIII.

T Raidoras horas do enganozo gosto,
 Que nunca imaginei, que o possuia;
 Que ligeiras passastes! mal podia
 Deixar aquelle bem de ser supposto.
 Já de parte o tormento estava posto;
 E meu peito saudozo, que isto via,
 As imagens da pena desmentia,
 Pintando da ventura alegre o rosto.
 Dezanda então a fabrica elevada,
 Que o placido Morsêo tinha erigido,
 Das especies do somno fabricada:
 Então he, que desperta o meu sentido,
 Para observar na pompa destrocada,
 Verdadeira a ruina, o bem fingido.

XLIX

O S olhos tendo posto, e o pensamento
 No rumo, que demanda, mais distante;
 As ondas bate o Grego navegante,
 Entregue o leme ao mar, a vela ao vento;
 Em vão se esforça o harmoniozo accento
 Da Serêa, que habita o golfo errante;
 Que rezistindo o espirito constante,
 Vence as lizonjas do enganozo intento.
 Se pois, Ninfas gentis, rompe a Cupido
 O arco, a flexa, o dardo, a chama acceza
 De hum peito entre os Heroes esclarecido;
 Que vem buscar commigo a nescia empreza,
 Se inda mais, do que Ulisses atrevido,
 Sey vencer os encantos da belleza!

L.

Memorias do presente, e do passado
 Fazem guerra cruel dentro em meu peito
 E bem que ao sofrimento ando já feito,
 Mais que nunca desperta hoje o cuidado.
 Que differente, que diverso estado
 He este, em que sómente o triste effeito
 Da pena, a que meu mal me tem sujeito,
 Me acompanha entre afflicto, e magoado!
 Tristes lembranças! e que em vão componho
 A memoria da vossa sombra escura!
 Que nescio em vós a ponderar me ponho!
 Ide-vos; que em tão mizera loucura
 Todo o passado bem tenho por sonho;
 Só he certa a presente desventura.

LI.

A Deos, Idolo bello, adeos, querido,
 Ingrato bem; adeos: em paz te fica
 E essa victoria mizera publica,
 Que tens barbaramente conseguido.
 Eu parto, eu figo o norte aborrecido
 De meu fado infeliz: agora rica
 De despojos, a teu desdem applica
 O rouco accento de hum mortal gemido.
 E se acazo alguma hora menos dura
 Lembrando-te de hum triste, consultares
 A serie vil da sua desventura;
 Na immensa confuzão de seus pezares
 Acharás, que ardeo simplez, ardeo pura
 A victima de huma alma em teus altares.

LII.

Que molesta lembrança, que cansada
 Fadiga he esta! vejo-me opprimido,
 Medindo pela magoa do perdido
 A grandeza da gloria já passada.
 Foi grande a dita fim; porém lembrada,
 Inda a pena he maior de a haver perdido;
 Quem não fôra feliz, se o haver fido
 Faz, que seja a paixãõ mais avultada!
 Propicio imaginei (he bem verdade)
 O malevolo fado: oh quem pudéra
 Conhecer logo a hypocrita piedade!
 Mas que em vão esta dôr me dezespera,
 Se já entorpecida a enfermidade,
 Inda agora o remedio se pondéra!

LIII.

Ou já sobre o cajado te reelines,
 Venturozo Pastor, ou já tomando
 Para a terra, onde as cabras vais chamando,
 A fugir os meus ays te determines.
 Lá te quero seguir, onde examines
 Mais vivamente hum coração tão brando;
 Que gosta só de ouvir-te, ainda quando
 Mais sem razão me accuzes, mais crimines.
 Que te fiz eu, Pastor? em que condemnas
 Minha sincera fé, meu amor puro?
 As provas, que te dei, serão pequenas?
 Queres vêr, que esse monte aspero, e duro
 Sabe, que és cauza tu das minhas penas?
 Pergunta-lhe; ouyirás, o que te juro,

LIV.

Ninfas gentis , eu sou , o que abrazado
 Nos incendios de Amor , pude alguma
 Ao som da minha cithara sonora ,
 Deixar o vosso imperio acreditado.
 Se vós , glorias de Amor , de Amor cuidados
 Ninfas gentis , a quem o mundo adora ,
 Não ouvis os suspiros , de quem chora ,
 Ficai-vos ; eu me vou ; figo o meu fado.
 Ficai-vos ; e sabeí , que o pensamento
 Vay tão livre de vós , que da faudade
 Não recêa abrazar-se no tormento.
 Sim ; que sôlta dos laços a vontade ,
 Pelo rio heide ter do esquecimento
 Estê , aonde já mais achei piedade.

LV.

EM profundo silencio já descança
 Todo o mortal ; e a minha triste idéa
 Se estende , se dilata , se recrea
 Pelo espaçozo campo da lembrança.
 Fatiga-se , prosegue , em vão se cança ;
 E neste vario giro , em que se enlêa ,
 Ao duvidozo passo já recêa ,
 Que lhe possa faltar a segurança.
 Que differente tudo está notando !
 Que perplexo as imagens do perdido
 N'hum , e n'outro despôjo vem achando !
 Este não he o templo (eu o duvido)
 Assim o afirma , ássim o está mostrando ;
 Ou merreo Nize , ou este não he Fido.

LVI.

TU, Ninfa, quando eu menos penetrado,
 Das violencias de Amor vivia izento,
 Propondo-te entao bella a meu tormento,
 Foste doce occasiao de meu cuidado.
 Roubaste o meu socoço, hum doce agrado,
 Hum gesto lindo, hum brando acolhimento,
 Foraõ sómente o unico instrumento,
 Com que deixaste o triunfo assegurado.
 Já não espero ter felicidade,
 Salvo se for aquella, que confio,
 Por amar-te, a pezar dessa impiedade,
 Em premio dos suspiros, que te envio,
 Ou modera o rigor da crueldade,
 Ou torna-me outra vez meu alvedrio.

LVII.

Bella imagem, emprêgo idolatrado,
 Que sempre na memoria repetido,
 Estás, doce occasiao de meu gemido,
 Assegurando a fé de meu cuidado.
 Tem-te a minha saudade retratado;
 Não para dar allivio a meu sentido;
 Antes cuido; que a magoa do perdido
 Quer augmentar co' a pena de lembrado.
 Não julgues, que me alento com trazer-te
 Sempre viva na idéa; que a vingança
 De minha sorte todo o bem perverte.
 Que allivio em te lembrar minha alma alcança,
 Se do mesmo tormento de não vêr-te,
 Se forma o dezafoço da lembrança.

LVIII.

Altas ferras, que ao Ceo estais servindo
 De muralhas, que o tempo não profana,
 Se Gigantes não sois, que a forma humana
 Em duras penhas foraõ confundindo;
 Já sobre o vosso eume se está rindo
 O Monarca da luz, que esta alma engana;
 Pois na face, que ostenta, soberana,
 O rosto de meu bem me vay fingindo.
 Que alegre, que mimozo, que brilhante
 Elle se me affigura! Ah qual effeito
 Em minha alma se sente neste instante!
 Mas ay! a que delirios me sujeito!
 Se quando no Sol vejo o seu semblante,
 Em vós descubro õ penhas o seu peito?

LIX

Lembrado estou, õ penhas, que algum dia
 Na muda solidão deste arvoredõ,
 Communiquei com vosco o meu segredo,
 E a penas brando o Zefyro me ouvia.
 Com lagrimas meu peito enternecia
 A dureza fatal deste rochedo,
 E sobre elle huma tarde triste, e quedo
 A caúza de meu mal eu escrevia.
 Agora torno a vêr, se a pedra dura
 Conserva ainda intacta essa memoria,
 Que debuxou entãõ minha escultura.
 Que vejo! esta he a cifra: triste gloria!
 Para ser mais cruel a desventura,
 Se fará immortal a minha historia.

LX.

V Alha-te Deos, cançada fantazia! (des?
 Que mais queres de mim? que mais perten-
 Se quando na esperança mais te accendes,
 Se dezingana mais tua porfia!
Vagando regioens de dia em dia,
 Novas conquistas, e troféos emprendes:
 Ah que conheces mal, que mal entendes!
 Onde chega do fado a tyrannia!
Trata de accomodar-te ao movimento
 Dessa roda voluvel, e descança
 Sobre taõ fatigado pensamento.
E se inda crês no rosto da esperança,
 Examina por dentro o fingimento;
 E verás tempestade o que he bonança.

LXI.

D Eixemos-nos, Algano, de porfia;
 Que eu sey o que tu es, contra a verdade
 Sempre hasde sustentar, que a Divindade
 Destes campos he Brites, não Maria:
Ora eu te mostrarei inda algum dia,
 Em que está teu engano: a novidade,
 Que agora te direi, he, que a Cidade
 Por melhor, do que todas a avalia.
Há pouco, que encontrei lá junto ao monte
 Dous Pastores, que estavaõ conversando;
 Quando passaraõ ambas para a fonte;
 Nem faláraõ em Brites: mas tomando
 Para hum cedro, que fica bem defronte,
 O nome de Maria vaõ grayando.

LXII.

T Orno á ver-vos, ò montes ; o destino
 Aqui me torna a pôr nestes oiteiros ;
 Onde hum tempo os gaboens deixei grosseiros
 Pelo trage da Corte rico , e fino.
 Aqui estou entre Almendro , entre Corino ,
 Os meus fieis ; meus doces companheiros ;
 Vendo correr os mizeros vaqueiros
 Atraz de seu cançado dezatino.
 Se o bem desta choupana pôde tanto ,
 Que chega a ter mais preço , e mais valia ;
 Que da Cidade o lizonjeiro encanto ;
 Aqui descança a louca fantazia ;
 E o que thê agora se tornava em pranto ,
 Se converta em affectos de alegria.

LXIII.

J A' me enfado de ouvir este alarido , (do
 Com que se engana o mundo em seu cuida
 Quero vêr entre as pelles , e o cajado ,
 Se melhora a fortuna de partido.
 Cance embora a lizonja ao que ferido
 Da enganoza esperança anda magoado ;
 Que eu tenho de acolher-me sempre ao lado
 Do velho dezengano apercebido.
 Aquelle adore as roupas de alto preço ;
 Hum siga a ostentaçaõ , outro a vaidade ;
 Todos se enganaõ com igual excessõ.
 Eu não chamo a isto já felicidade :
 Ao campo me recolho , e reconheço ,
 Que não há maior bem , que a soledade.

LXIV.

Que tarde nasce o Sol, que vagarozo!
 Parece, que se cança, de que a hum uriste
 Haja de apparecer: quanto reziste
 A seu rayo este sitio tenebrozo!
 Não pôde ser, que o giro luminoso
 Tanto tempo detenha: se perziste
 Acazo o meu delirio! se me assiste
 Ainda aquelle humor tão venenozo!
 Aquella porta alli se está cerrando;
 Della sahe hum Pastor: outro affobia;
 E o gado para o monte vai chamando.
 Ora não ha mais louca fantazia!
 Mas quem anda, como eu, assim penando;
 Não sabe, quando he noite, ou quando he dia.

LXV.

Ingrata foste, Eliza; eu te condemno
 A injusta semrazaõ; foste tyranna,
 Em renderes, bellissima Serrana,
 A tua liberdade ao nescio Almeno,
Que achaste no seu rosto de sereno,
 De bello, ou de gentil, para inhumana
 Trocares pela delle esta choupana,
 Em que tinhas o abrigo mais ameno?
Que canto em teu louvor entoaria?
 Que te podia dar o Pastor pobre?
Que extremos, mais do que eu, por ti faria?
O meu rebanho estas montanhas cobre:
 Eu os excedo a todos na harmonia;
 Mas ah que elle he feliz! Isto lhe sóbre.

LXVI.

N Aõ te affuste o prodigio : eu, Caminhante
 Sou huma voz , que nesta selva habito
 Chamei-me o Pastor Fido ; de hum delicto
 Me veyo o meu estrago ; eu fui amante.
 Huma Ninfa perjura , huma inconstante
 Neste estado me pös : do peito afflicto ,
 Por eterno castigo , arranco hum grito
 Que dezengane o peregrino errante.
 Se em ti se dá piedade , ó passageiro ,
 (Que affim o pede a minha sorte escura)
 Attende ao meu avizo derradeiro :
 Lagrimas não te peço , nem ternura :
 Por voto hum dezengano , te requieiro
 Que confagres á minha sepultura.

LXVII.

N Aõ te cazes com Gil, bella Serrana; (trado
 Que he hum vil , hum infame, hum dezel
 Bem que elle tenha mais devêza , e gado
 A minha condiçãõ he mais humana.
 Que mais te pode dar sua cabana ,
 Que eu aqui te não tenha aparelhado ?
 O leite , a fructa , o queijo , o mel dourado
 Tudo aqui acharás nesta choupana:
 Bem que elle tange o seu rabil grosseiro ,
 Bem que te louve assim , bem que te adore
 Eu sou mais extremo, e verdadeiro.
 Eu tenho mais razaõ , que te enamore :
 E se não, diga o mesmo Gil vaqueiro: (chor
 Se he mais, que elle te cante, ou que eu

SONETOS.
LXVIII.

37
A Penas rebentava no Oriente
A clara luz da Aurora, quando Fido;
O repouzo deixando aborrecido,
Se punha a contemplar no mal, que sente;
Vê a nuvem, que foge ao transparente
Annuncio do crepúsculo luzido;
E vê de todo em rizo convertido
O horror, que dissipara o rayo ardente.
Porque (diz) esta sorte, que se alcança
Entre a sombra, e a luz, não sinto agora
No mal, que me atormenta, e que me cança!
Aqui toda a tristeza se melhora:
Mas eu sem o prazer de huma esperança
Passo o anno, e o mez, o dia, a hora.

LXIX.

S E á memoria trouxeres algum dia,
Bellissima tyranna, Idolo amado,
Os ternos ays, o pranto magoado,
Com que por ti de amor Alfeo genia;
Confunda-te a soberba tyrannia,
O odio injusto, o violento dezagrado;
Com que atraz de teus olhos arrastado
Teu ingrato rigor o conduzia.
E já que em fim tão mizero o fizeste,
Vello-has, cruel, em premio de adorar-te,
Vello-has, cruel, morrer; que assim quizeste!
Dirás, lizongeando a dôr em parte:
Fui-te ingrata, Pastor; por mim morreste;
Triste remedio a quem não pôde amar-te!

LXX.

B Reves horas, que em rapida porfia
 Ides seguindo o infausto movimento,
 Oh como o vosso curso foi violento,
 Quando soubestes, que eu vos possuia!
 Já credito vos dava; porque via
 Avultar meu feliz contentamento:
 Que he muy facil n'hum triste estar attento
 Aos enganos, que pinta a fantazia.
 Logrou-se o vosso fim; que foi levar-me
 Da falsa gloria, do fingido gosto
 Ao cume, donde venho a despenhar-me:
 Assim a lei do fado tem disposto,
 Que haja o instantaneo bem de lizongear-me
 Porque o estrago, me diga, que he supposto

LXXI.

E U cantei, não o nego, eu algum dia
 Cantei do injusto Amor o vencimento
 Sem saber, que o veneno mais violento
 Nas doces expressoens falso encobria.
 Que Amor era benigno, eu persuadia
 A qualquer coração de Amor izento;
 Inda agora de Amor cantara attento,
 Se lhe não conhecera a aleivozia.
 Ninguem de Amor se fie: agora canto
 Sómente os seus enganos; porque sinto,
 Que me tem destinado estrago tanto.
 De seu favor hoje as quimeras pinto:
 Amor de huma alma he pezarozo encanto;
 Amor de hum coração he labyrintho.

SONETO.
LXXII.

37

Já rompe, Nize, a matutina Aurora
O negro manto, com que a noite escura,
Suffocando do Sol a face pura,
Tinha escondido a chama brilhadora,
Que alegre, que suave, que sonora,
Aquella fontezinha aqui murmura!
E nestes campos cheyos de verdura
Que avultado o prazer tanto melhora?
Só minha alma em fatal melancolia,
Por te não poder vêr, Nize adorada,
Não sabe inda, que coiza he alegria;
E a suavidade do prazer trocada,
Tanto mais aborrece a luz do dia,
Quanto a sombra da noite mais lhe agrada.

LXXIII.

Quem se fia de Amor, quem se assegura
Na fantastica fé de huma belleza,
Mostra bem, que não sabe, o que he firmeza,
Que protesta de amante a formozura.
Anexa a qualidade de perjura
Ao brilhante esplendor da gentileza,
Mudavel he por ley da natureza,
A que por ley de Amor he menos dura.
Destê, ó Fabio, que vês, dezordenado,
Ingrato proceder se he que examinas
A razão, eu a tenho decifrado:
São as settas de Amor tão peregrinas,
Que esconde no gentil o golpe irado;
Para lograr pacifico as ruínas.

SONETOS:
LXXIV.

Sombrio bosque, sitio destinado
 A' habitação de hum infeliz amante;
 Onde chorando a magoa penetrante
 Possa dezaforçar o seu cuidado;
 Tudo quieto está, tudo calado;
 Não ha féra, que grite, ave, que cante
 Se acazo saberás, que tens diante
 Fido, aquelle Pastor dezesperado!
 Escuta o cazo seu: mas não se atreve
 A erguer a voz; aqui te deixa escrito
 No tronco desta faya em cifra breve:
 Mudou-se aquelle bem; hoje he delito
 Lembrar-me de Marfiza; era muy leve:
 Não ha mais, que attender; tudo está duto

LXXV.

CLara fonte, teu passo lizongeiro
 Para, e ouve-me agora hum breve instante
 Que em paga da piedade o peito amante
 Te será no teu curso companheiro,
 Eu o primeiro fui, fui o primeiro,
 Que nos braços da Ninfa mais constante
 Pude vêr da fortuna a face errante
 Jazer por gloria de hum triunfo inteiro.
 Dura mão, inflexivel crueldade
 Divide o laço, com que a gloria, a dita
 Atara o gosto ao carro da vaidade;
 E para sempre a dôr ter n'alma escrita,
 De hum breve bem nasce immortal saudade,
 De hum caduco prazer magoa infinita.

LXXVI.

EM fim te hei-de deixar, doce corrente
 Do claro, do suavissimo Mondego;
 Hei-de deixar-te em fim; e hum novo pego
 Formará de meu pranto a copia ardente.
 De ti me apartarei; mas bem que auzente,
 Desta lira serás eterno emprego;
 E quanto influxo hoje a dever-te chego,
 Pagará de meu peito a voz cadente.
 Das Ninfas, que na fresca, amena estancia
 Das tuas margens humidas ouvia,
 Eu terei sempre n'alma a consonancia;
 Desde o prazo funesto deste dia
 Seraõ fiscais eternos da minha ancia
 As memorias da tua companhia.

LXXVII.

NAõ há no mundo fé, não ha lealdade;
 Tudo he, ó Fabio, torpe hypocrizia;
 Fingido trato, infame aleivozia
 Rodêaõ sempre a candida amizade.
 Veste o engano o aspecto da verdade;
 Porque melhor o vicio se avalia:
 Porém do tempo a mizera porfia,
 Duro fiscal, lhe mostra a falsidade.
 Se talvez descobrir-se se procura
 Esta de Amor fantastica apparencia,
 He como á luz do Sol a sombra escura;
 Mas que muito, se mostra a experiencia,
 Que da amizade a torre mais segura
 Tem a baze mayor na dependencia!

SONETOS.
LXXVIII.

C Ampos, que ao respirar meu triste peito
 Murcha, e secca tornais vossa verdura;
 Não vos affuste a pallida figura,
 Com que o meu rosto vedes tão desfeito.
 Vós me vistes hum dia o doce effeito
 Cantar do Deos de Amor, e da ventura;
 Isto já se acabou; nada já dura;
 Que tudo á vil desgraça está sujeito.
 Tudo se muda em fim: nada ha, que seja
 De tão nobre, tão firme segurança,
 Que não encontre o fado, o tempo, a inveja.
 Esta ordem natural a tudo alcança;
 E se alguém hum prodigio ver dezeja,
 Veja meu mal, que só não tem mudança.

LXXIX.

E Ntre este álamo, ó Lize, e essa corrente,
 Que agora estaõ meus olhos contemplando,
 Parece, que hoje o Ceo me vem pintando
 A magoa triste, que meu peito sente.
 Firmeza a nenhum delles se consente
 Ao doce respirar do vento brando;
 O tronco a cada instante meneando,
 A fonte nunca firme, ou permanente.
 Na liquida porção, na vegetante
 Cópia daquellas ramas se figura
 Outro rosto, outra imagem semelhante:
 Quem não sabe, que a tua formozura
 Sempre immovel está, sempre inconstante,
 Nunca fixa se vio, nunca segura?

SONETOS.

4*

LXXX.

Quando cheyos de gosto, e de alegria
 Estes campos divizo florecentes,
 Entaõ me vem as lagrimas ardentes
 Com mais ancia, mais dôr, mais agonia:
 Aquelle mesmo objecto, que desvia
 Do humano peito as magoas inclementes;
 Esse mesmo em imagens differentes
 Toda a minha tristeza dezafia.
Se das flores a bella contextura
 Esmalta o campo na melhor fragrancia,
 Para dar huma idéa da ventura;
Como, ó Ceos, para os ver terei constancia;
 Se cada flor me lembra a formozura
 Da bella cauzadora de minha ancia?

LXXXI.

Junto desta corrente contemplando (ro;
 Na triste falta estou de hum bem, que ado-
 Aqui entre estas lagrimas, que choro,
 Vou a minha faudade alimentando.
Do fundo para ouvir-me vem chegando
 Das claras Hamadiades o côro;
 E desta fonte ao murmurar sonoro,
 Parece, que o meu mal estiõ chorando.
Mas que peito hade haver taõ dezabrido,
 Que fuja á minha dôr! que ferra, ou monte
 Deixará de abalar-se a meu gemido!
Igual cazo não temo, que se conte;
 Se athé deste penhasco endurecido
 O meu pranto brotar fez huma fonte.

SONETOS.
LXXXII.

P Iedozos troncos , que a meu terno pranto
Commovidos estais , huma inimiga
He quem fere o meu peito , he quem me obriga
A tanto suspirar , a gemer tanto.
Amei a Lize ; he Lize o doce encanto ,
A bella occasiaõ desta fadiga ;
Deixou-me ; que quereis , troncos , que eu diga
Em hum tormento , em hum fatal quebranto
Deixou-me a ingrata Lize : se alguma hora
Vós a vedes talvez , dizei , que eu cego
Vos contei . . . mas calai , calai embora.
Se tanto a minha dôr a elevar chego ,
Em fé de hum peito , que tão fino adora
Ao meu silencio o meu martyrio entrego

LXXXIII.

P Olir na guerra o barbaro Genticio ,
Que as leys quazi ignorou da natureza ;
Romper de altos penhascos a rudeza ,
Dezentranhar o monte , abrir o rio ;
Esta a virtude , a gloria , o esforço , o brío
Do Russiano Heroe , esta a grandeza ,
Que igualou de Alexandre a fortaleza ,
Que venceo as desgraças de Dario ;
Mas se a ley do heroismo se procura ,
Se da virtude o espirito se attende ,
Outra idéa , outra maxima o segura :
Lá vive , onde no ferro não se accende ;
Vive na paz dos povos , na brandura :
Vós a ensinai , ó Rey ; em vós se aprende

SONETOS.
LXXXIV.

43

A Pre Giano il gran Tempio ; orrido, e nero,
 Tutto scomposto 'l crin , Marte s' adira ;
 Ecco l' armi , l' insegne ; ecco s' aggira
 Con torbidi rugitti 'l Leon Ibero :
 Lascia i freddi Trioni 'l Duce altero ;
 Viene sopra di noi la strage , e l' ira ;
 Altro , fuor che vendetta , non respira
 Il Ebro audace , il Rhodano guerriero :
 Par , che già d' Acheronte in sulla spuma ,
 Del Dio feroce lampeggiando il volto ,
 Vaghe schiere d' Eroi varcano il fiume ;
 Oh Dei ! tutto è in terrore il mondo accolto :
 Ma che auspizio è mai questo ! contro il Nume,
 D' Andrada sol , d' Andrada il nome ascolto.

LXXXV.

S Posi felici , per la vostra face
 Splenda di Portugal provido il Nume ;
 Portando à noi la sospirata pace ,
 Della Madre d' Amor fra l' auree piume.
 Fatte , che a prò di noi la Diva audace
 L' empia ruota suspenda: entro il suo fiume
 Spirar non vegga il vostro amor verace
 Il Domator de le Tartaree spume.
 Vivete in dolce nodo : altre faville
 Il ciel non secondó così giocondo ;
 Amor , che l' inspiró , Amor nutrille.
 Sorger vegg' io dal thalamo fecondo
 Frá mille gioje , frá trionfi mille
 E gloria a Portugal , e gloria al mondo!

SONETOS.
LXXXVI.

DE così degno Eróe la Regia fronte
 Cinga d'eterno allor, chi virtude ama
 Che il ciel la gloria sua per altro chiama:
 Sentier, che guida a piú sicuro monte.
 Non di Parnaso, non d'audace fonte
 I fiori, ed i cristalli alla sua fama
 Omaggio esser potran; ciascun, che brama
 I suoi meriti lodar, lodi à piú pronte.
 Voto faccia di voglia assai sincera,
 Dell'anima tributo sia la fede;
 Questa vittima ei solo ama, ei la spera.
 Non piú l'Eróe, mortali, da voi chiede;
 Il non sprezzar la vostra fé si vera,
 E' de tributi vostri ampia mercede.

LXXXVII.

S Orprezo de così sonori accenti,
 Non ó ragion, che basti; ó Vate degno
 A consecrare al tuo discreto ingegno
 Questi voti, non só, se assai cadenti.
 Udir credei a intempestivi eventi
 Tutto il Pindo sonar, si che à tal segno
 Forse non dubitai del crudo regno
 Frenasse Orpheo gli spiriti inclementi.
 Questa dal mondo poi giammai probata
 Beltá da labri tuoi abbia l'ardore
 D'en sí rozzo paese essere amata.
 Ed io pur non havró culto maggiore,
 Che render vada a la tua Musa grata,
 Fuor di quel del silenzio fido onore.

LXXXVIII.

Non ó valor, che basti; io corro in vano
 A ricoprirmi del pesante scudo;
 Senza armi'l fen, senza armi'l cor ignudo
 S'abbandona al tuo strale, Amor infano.
L'Idolo mio, che m'offre in volto umano
 Beltá quasi divina, al petto rudo
 Si suave gli porge il velen crudo,
 Che orror non ó nel venerar la mano.
Reggi'l colpo; la strage io non pavento;
 Ti daranno, crudel, poca victoria
 La mia ruina, il mio duol, il mio tormento:
Saremmo entrambi esempi a grata istoria,
 Tu mostrando il tuo tardo pentimento,
 Io nel martir trovando la mia gloria.

LXXXIX.

Misera rimembranza, che mai tenti!
 Perché venirmi tormentando ancora!
 Non m' accordar, ti chiedo, la dolce ora
 De' primi miei suavissimi contenti.
Furono brevi; e sono così lenti
 I passi tuoi, che nella grata Aurora
 Del mio piacer, io ritrovai tallora,
 In sembianza di gioja i miei tormenti!
Ah non lasciassi mai la spiaggia aprica,
 Per girne in grembo al procelloso flutto;
 Allor, che si mostró la sorte amica.
Non sarebbe il mio ben per lei distrutto;
 Né havrei nel alma una crudel fatica,
 Che tutto afflige, e che sconsola tutto.

XC.

E Sci d'ingano , ó Nice ; io non t'adoro ;
 Chi ti parla così , parla sincero ;
 Mi piace 'l volto tuo ; mi piace , é vero ;
 Ma non mi punse Amor col' strale d'oro .
 Piangon gl' amanti ovunque ; i voti loro
 Sono tributi d'immortal pensiero :
 Or vedi ; io son tranquillo , io sono altero ;
 Io non sento fatica , ed ó ristoro .
O non é amore , o pur , s' amor si chiama ,
 D'ogni d'amor martiro l'ordin muta ,
 Ch' in tanti cuori 'l suo trionfo acclama ;
 Ma che mai vanta l' alma d' assoluta !
 Ricanteró : Questa alma altro non brama ;
 Che nel incendio tuo restar perduta .

XCI.

N On parlarmi d' amor , ingrata Nice ;
 Ch'io non ó già per te questi pensieri ;
 Credulo a tanti affetti lusinghieri
 T'adorai , non te 'l nego ; era infelice :
Il vecchio disinganno or odo ; ei dice :
 Folle che sei ! come adorar gl'alteri
 Transporti puoi d'affanni così fieri ?
 Ei parla ; ed i suoi detti ascoltar lice !
Saggio dunque 'l rimprovero del cuore
 Nel piú vivo lo stampo , ed il consiglio
 Per seguitar , ó Nice , ó gran valore :
Augel faró , che fuor del cauto artiglio
 Per fuggire a tuoi lacci andró , Amore ,
 Portando in fronte il volto del periglio .

XCII.

D Olci compagni miei, dolce mia cura;
 Consolate 'l mio duol; se pur vi piace
 Rendermi quella sospirata pace,
 Che mi toglie crudel la mia sventura;
 Senza la vostra compagnia oscura
 Parmi del Sol la scintillante face;
 Sul' orme vostre 'l mio pensier seguace
 Tutto ciò, ch'è diletto, odia, e scongiura;
 Altro ciel, altre genti astri infelici
 Mi sforzano à veder: mi fu ribelle
 La mia forte; e son tutti miei nemici.
 Ma se vedervi piú negan le stelle,
 Vi priego almen pe' suoi bei lumi, Amici;
 Curate la mia Nice, e le sue agnelle.

XCIII.

D Olci parole, or piú non fiete quelle:
 Nice, a cui piacqui un giorno, or me de
 E le pupille sue, un tempo fide, (ride
 Or sono a danni miei barbare stelle.
 Piú costante, che incontro alle procelle
 Seoglio, che urtano i venti, e le onde infide;
 Quanto piú col rigor crudel m'uccide,
 Tanto ardo piú per le sue luci belle.
 Quell' ira sua, cred' io, del amor mio
 Alimento é tal volta, e dell' imparo;
 Per strugermi a suoi rai, nov' arti anch' io;
 Pur non veggo 'l Destin, con mé si avaro,
 Se del suo sdegno a stimol cosi rio
 Sento l' incendio, Amor, esser piú chiaro;

XCIV.

N On lasciarmi , crudel ; quella , ch' io rēta
 Vittima volontaria dal mio cuore (do
 E ben degna di te , se pur l' amore ,
 Se pur il premio tuo non ti contendo .
Io senza speme a la tua luce attendo ,
 Come Clicie tallor : se del maggiore
 Pianeta ogn' un' adora lo splendore ,
 Senza ch' il raggio l' urte , 'l va sieguendo .
Ma tu fuggi , crudel ! Ah ! non son io
 Inteso a divorarti , ó mostro , ó fiera ;
 Placarti voglio con il pianto mio .
Se pur muoverti ancor l' alma non spera ;
 Questo , barbara , (oime !) questo desio
 Pera , ma innanzi a tuoi bell' occhi pera .

XCV.

D El tuo Fileno alla incerata avena
 Ferma , Nice crudel , ferma le piante ;
 Mentre in tua lode 'l Pastorello amante
 Dolce fa risonar la selva amena .
Vedi , come di gioja in questa arena
 Tutto par ch' innamorare 'l tuo semblante ;
 Il feroce Leon , la Tigre errante ,
 Il mar , che freme , il ciel , che ne balena .
Di sopra questo sasso ah ben vegg' io
 Giungerli intorno a me del tuo bel nome
 Al ecco amato di Protheo la gregge :
 Tutto vien' ad udirmi ; é pieno il rio
 De gl' umidi abitanti ; e (non so come)
 Altra legge non an , che la tua legge .

XCVI.

E Rra d' intorno a me l' ombra onorata
 Di quella dolce, incantatrice Donna,
 Che cinta or de piú lucida corona
 Splende fra gl' Astri alla mia fede ingrata.
 Io la riveggo in torvo aspetto irata;
 Or m' acciua, or mi siegue, or m' abbandona;
 L'orribil voce mi spaventa, e sona,
 Comme fiamma di Giove in ciel v brata.
 Qual misero destin (oh Dei! qual forte
 Amor mi dié! vieggo la face mia,
 Fuggo, tremo, m' aghiaccio, e non son forte:
 M' accordo allor, che al fianco in ogni via
 La seguitai: oh quanto, Amor, la morte
 Quanto fá, quanto mutta, quanto oblia!

XCVII.

Q uesto, che la mia Musa oggi a te rende,
 Indegno omaggio di beltá si rara,
 Non lo sdegnar, ti chiedo, ó Nice cara,
 Nice, di ch' il bel volto il cor m' accende.
 Di mertí tuoi quel, ch' il mio canto prende,
 Onorato argomento (ó legge amara!)
 D' umili voci alla cadenza avara
 Non si concede, fugge, e se difende:
 Desti nel alme poi la mera viglia
 Del nome tuo quel dissonante accento,
 Che preziosi i miei voti mi consiglia:
 A così dolce indulto andró contento,
 Se tu di Citheréa, di Giove figlia,
 Non disapprovi, ó Nice, 'l mio contento.

SONETOS.
XCVIII.

D Estes penhascos fez a natureza (dará)
 O berço, em que nasci: oh quem cur
 Que entre penhas tão duras se creara
 Huma alma terna, hum peito sem dureza!
 Amor, que vence os Tigres, por empreza
 Tomou logo render-me; elle declara
 Contra o meu coração guerra tão rara,
 Que não me foi bastante a fortaleza.
 Por mais que eu mesmo conhecesse o damno
 A que dava occasião minha brandura,
 Nunca pude fugir ao cego engano:
 Vós, que ostentais a condição mais dura,
 Temei, penhas, temei; que Amor tyranno
 Onde há mais rezistencia, mais se apura.

XCIX.

P Arece, ou eu me engano, que esta fonte
 De repente o licor deixou turvado;
 O Ceo, que estava limpo, e azulado,
 Se vay escurecendo no Orizonte:
 Porque não haja horror, que não aponte
 O agouro funestissimo, e pezado,
 Athe de susto já não pasta o gado;
 Nem huma voz se escuta em todo o monte.
 Hum rayo de improvizo na celeste
 Região rebentou: hum branco lirio
 Da cõr das violetas se reveste;
 Será delirio! não, não he delirio.
 Que he isto, Pastor meu? que anuncio he este?
 Morreo Nize (ay de mim!) tudo he martirio.

C.

Muzas, canoras Muzas, este canto
 Vós me inspirastes, vós meu tenro alento
 Erguestes brandamente á aquelle assento,
 Que tanto, ó Muzas, prézo, adoro tanto.
 Lagrimas tristes são, magoas, e pranto,
 Tudo o que entôa o muzico instrumento;
 Mas se o favor me dais, ao mundo attento
 Em assumpto mayor farei espanto.
 Se em campos não pizados algum dia
 Entra a Ninfa, o Pastor, a ovelha, o touro;
 Effeitos são da vossa melodia; (ro
 Que muito, ó Muzas, pois, que em fausto agou;
 Cresçaõ do patrio rio á margem fria
 A immareescivel hera, o verde louro!

37



*A morte do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Gomes Freyre de Andrada, Conde da Bobadella, Governador, e Capitão General do Rio de Janeiro. e Minas.
 &c. &c. &c.*

EPICEDIO I.

A Ti me chego, ó Mauzoléo sagrado ;
 De hum alto Heroe deposito adorado ;
 Permite, que aos impulsos do gemido,
 Das lagrimas, dos ays, corra advertido
 A venerar as cinzas, que sepultas.
 Sei, que ambiciozo huma reliquia occultas
 Do mais raro Varaõ, que aponta a historia
 Nos eternos volumes da memoria :
 Daquelle, que proposto, como espelho
 De huma inteira virtude, no conselho,
 Na execuçaõ mostrou, que unir sabia
 As leys da temperança, e da valia,
 Sustentando por modo estranho, e raro
 Do Monarca o amor, do povo o amparo ;

Sei, que guardas (eu digo) nas entranhas
 O generoso braço, que ás campanhas
 Deu assombro, e terror; sei (porque tudo
 Explique de huma vez) que no horror mudo
 Desse cofre soberbo a estranha dita
 De hum Andrada immortal se depozita;
 Que no busto fatal a estampa grata
 Do mais distincto Freyre se retrata;
 Que se guarda, e se adora a imagem bella
 Desse Conde feliz de Bobadella,
 Ao romper o clamor das tristes vozes,
 Ao soltar estas clauzulas velozes,
 Oh qual ecco de dor, de pena, e pranto
 Se vê corresponder a impulso tanto!
 Em lagrimas se rompe o peito afflicto:
 De sombras veste o Ceo; ao triste grito
 Soluça o ar, os elementos gemem;
 Todos da terra os fundamentos tremem;
 E parece, que a funebre saudade
 Não encontra na vasta immensidade (fera;
 De hum mundo, que comprehende, aquella es-
 que para o dezafoço achar quizera.
 Mas que muito, que ao lugubre gemido
 Se altere, e cresça o universal ruido,
 Se perde Portugal, se o mundo perde
 Aquella sempre firme, sempre verde
 Rama da heroicidade Transtagana!
 Se em fim de toda a gloria Luzitana
 Hum só Heroe, que encherá o fasto inteiro,
 Hoje vem a jazer por derradeiro
 Deste calado horror no abrigo triste!
 Aqui todo o valor de Marte assiste;

'Aqui jaz todo o alento da piedade ;
 Aqui o desempenho da lealdade ,
 O magnifico , o sabio , o recto , o activo ,
 O liberal , constante , discursivo ,
 Prudente , valerozo : ah que a tal brado
 Confunde-se a razao , pasma o cuidado !

Amplificar a esplendida figura
 De seus dotes quizera : abra a escultura
 Dos porticos a Fama : os olhos entrem ;
 Registrem as estampas ; reconcentrem
 A longa admiracao : desde a corrente
 Do cristalino Tejo oh que valente
 Neste quadro respira ! Aqui tingindo
 Do sangue Ibero as preciosas veas ,
 Roxas tornando as pallidas areas ,
 Une de Portugal ao sceptro egregio
 Tantos novos trofeos ; o privilegio
 De seu braço immortal quanto se acclama ;
 Quando em Campo Mayor o cinge a rama ;
 Por triunfar co' as Luzitanas Quinas !
 Tu , soberba Castella , entre as ruinas
 De teus muros o choras ; o teu susto
 Lá lhe soube tecer o louro agosto ,
 Com que a pesar de tanto pranto , e magoas
 Enobreceo do Guadiana as agoas.

Esse ferro , que agora dependura
 Tinto de sangue a fama , te assegura ,
 Afflicto Portugal , as leys , e o throno.
 Da tua permanencia o eterno abono
 Deves á aquella espada ; ella se ensaya
 Nos illustres Avós : qual em Cambaya
 O seu nome deixou ! qual em Quilôa

Debuxa o feu brazaó ! lá vive em Gôa
 A memoria do sangue : honrado emblema
 São de tanta virtude em nobre lema ,
 Entre as chamas dos bellicos alfanges ,
 As ancias do Indo , as lagrimas do Ganges.
 Feliz ó Portugal , feliz mil vezes
 Tu , que para esplendor dos Portuguezes
 Deste ferro a memoria tens guardado !
 Se queres ser no mundo respeitado
 Pela virtude , outro brazaó não tomes ,
 Que ser Patria dos Freyres , e dos Gomes.
 Quem haverá , que a competir se atreva ;
 Quando (porque immortal ouvir se deva)
 Desde o teu berço este pregaõ respire !
 Eu te prometto ; que por mais , que gire
 O Planeta da luz , outro portento ,
 Outra estirpe mayor em todo o alento
 Da fama se não logre : aqui se estende ,
 Aqui se alcança , aqui se comprehende ,
 Tudo , quanto por gloria , e por vaidade ,
 Engrandece o esplendor da heroicidade.
 Mil seculos , e mil se tem passado ,
 Desde que o Ceo com provido cuidado
 Vem lavrando a feliz genealogia
 De Varoens taõ fieis : a Monarquia
 Os honra no solar de Bobadella
 Em hum Nuno , hum Bermudes , hum Fruella ;
 Hum Rodrigo , hum Forjás , Peres , Fernandes ,
 Hum Mendes , hum Pauzona , e outros Grandes ,
 Que apontaõ com espiritos sublimes
 A Deziderio , Rey dos Longobardos.
 Estes os immortais progenitores ,

Que intimando no exemplo dos suores
 A imitação de hum Freyre , em gloria estranha
 Enchem a Portugal , a Italia , e Hespanha ,
 As Barras inculcando por diviza
 No brazaõ , que o seu nome solemniza.

Mas como em hum só quadro me detenho,
 Admirando o valor ! se o dezempenho
 De outras tantas virtudes tem chegado
 A encher da fama o generoso brado !
 Falle a acorde harmonia , com que o vejo
 Temperando o governo : Aqui do Tejo
 A Nau soberba se dezata ; aonde
 O valerozo espirito se esconde ;
 Que ao Antartico clima foi mandado
 A governar todo o Paiz dourado.

Este he das Minas , este o aureo emisferio ?
 Nobre porção do Luzitano Imperio :
 Aqui , ó Rey , ao meu Heroe confias
 As rédeas do governo. De teus dias
 A dilatar o esplendido progresso
 Terias outro abono ! Eu não conheço.

Vê , qual dezinteresse o acredita
 Digno de teu favor : entre a exquisita
 Copia de tanto Ofir , a prata , o ouro ,
 O topazio , as safiras , o thezouro
 Dos diamantes , que a terra dezentranha ,
 Não sabem conceber a empreza estranha
 De attrahir-lhe a ambição : ao seu desprezo
 Serve apenas de objecto o rayo accezo
 Do preciozo metal : a alma se cria
 Com tão nobre , louvavel rebeldia ;
 Que nada menos a molesta , e cança ,

Que sustentar a solida aliança,
 Que fez com a justiça: este progresso
 Ganha em teu peito o luminoso apreço
 De hum vassallo fiel, nelle guardando
 De tres governos repartido o mando.

O Rio de Janeiro lhe obedece;
 De São Paulo o emporio reconhece
 A alta moderação; e as Minas d'ouro
 Se esclarecem, tecendo o fausto agouro.
 Mas oh, e com que inteiro movimento
 A propagar do sceptro o Regio augmento,
 A pezar do trabalho, a mão se applica,
 Quando o pezo se dobra, ou se triplica!
 Como a sagrada ley primeiro objecto
 He da sua intençaõ, o alto projecto
 De encher a obrigação do cargo illustre
 Quanto na execuçaõ lhe esforça o lustre!

De Némefis, parece, que a balança
 Nunca teve outro ponto; a segurança
 Do fiel observou tão finamente,
 Que se o digno se alegra, o delinquente
 Não accuza o castigo: a pena, o premio,
 Achando na justiça igual o gremio,
 Sahião d'entre as mãos tambem pezados;

Que se viraõ talvez equivocados
 O prazer, e a dor: louya o afflicto
 A justa punição do seu delicto;
 E chora o benemerito, no susto
 De não ser immortal Heroe tão justo.

Prompto o despacho, a supplica attendida,
 Castigada a maldade, agradecida
 A rectidão, a idéa vigilante

Naõ conhece repouzo hum só instante :
 Em fim o seu descanso , o seu socego
 He só a instancia do zelozo empregõ.

Oh ! que estranha se inculca a nobre idéa
 Deste faudozo Heroe ! Tanto de Astréa
 O espirito igualou , que ao Rey , ao povo
 Soube conciliar por modo novo.

O vasto emporio das douradas Minas
 Por mim o fallará : quando mais finas
 Se derramaõ as lagrimas no imposto
 De huma capitação , clama o desgosto
 De hum Paiz decadente ; e ao seu gemido
 Se enternece piedozo o esclarecido ,
 O generozo Heroe : ao Soberano
 Conduz a queixa , representa o damno.

Chega o remedio pela mão piedoza ,
 Ministra do favor ; menos penoza
 Já se modera a impozicão : contente
 Já ri o povo , já se alegra a gente.
 Lizongeiro o prazer cada hum descobre ,
 Os pequenos , o grande , o rico , o pobre.

Oh alma grande ! oh alma esclarecida !
 Digna de ser guardada , ser nutrida
 Na pompa dos Elizios , entre os bellos
 Espiritos dos Elios , dos Metellos ,
 Dos Scipioens , Themistocles , Zopiros ,
 E outros , que em felicissimos retiros
 Gozando estaõ as auras lizongeias ,
 Em premio desse amor , com que as primeiras
 Fadigas de hum solcito cuidado
 Pelo Rey , pela Patria haõ consagrado.

Estes os fructos saõ dessa doutrina ,

Que bebeste na candida officina
De huma ethica innata : alli se alcança
Aquelle inalteravel confiança,
Que em ti sabes firmar, mostrando ao mundo,
Com desprezo da inveja, o mais profundo,
Pozitivo esplendor, que te reserva,
Superior à emulaçó proterva.

Que importa, que de estrada dissonante
Seguindo outros talvez o curso errante,
Assegurar pertendaõ sobre o throno
De hum alto valimento o Regio abono;
Se essa idéa injustissima, que os guia,
Estragando os dezignios, algum dia
Fará gemer com lastima importuna
O mal seguro alento da fortuna!

A idéa mais feliz de ser aceito
A' vontade de hum Rey, he ter o peito
Sempre animado de hum constante impulso
De amar ó que for justo : este acredita
Ao servo, que obedece ; felicita
Ao Rey, que manda ; este assegura a fama ;
Este extingue a calumnia, e apaga a chama,
De hum animo perverso, que atropella
O preciozo ardor de huma alma bella.
Pelos degraos desta feliz escada,
Subiste, ó Freyre excelso : ao braço, á espada,
Ou na civil Minerva, ou na Castrense,
Há hum Rey, que as fadigas te compense.
Triplica-te o governo ; honra-te o cargo ;
Teus meritos confessa ; hum campo largo
Aos premios abre ; a General te chama ;
Te fia os seus exercitos ; te acclama

Na Regia commissaõ seu substituto:
 De taõ alta virtude o egregio fructo
 Respira em fim no esplendido appellido,
 Titulo grande fim ; mas taõ devido,
 Que inda , que teus serviços ornar venha ;
 Cuido , que a Regia maõ naõ dezempenha.

Naõ te faz grande o Rey : a ti te debes
 A gloria de ser grande : tu te atreves
 Sõmente a te exceder : outro ao Monarca
 Deva o titulo egregio , que o demarca
 Entre os Grandes por Grande ; em ti louvado
 Só pôde ser o haver-te declarado.

Mas que muito , que a tanto Heroe assista
 Este influxo feliz , se elle conquista
 Com seus braços o Ceo ! elle dezata
 Com a maõ liberal a copia grata
 De tantos cabedais : he confiado
 Menos o soldo , para o nobre estado ;
 Que para sustentar com Regio empenho
 Do coraçãõ devoto o dezempenho.
 A dispendios do ardor , que a alma respira ;
 Alli aquelle portico se admira ;
 Por onde se abre ao mundo a excelsa entrada
 De huma caza , que a Deos he consagrada.

Tem de Thereza as religiosas filhas
 Alli hum santo abrigo : as maravilhas
 De hum zelo nunca visto alli se inculcaõ,
 Buscas o Author da nobre architectura!
 Queres saber , quem ergue essa estrutura ,
 O Dorico , o Corinthio frontispicio ?
 Esse marmore o diga : mas o indicio
 Na pedra se naõ grava ; oh que a piedade

Lhe encortou esse alento na vaidade!
 Foi providencia; não foi erro: ignora
 Esse marmore egregio a mão, que o fóra
 Dezentranhando desde a terra dura,
 Que o erguera e polira. O Heroe procura,
 Que se esconda o seu nome. Em gloria tanta
 O teu mesmo silencio he quem o canta.
 Vê, que o dogma Evangelico encommenda;
 Que a direita co' a esquerda não se entenda:
 E esta maxima tanto a Freyre agrada,
 Que athé com Deos a deixa praticada.
 Deu a Deos só por Deos: ao padraõ sobra
 Saber, que a Deos he consagrada a obra.
 E quem (ó Ceos!) quem há, que não prezuma
 Educado este espirito na summa,
 Penitente fadiga dos dezertos!
 Quem há, que estes estimulos despertos
 Não julg. na Thebaida mais austéra!
 Mas oh quanto a virtude mais se esmera
 Lá cultivada desde a tenra idade
 Entre a perversa, mizera vaidade
 Da militar licença; onde se apura
 Toda a relaxação, toda a soltura!
 Outro talvez de escola, que he tão fera;
 Razaõ de seus escandalos trouxera:
 Só acha Gomes da virtude a chama
 No Mavorcio exercicio: alli se inflamma
 Na alta meditação de hum pensamento,
 Que só em Deos contempla o fundamento
 De toda a humana gloria: na vigia,
 Nos sitios, nos ataques, na porfia
 Dos choques, dos assedios, lá protesta



Que a mão he só de Deos : nada lhe resta ;
 Que esperar de si mesmo : neste estudo
 Tudo se logra , se prospera tudo.
 Não me suspenda deste templo o objecto ;
 Discorra a admiração : o ardente affecto ,
 Com que se entrega ao Ceo , que bem se explica
 Nessas cazas de Deos ! elle se applica
 A Protector da caridade sancta.
 Com seu fervor congregaçõens levanta ;
 Onde aos pobres assista. O Paó Sagrado
 Se ministra aos enfermos : acha o afflictõ
 No carcere o favor ; para o delicto
 Se deputa Advogado : ao morto acode
 Com o supremo officio a mão piedosa.
 Tu , Villa Rica , tu , a mais faudoza ,
 Nessa caza de Deos , que hoje sustentas ;
 O choras , o suspiras , o lamentas .

Tu o choras , ó mundo : mas que digo !
 O Ceo o chora , o Ceo ; que o braço amigo
 Não fez mais grato o mundo , que fizera
 Agradecido o Ceo : elle quizera
 Este Heroe immortal ; a ley sagrada
 Da Providencia , a ley sempre adorada
 He , quem o rouba da ventura nossa ,
 Quem de nós o separa ; sem que possa
 Suspende-se a si mesma : he Providencia :
 Mas que digo ! he decreto ; he obediencia .

E quem sabe , se lá no eterno seyo
 Das idades futuras (não o creyo)
 Quem sabe , se a pezar da estranha inveja ,
 Outra alma tornará , onde se veja ,
 Para consolação desta ancia aguda ,

A virtude exemplar, que aqui se estuda!
 Em que tão largos seculos prepara
 O Ceo huma alma grande! o Tejo o diga;
 Se de Heroes Luzitanos na fadiga
 Deu á Fama, em idade dilatada,
 Outro Freyre, outro Gomes, outro Andrada:
 Consolação pezada eu te proponho,
 O Reyno, em tal memoria: sei, que choras
 Os breves dias, as ligeiras horas,
 Que lhe cortou o provido destino.
 Ah! se o viras no fusto intercadente
 Do mortal dezalento! o pranto infausto
 Se convertera em jubilo. O holocausto
 De huma alma pura elle feliz votava
 Ao Creador eterno; e se abraçava
 Com a celeste imagem de Thereza.
 Dos amigos, dos servos a tristeza
 Em melhor sorte converter queria.
 O alento pouco, e pouco se extinguia;
 E seguro da empreza... ah que emudeço!
 Eu pasmo; eu tremo; eu choro; eu desfaleço.
 Já roto, já quebrado o nobre escudo,
 Guarda o Genio o brazaõ: entre o horror mudo
 O Templo de Thereza já demanda
 Conduzido o cadaver; furda, e branda
 Se houve a harmonia do tambor guerreiro:
 Arrastaõ-se as bandeiras: pregoeiro
 He o rouco metal: o pó sulfureo
 Em salvas se dispende: huma ancia interna
 A pompa funeral rege, e governa.
 Cingido dos brandoens, que a magoa sofre;
 Prosegue logo em hum dourado cofre

O illustre coração. Oh quanto he digno
 De respirar eterno o ardor benigno,
 Que o nutrio, que o gerou! penhor sagrado
 Do caracter de hum Freyre fiel traslado.
 Deva ao balsamo, deva o beneficio
 De triunfar do infausito precipicio
 Dos annos; nelle achando a actividade,
 Que não pôde encontrar na humanidade.

Naõ pôde, excelso Heroe, não pôde esta anciedade
 Permittir mais esforços à constancia.
 A registrar de todo não me atrevo
 O Templo, que busquei: a cifra escrevo;
 Porque o mundo já mais de ti se esqueça.
 Aqui jaz... mas que digo! aqui começa
 A nascer a virtude: não se apaga
 Huma illustre memoria: não se estraga
 Huma excelsa reliquia; antes mais templos
 Se produzem da vida dos exemplos.

Oh! que enganadamente sollicito
 Achar letra, que explique aquelle invicto
 Espirito, que choro: em vão se atenda
 O risco, que lavrei. Tudo se emenda,
 Tudo já se desfaz. Se o nescio intento
 Eternizar procura o monumento,
 Seja tumulo o mundo. A cobertura
 Seja o Ceo: honre a esplendida figura
 Das faxas toda a luz, a impulso tanto,
 Suspiro o fogo, e Oceano o pranto.

Seu potius

Pro tumulo ponas orbem, pro tegmine cœlum
 Sydera pro facibus, pro lacrimis maria.

A' MORTE
DE
SALICIO.
EPICEDIO II.

E Spirito immortal, tu que rasgando
 Essa esfera de luzes, vás pizando
 Do fresco Elizio a região bem dita,
 Se nesses campos, onde a gloria habita,
 Centro do gosto, do prazer estancia,
 Entrada se permite á mortal ancia
 De huma dor, de hum suspiro descontente,
 Se lá reliquia alguma se consente
 Desta cançada, humana desventura,
 Não te offendas, que a victima tão pura,
 Que em meus ternos soluços te offereço,
 Busque seguirte, por lograr o preço
 Daquella fé, que há muito consagrada
 Nas aras da amizade foi jurada.

E

Bem sabes, que o suavissimo perfume;
 Que arder pôde do amor no casto lume,
 Os luores não são desse terreno,
 Que odorifero sempre, e sempre ameno,
 Em qualhadas porçoens Chypre dezata:
 Mais que os thezouros, que feliz recata
 A Arabica regiaõ, amor estima
 Os incensos, que a fé, que a dor anima,
 Abrazados no fogo da lembrança.
 Esta pois a discreta segurança,
 Com que chega meu peito saudozo,
 A acompanhar teu passo venturozo,
 Oh sempre suspirado, sempre bello,
 Espirito feliz: a meu desvello
 Não negues, eu te rogo, que constante
 Viva a teu lado sombra vigilante.

Inda que estejas de esplendor cercada,
 Alma feliz, na lucida morada,
 Que na pompa dos rayos luminosoza
 Pizes aquella esfera venturoza,
 Que a teu merecimento o Ceo destina;
 Nada impede, que a chama peregrina
 De huma saudade afflicta, e descontente,
 Te assista acompanhando juntamente.
 Antes razão será, que debuxada
 Em meu tormento aquella flor prostrada,
 Sol em teus resplendores te eternizes,
 E Clycie em minha magoa me devizes;
 Entre rayos crescendo, entre lamentos,
 Em mim a dor, em ti os luzimentos.

Se porém a infestar da Elizia esfera
 A continua, brilhante primavera

Chegar só pôde o lastimozo rosto
 Deste meu triste, funebre desgosto,
 Eu dezisto do empenho, em que deliro;
 E as azas encurtando a meu suspiro,
 Já não consinto, que seu vôo ardente
 A acompanhar-te suba diligente:
 Antes no mesmo horror, na sombra escuar
 Da minha inconsolavel desventura
 Eu quero lastimar meu fado tanto,
 Que suffocado em urnas de meu pranto,
 A tão funesto, liquido dispendio,
 A chama apague deste ardente incendio.
 Indigno sacrificio de huma pena,
 Que chega a perturbar a paz serena
 De humas almas, que em campos de alegria
 Gozão perpetua luz, perpetuo dia;
 Que adorando a concordia, desconhecem
 Os sustos, que da inveja os braços tecem;
 Que ignoraõ o rigor do frio inverno;
 E que em brando concerto, em jogo alterno
 Gozão toda a suavissima carreira
 De huma sorte rizonha, e lizongeira.
 Alli, entre os favonios mais suaves,
 A consonancia offenderei das aves,
 Que arrebatando alegres os ouvidos,
 Discorrem entre os circulos luzidos
 De toda a vegetante, amena estancia:
 Alli pois as memorias de minha ancia
 Não entraraõ, Salicio: que não quero
 Ser contigo tão barbaro, e tão fero,
 Que hum bem, em cuja posse estás ditozo,
 Triste magõc, infeste lastimozo.

Cá vivirá commigo a minha pena ;
 Penhor inextinguivel , que me ordena
 A sempre viva , e immortal lembrança.
 Ella me está propondo na vingança
 De meu fado inflexivel , ó Salicio ,
 Aquelle infausto , tragico exercicio ,
 Que os humanos progressos acompanha !
 Quem cuidara , que fosse tão estranha ,
 Tão perfida , tão impia a força sua ,
 Que maltratar pudesse a idade tua ,
 Adornada não só daquelle rayo ,
 Que anima a flor , que se produz em Mayo ;
 Mas inda de fructiferos abonos ,
 Que antecipa a cultura dos outonos !

 Sinco lustros o Sol tinha dourado
 (Breves lustros em fim , Salicio amado ,)
 Quando o fio dos annos encolhendo ,
 Foi Atropos a têa desfazendo:
 Hum golpe , e outro golpe preparava :
 Para empregallo a força lhe faltava ;
 Que mil vezes amaõ , ou de respeito ,
 De magoa , ou de temor , não pôs o effeito
 Dezatou finalmente o peregrino
 Fio , que já tecêra. Ah se ao destino
 Pudera embaraçar nossa piedade !
 Não te glorêes , tragica Deidade ,
 De hum triumpho , que levas tão precioso
 Dezar he de teu braço indecorozo ;
 Que inda que a furia tua o tem roubado ,
 A nossa dor o guarda restaurado.

 Vive entre nós ainda na memoria ,
 A que elle nos deixou , eterna gloria ;

Dispendios preziosos de hum engenho ,
 Ou já da natureza dezempenho ,
 Ou para a nossa dor só concedido.
 Salicio , o Pastor nosso , tão querido ,
 Prodigio foi no raro do talento ,
 Sobre toda o mortal merecimento ;
 E prodigio tambem com elle agora
 Se faz a magoa , que o lastima , e chora.

A luctuoza victima do pranto
 Melhor , que o immarcessivel amaranto ,
 Te cerca , ó alma grande , a urna triste ;
 O nosso sentimento aqui te assiste ,
 Em nenas entoando magoadas
 Hymnos saudozos , e cançoens pezadas.

Quizeramos na campã , que te cobre ,
 Bem que o tormento ainda mais se dobre ,
 Gravar hum epitafio , que declare ,
 Quem o tumulo esconde ; e bem que apare
 Qualquer engenho a penna , em nada atina.
 Vive outra vez : das cinzas da ruina
 Resuscita , o Salicio ; dicta ; escreve :
 Seja o epitafio teu : a cifra breve
 Mostrará no discreto , e no polido ,
 Que he Salicio , o que aqui vive escondido.



A' MORTE
 APRESSADA
 DE
 HUM AMIGO.
 EPICEDIO III.

C Ommigo fallas; eu te escuto; eu vejo,
 Quanto a pezar de meu lethargo, e pejo,
 Me intentas persuadir, ó sombra muda,
 Que tudo ignora, quem te não estuda.
 Há poucas horas, que hum activo alento
 Te dirigia o ardente movimento;
 E em breve instante (oh dor!) em breve instante
 Se torna em luto o resplendor brilhante.
 Arrebatado em vão te sollicito
 Por qualquer parte, que se estenda o grito;
 E aos eccos, ao clamor, que aos troncos passa,
 (Funestissimo avizo da desgraça)

Apenas falla, apenas me responde
 O dezengano, que esta penha esconde:
 Mas como em te encontrar minha ancia tarda,
 Se só este penhasco he, quem te guarda!
 Elle a faudade tua recommenda;
 Elle me escute pois, elle me attenda.
 Marmore bruto, que em teu seyo encobres
 Triste despojo de reliquias pobres,
 Eu me chego a escutar-te: a ouvir-te venho,
 Talvez de tanto ardor no heroico empenho,
 Ao credito mayor esta alma aspira.
 Se enlaçado nas redes da mentira
 Amei the agora o meu profundo somno,
 De tanto annuncio ao peregrino abono,
 Eu quero despertar: volta a fallar-me,
 O' dura penha: eu quero aconselhar-me
 Contigo mesmo. Que liçoens prudentes
 Hoje me estás dictando! Oh que eloquentes
 Fallaõ as sombras, os horrores fallaõ,
 Quando os alentos, quando as vozes calaõ!
 Dentro sepultas desse cofre infaussto
 De Aonio o resplendor, o lustre, o fausto.
 Debaixo jaz dessa fatal dureza
 Aquelle activo empenho, que a destreza
 De Minerva polio; o que esgotara
 D'alta Jurisprudencia a luz mais rara.
 Aqui sepultas, oh penhasco duro,
 (Tudo te digo) aquelle Amigo puro;
 Que auzente de minha alma hoje me ordena
 A companhia só da minha pena.
 No teu silencio encontro o dezengano
 Do caduco esplendor do alento humano.

Tu me dizes , quam pouco ao mundo importa
 Esta cançada vida , que fopporta
 Das fadigas o pezo intoleravel.
 Venturozo Baixel em golfo instavel
 Me finges , me figuras : brando o vento
 Ordenava a carreira ; solto o alento
 Das vellas, respirava a Nau segura;
 Tranquillo o mar com prospera brandura
 Sustentava o seu pezo : no accidente
 De ingrata tempestade de repente
 Se escandeliza o Ceo ; o mar se altera ;
 Rompem-se as vellas ; pela crespa esfera
 Vaga perplexo o lenho ; absorto vaga ;
 Já perde o rumo , e infeliz naufraga.

E que se espera entre a fatal ruina ?
 Que mais se espera ? se da luz benigna
 Se desperdiça o breve auxilio , ao menos
 Em quanto a nós os Zefyros serenos
 Nos influem propicios , indecizo
 Não vacille o discurso ; o obzequio , o rizo
 Deste mizero golfo se aproveite ,
 Abominando os vicios , e o deleite
 De tanto ardor profano : a razaõ venha ;
 E vendo , que no abismo se despenha ,
 De seus mesmos horrores triunfante
 Sobre tanto desmayo o ardor constante
 Da antiga Babilonia , que se estraga ,
 Novos alentos das ruinas traga.

Tudo, oh bruto penhasco me insinua
 O teu mesmo silencio , a sombra tua.
 E pois te encontro agora taõ propicio ,
 Só te quero rogar o beneficio

De que ao triste cadaver alguma hora
 A ancia ardente, com que esta alma o chora,
 Por ultimo favor lhe communiques.
 Peço-te, que de todo o certifiques
 Do muito, que o lastimo; e se ha piedade
 Nessa e ranha regiaõ, chegue a faudade,
 Que te consagro, ó extremo Amigo,
 Sempre a viver, sempre a morrer contigo.

*Ao Senhor Jozé Gomes de Araujo, De-
 zembargador do Porto, Provedor da
 Real Fazenda, e Vedor Geral da
 Gente de Guerra na Capitania
 das Minas Geraes.*

Éc. Éc. Éc.

ROMANCE.

S Abio, e recto Ministro, aquella idéa;
 Que eu formo desse espirito, alguma hora
 Hade chegar a dispensar-se ao mundo,
 Inda que em sombras de huma imagem tosca.
 Ver-se-há, que quanto a mão do Rey Augusto

Mais liberal , mais prodiga vos honra ;
Tanto o merito vosso os mesmos premios
Acredita , ennobrece , e condecora.

Entregue á vossa direcção prudente
Foi o Erario Real ; e apenas louva
A fortuna este bem , já vos admira
Cingir no Porto a Senatoria Toga.

Estes os louros são , que vos prepara
Vossa egregia virtude : que se de outra ;
Estranha mão brotassem produzidos ;
Não seria a ventagem tão precioza.

Do Real Decreto as clauzulas , que attendo
Destá mesma verdade hoje me informão :
Elle nos insinua , que os serviços
Com este novo ascenso se coroaõ.

Outro , que aos cargos do Concelho assiste
Vigilante Ministro , assim o abona ;
Quando nos diz ; que do interesse Regio
Vossa attenção se preoccupa toda.

Mas que muito , que o credito daquelles
Assim vos busque , assim vos corresponda ,
Se por vós , ó Ministro esclarecido ,
Fallaõ cheyas de alento as mesmas obras !

Seguindo os vossos passos , desde quando
Pizais das Minas as montanhas toseas ,
Que couza ha , que não seja testemunho
Do zelo , que distingue as acçoens vossas ?

Diga-o do Sabará na Regia caza ,
Onde do Erario se regula a soma ,
Aquella perspicacia nunca vista ,
Aquella sempre vigilancia prompta.
Velando pelo Rey que segurança

Naõ tem os seus Direitos ! menor sombra

Naõ pôde subsistir no engano indigno,

Da maldade huma vez cerrada a porta.

Este o theatro foi , onde a virtude

Mil padroens erigio á vossa gloria ,

Acreditando em diligencias graves

Do serviço Real vossa pessoa ,

Sem temer as distancias , e os perigos

Por asperos serroens , empreza heroica ,

Desde lá vos conduz a ver os matos ,

Onde o Paracatù seu termo logra.

Alli p. ovendo em equilibrio tudo ,

Quanto acredita da Justiça as normas ,

Desprezaste as calumnias ; e sómente

Dêste á verdade a subsistencia propria.

Vencidas neste giro (quem tal crera !)

Mais de trezentas legoas , a derrota

Terminais , respirando sem fadiga ,

Ao ver , que pelo Rey ella se abona.

Naõ bem cerraste os destinados dias

Do cargo de Intendente , já sem nota ,

Que infame a rezidencia , o Rey vos chama ;

Já da Fazenda o Tribunal vos goza.

E para seres com mayor ornato

Exposto a nossos olhos , vos colloca

Na Junta da Bahia , entre os que a Béca

Distingue , illustra , qualifica , approva.

Agora se outro alento me assiltira ,

Eu descrevera as peregrinas provas ,

Que fizeste avultar , juntando á aquellas ;

Que a Fama em tanto giro admira ab sortá.

Eu déra a conhecer , que neste emprego

Resplendeceo vossa virtude , posta
 No mais distincto grão : dissera ao mundo ;
 Que em vós do Erario se duplica a força ,

A força se duplica : pois se aquelle
 Sustenta o Reyno dispendido , a nova ,
 Interessante economia quanto

O zela mais , he certo o augmenta , e dobra ;

A practica piedosa , bem que inteira ,
 De huma exacção ceder faz a demora
 Dos devedores ; e arrecada o Cofre ,
 Quanto a avareza em subterfugios forra ;

O excesso das despesas se retrêa ,
 O menos util se modera , e poupa ;
 O mesmo , que faltava , agora cuida ;
 Não só não falta já , antes já sobra .

Revolvem-se esquecidos monumentos ;
 Que o tempo sepultava em cinza morta
 E porque tudo ao Regio Erario sirva ,
 Por elles se entra em recençieio ás contas .

Oh ! e que fructos deste exame tira
 A Fazenda do Rey ! quantos se encontraõ
 Erros , e vicios , da maldade effeitos !
 Se este se averigua , este se nota .

Nunca das Minas o Paiz dourado
 Com tão crescidas , avultadas somas ,
 Honrando o Real sello os cofres , pôde
 Ver tão soberba a Luzitania Frota .

Não só do Tribunal junto á fadiga ,
 Vos applicais , Senhor ; mas vos remonta
 Novo cuidado a investigar os passos ,
 Que abre o extravio por estranhas bocas .
 Pela Comarca , aonde os verdes campos

ROMANCE.

77

Tem do Sapucahí banhado as ondas,
 Atravessais, entregue ao Real serviço,
 Os fertoens, que inda as feras mal povoão!
 Os caminhos do engano só trilhados,
 Por vós pizados são, por vós se cortaõ.
 Servem ao vosso zelo, ao vosso exame
 O fundo rio, a ferra medonda.
 Nada vos horroriza, n' embargo
 A illustre diligencia; bem que aborta
 Furias o Inverno, cóleras o tempo,
 Rotos os Ceos em tempestades grossas!
 Védor Geral, fiada a vosso arbitrio
 A commissão da empreza mais custoza,
 Com quanta reflexão vos encontramos
 Regulando as reclutas para as Tropas!
 Attende-se á pobreza, ao dezamparo;
 Com a clemencia a rectidão se informa:
 A tudo consultais dando os ouvidos
 A' Viuva, ao Irmaõ, ao Pay, á Esposa!
 Mas que muito, Ministro inimitavel,
 Que muito obreis assim, se a vossa propria
 Lingua confessa, que ao serviço Regio,
 Não o interesse, só vos chama a honra!
 O amor só da virtude he, que dirige;
 Iguais á vossa idéa as vossas obras:
 Conhecendo, que he ella de si mesma
 O premio, que mais val, que mais importa.
 Por isso inda que ao merito distincto
 Falte a retribuição, só vos consola
 Aquella sempre maxima adoravel,
 Que o Pay da liberdade amava em Roma,
 Contenta-se Cataõ, que a estatua sua

No Capitolio entre outras se não ponha ;
 Porque pergunte absorto o passageiro :
 Quem he , o que a Cataõ nega esta gloria ?

Tendes na fantazia sempre impressas
 As imagens do fonho , que ainda aponta
 De Mafinissa a Côrte, quando ao Filho
 De Scipiaõ se mostra a esfera toda.

Alli se vos descobre , que a primeira
 Obrigação de hum animo , que adora
 O esplendor da virtude , he, que sómente
 Se ame o seu Rey, a Patria se soccorra.

Daqui vem , que he acerto tudo , quanto
 Imaginais ; ou empredeis : suffoca
 A desgraça por vós o seu partido :
 Tudo serve ao prazer , tudo á lizonja :

Oh mil vezes feliz aquelle exemplo ,
 Que de vós se deriva ! se estudioza
 A virtude pudera retratarvos ,
 Quantas ao mundo repartira copias !

Nellas enlayaria para as Becas
 Illustres Magistrados ; menos pompa
 Trajaraõ sobre a Fama outros Consultos ;
 De que o corpo juridico blazona.

Os Flavios , os Hermogenes , os Elios ,
 Os Perfios , os Papyrios , os Mendonças ,
 Os Pêgas , os Macedos , os Pereiras ,
 Perderaõ junto a vós a gloria toda.

Vós com justiça igual dezempenhando
 De fabio o nome , entre virtudes outras ,
 Sois affavel , pacifico , prudente ,
 Sois liberal , benevolo ; isto sobra.

Affim dais a saber , que o vosso peito

Alenta aquella fangue, que se adora,
De hum Pay, de quem no emprego, q̄ occupara;
Ha de ser immortal sempre a memoria.

Affim mostrais, que ramo florecente
Sois de hum Irmaõ, que em dotes, em pessoa;
Ennobrece do Reyno Luzitano
Tudo, o que o scetro em seus dominios doura.

Porque entre as perfeiçoens, que vos illustraõ
Ainda a mais accidental concorra,
Athe mostrais, o quanto a natureza
Se dezempenha em vós, quando vos fórma:

Cheyos de actividade os olhos, dentro
Dos coraçõens, nos daõ, não sey, que mostras
De huma alma dominante: o que vos busca,
Ao respeito, ao agrado igual se dobra.

Mas que de balde a examinar me empenho
Os vossos attributos! Se se agoura
Pelos principios o progresso, quanto,
Quanto o destino na esperança aponta!

Que commissoens, que empresas vos auspica
O fausto Luzitano! Ah! Cerre embora,
Cerre a porta o futuro; porque á tanto
Não sobe a inculta lira, a Muza rouca.



FABULA
DO RIBEIRÃO
DO CARMO.

SONETO.

A Vós, canoras Ninfas, que no amado
Berço viveis do placido Mondego,
Que fois da minha lira doce emprego,
Inda quando de vós mais apartado;

A vós do patrio Rio em vão cantado
O successo infeliz eu vos entrego;
E a victima estrangeira, com que chego,
Em feus braços acolha o vosso agrado.

Vede a historia infeliz, que Amor ordena,
Já mais de Fauno, ou de Pastor ouvida,
Já mais cantada na silvestre avena.

Se ella vos dezagrada, por sentida,
Sabei, que outra mais feya em minha pena
Se vê entre estas serras escondida.

Aonde levantado
Gigante, a quem tocara,
Por decreto fatal de Jove irado,
A parte extrema, e rara
Desta inculta região, vive Itamonte,
Parto da terra, transformado em monte;
De huma penha, que espoza
Foi do invicto Gigante,
Apagando Lucina a luminoso,
Alampada brilhante,
Nasci; tendo em meu mal logo tão dura;
Como em meu nascimento, a desventura.
Fui da florente idade
Pela candida estrada
Os pes movendo com gentil vaidade;
E a pompa imaginada
De toda a minha gloria n' hum só dia
Trocou de meu destino a aleivozia.
Pela floresta, e prado
Bem polido mancebo,
Girava em meu poder tão confiado,
Que até do mesmo Febo
Imaginava o throno peregrino,
Ajoelhado aos pes do meu destino,
Não ficou tronco, ou penha,
Que não dêsse tributo
A meu braço feliz; que já desdenha;
Dispotico, absoluto,
As tenras flores, as mimozas plantas,
Em rendimentos mil, em glorias tantas,
Mas ah! Que Amor tyranno
No tempo, em que a alegria

Se aproveitava mais do meu engano ;
 Por aleivoza via
 Introduzio cruel a desventura ,
 Que houve de ser mortal ; por não ter cura
 Vizinho ao berço caro ,
 Aonde a Patria tive ,
 Vivia Eulina , esse prodígio raro ,
 Que não sei , se inda vive ,
 Para brazaõ eterno da belleza ,
 Para injuria fatal da natureza.

Era Eulina de Aucollo
 A mais prezada filha ;
 Aucollo taõ feliz , que o mesmo Apollo
 Se lhe prostra , se humilha
 Na copia da riqueza florecente ,
 Destro na lira , no cantar sciente.

De seus primeiros annos
 Na belleza nativa ,
 Humilde Aucollo, em ritos não profanos ;
 A bella Ninfa esquivava
 Em voto ao sacro Apollo consagrara ;
 E delle em premio tantos dons herdara.
 Trez lustros , todos d' ouro ,
 A gentil formozura,
 Vinha tocando apenas , quando o louro ,
 Buihante Deos procura
 Acreditar do Pay o culto attento ,
 Na grata aceitação do rendimento.

Mais formoza de Eulina
 Respirava a belleza ;
 De ouro a madeixa rica , e peregrina
 Dos coraçõens faz preza ;

A candida porção da neve bella
 Entre as rozadas faces se congela.
 Mas inda, que a ventura
 Lhe foi tão generosa,
 Permite o meu destino, que huma dura,
 Condição rigorosa,
 Ou mais augmente em fim, ou mais atêe
 Tanto esplendor; para que mais me enlêe.
 Não sabe o culto ardente
 De tantos sacrificios
 Abrandar o seu Nume: a dor vehemente,
 Tecendo precipicios,
 Já quaze me chegava a extremo tanto,
 Que o menor mal era o mortal quebranto.
 Vendo inutil o empenho
 De render-lhe a fereza,
 Busquei na minha industria o meu despenho:
 Com ingrata destreza
 Fiei de hum roubo (oh mizero delicto!)
 A ventura de hum bem, que era infinito.
 Sabia eu, como tinha
 Eulina por costume,
 (Quando o mayor Planeta quaze vinha
 Já desmayando o lume,
 Para dourar de luz outro horizonte)
 Banhar-te nas correntes de huma fonte.
 A fugir destinado
 Com o furto preciozo,
 Desde a Patria, onde tive o berço amado;
 Recolhi numerozo
 Thezouro, que roubara deligente
 A meu Pay, que de nada era sciente;

Assim pois prevenido
 De hum bosque á fonte perto,
 Esperava o portento appetecido
 Da Ninfa; e descoberto
 Me foi apenas, quando (oh dura empreza!)
 Chego; abraço a mais rara gentileza.
 Quiz gritar; opprimida
 A voz entre a garganta
 Apollo? diz, Apoll... a voz partida
 Lhe nega força tanta:
 Mas ah! Eu não sei como, de repente
 Densa nuvem me poem do bem auzente:
 Inutilmente ao vento
 Vou estendendo os braços:
 Buscar nas sombras o meu bem intento:
 Onde a meus ternos laços...!
 Onde te escondes, digo, amada Eulina?
 Quem tanto estrago contra mim fulmina?
 Mais hia por diante;
 Quando entre a nuvem densa
 Aparecendo o corpo mais brilhante,
 Eu vejo (oh dôr immensa!)
 Passar a bella Ninfa, já roubada
 Do Numen, a quem fôra consagrada;
 Em seus braços a tinha
 O louro Apollo preza;
 E já ludibrio da fadiga minha,
 Por amorosa empreza,
 Era despojo da Deidade ingrata
 O bem, que de meus olhos me arrebatara!
 Entraõ já da paciencia
 As rédeas dezatadas,

Toco de meus delirios a inclemencia :
E de todo apagadas
Do acerto as luzes , busco a morte impia ,
De hum agudo punhal na ponta fria,
As entranhas rasgando ,
E sobre mim cahindo ,
Na funesta lembrança soluçando ,
De todo confundindo
Vou a verde campina ; e quaze exangue
Entro a banhar as flores de meu sangue.
Inda não satisfeito
O Numen soberano ,
Quer vingar ultrajado o seu respeito ;
Permittindo em meu damno ,
Que em pequena corrente convertido
Corra por estes campos estendido.
E para que a lembrança
De minha desventura
Triunfe sobre a tragica mudança
Dos annos , sempre pura ,
Do sangue , que exhalei , ó bella Eulina ;
A côr inda conservo peregrina.
Porém o odio triste
De Apollo mais se accende ;
E sobre o mesmo estrago , que me assiste ,
Mayor ruina emprende :
Que chegando a ser impia huma Deidade ,
Excede toda a humana crueldade.
Por mais desgraça minha ,
Dos thezouros preciozos
Chegou noticia , que eu roubado tinha ,
Aos homens ambiciozos ;

E crendo em mim riquezas tão estranhas ;
Me estaõ rasgando as mizeras entranhas.

Polido o ferro duro
Na abrazadôra chatma
Sobre os meus hombros bate tão seguro ;
Que nem a dor , que clama ,
Nem o esteril desvello da porfia
Dezengana a ambicioza tyrannia.

Ah Mortais ! Athé quando
Vos cega o pensamento !
Que maquinas estais edificando
Sobre tão louco intento ?
Como nem inda no seu Reyno immundo
Vive seguro o Bárathro profundo !

Idolatrando a ruina
Lá penetrais o cénтро ,
Que Apollo não banhô , nem vio Lucina ;
E das entranhas dentro
Da profanada terra ,
Buscais o desconcerto , a furia , a guerra.

Que exemplos vos não dicta
Do ambiciozo empenho
De Polidoro a mizera desdita !
Que perigos o lenho ,
Que entregastes primeiro ao mar salgado ;
Que dezenganos vos não tem custado !

Em fim sem esperança ,
Que allivios me permitta ,
Aqui chorando estou minha mudança ;
E a enganadôra dita ,
Para que eu viva sempre descontente ,
Na muda fantazia esta presente.

Huma murmurar sonoro
 Apenas se me escuta;
 Que athé das mesmas lagrimas, que choro;
 A Deidade absoluta
 Não consente ao clamor, se esforce tanto;
 Que mova á compayxaõ meu terno pranto.
 Daqui vou descobrindo
 A fabrica eminente
 De huma grande Cidade; aqui polindo
 A desgrenhada frente,
 Mayor espaço occupo dilatado,
 Por dar mais dezafoço a meu cuidado;
 Competir não pertendo
 Comtigo, ò cristallino
 Tejo, que mansamente vas correndo:
 Meu ingrato destino
 Me nega a prateada magestade,
 Que os muros banha da mayor Cidade:
 As Ninfas generozas,
 Que em tuas prayas giraõ,
 O placido Mondego, rigorozas
 De ouvir-me se tiraõ;
 Que de sangue a corrente turva, e feya
 Teme Ericina, Aglaura, e Deyopéa.
 Não se escuta a harmonia
 Da temperada avena
 Nas margens minhas; que a fatal porfia
 Da humana sede ordena,
 Se attenda apenas o ruido horrendo
 Do tosco ferro, que me vay rompendo.
 Porém se Apollo ingrato
 Foi cauza deste enlevo,

Que muito , que da Muza o bello trato
Se auzente de meu feyo ,
Se o Deos , que o temperado côro tece,
Me foge , me castiga , e me aborrece !

Em fim sou , qual te digo ,
O Ribeiraõ prezado ,
De meus Engenhos a fortuna figo :
Commigo sepultado
Eu chorõ o meu despenho ; elles sem cura
Choraõ tambem a sua desventura.





ECLOGAS.

OS MAYORAES DO TEJO.

ECLOGA I.

Montano, Corebo, Lize, e Laura.

E U canto os dous Pastores,
 Que o Tejo cristallino
 Na bella margem vio : canto o divino

Nas Reais nupcias dos Serenissimos Principes, a Senhora D. Maria, Princeza do Brazil, e o Senhor Infante D. Pedro.

Assumpto dos amores,
 Que de inveja, e de agrado
 O Ceo, a terra, o mar tem namorado:
 Tambem das Ninfas bellas,
 Que Amor vio abrazadas,
 Os numeros entôo: se entre aquellas
 Cadências delicadas,
 Rude o som de meu canto
 Se faz digno, Senhor, de obzequio tanto:
 Tu do semblante augusto,
 Tu da frente serena,
 Infante generoso, invicto, e justo,
 Em quanto sôa a avena,
 Teu magnanimo alento
 Communica a meu debil, rouco accento:
 E Tu, que os Teus altares,
 Princeza soberana,
 Dilatas na extençao de ambos os mares;
 Que Thetis, mais que humana,
 Em melhor hemisferio,
 Te adoptas do Brazil o grande Imperio,
 Em quanto montes d'ouro,
 Brilhante pedraria,
 Desde o Rio da Prata ao Tejo louro
 A America te envia,
 Lá dessa gloria summa,
 A ouvir os meus votos te acostuma:
 Aonde o Tejo claro
 Seus braços mais estende,
 Onde a corrente, em circulo mais raro;
 Grande parte comprehende
 Daquella alta Cidade,

Regio solar da Luza Magestade.

D' hum lado , e d' outro lado
Se estende huma campina ,
Em que traz a pascer o manso gado
Tanto a formoza Eulina ,
A filha de Silvano ,
Como o destre Corebo , o fiel Montano .

Em huma tarde , quando
Os muzicos Pastores
Ao som da acorde flauta recitando
Estavaõ seus amores ,
Nas vozes , que afinavaõ ,
Deste modo a cantar se preparavaõ .

Cor. Já que estamos , Montano , neste monte ,
Sem outra companhia , em quanto o gado
Buscando as doces aguas dessa fonte ,
Vem concorrendo d' hum , e d' outro lado ,
Aqui deste salgueiro
Sentados junco á sombra , eu te requeiro ,
Torna-me a repetir aquella historia .
Que toda esta minha alma encheo de gloria .

Mon. Dos nossos Mayoraes a grande festa ,
Corebo , quem a vio , já mais se farta
De a contar : mas em quanto a fresca seíta
A nós se chega , em quanto o Sol se aparta ,
Tomando a flauta doce ,

O cazo contarei ; mas ah ! Se fosse
Minha voz taõ suave , e taõ divina ,
Como aquella , que pede acção taõ digna !

Cor. Toma o teu instrumento ; elle he taõ brando ,
Que se inda agora Tityro vivera ,
Porque melhor pudesse ir entoando ,

No canto de Amarillis o quizera.

Parece, que os rochedos

Se abalaõ já do centro: os arvoredos

A habitaçã deixando da espessura,

Vem promptos a escutar tanta brandura.

Mon. Effeitos saõ daquelle heroico objecto;

Que eu tomo nos meus versos: maravilha

Naõ he, que possa tanto o grande affecto,

Com que o meu rendimento o voto humilha

A historia prodigioza

Escuta, Pastor meu; ouye a ditoza

Uniaõ dessas almas, que tem dado

A' memoria do mundo hum tal cuidado.

O dia venturozo

Para nós se chegava,

O dia, em que no carro luminoso

O Sol mais abrazava:

De rizo, e de alegria

O Ceo, a terra, o mundo se cobria.

Mais que nunca suaves,

Ao despertar da Aurora,

De ramo em ramo as sonorozas ayes;

Sobre os campos de Flora,

Alegres vem saudando

Da fresca manhaã bella o rosto brando.

As arvores copadas

Orvalho cristallino

Derramaõ sobre a relva: restauradas

A influxo peregrino,

Do inverno, que as rendera,

Formaõ as flores nova primayera.

Os Genios da espessura

Então mais concertados
Andão mostrando annuncios da ventura.
Vem-se os campos cercados
De avizos superiores,
Mandados desde o Ceo para os Pastores;
Hum salgueiro, que havia
Deixado a pompa verde,
De repente (oh affombro !) se vestia
Das folhas, que em vão perde ;
E em prodigios mayores
As meſmas folhas deraõ logo flores.
Duas rôas, cantando
Naquelle ſovereira,
Docemente ſe estavaõ namorando ;
Huma, e outra ligeira
Com ſuave reclamo,
De folha em folha vão, de ramo em ramo
Por entre o trigo louro
Discorre hum vento brando,
Qual nunca ſe ſentio : hum branco touro,
Entre os outros brincando,
Trez vezes nella praya,
A correr á porfia os mais enſaya.
Athé deſſa ribeira,
Que nos fica vizinha,
Se vio chegar á praya derradeira
Hum Deſſim ; o qual tinha
Sobre a eſcama enlaçadas
As ramas de coral, ao Sol qualhadas.
O mar vinha trazendo
De conchas exquisitas
Huma grande abundancia : eſtaõ ſe vendo

Pérolas infinitas,
 Que não centro occultava;
 Que de gosto talvez o mar as dava!

De Pan, e de Hymeneo,
 Deidades soberanas,
 Se escuta publicar o alto trofeo.
 As glorias mais, que humanas,
 Os Pastores entoão,
 As sacras Divindades apregoão.

Estaõ por toda a parte
 As tochas incendidas,
 De Hymeneo: o festejo se reparte
 Entre as Ninfas luzidas,
 Cercando em roda as tãs
 Nayades, Hamadryades, Napéas.

Pódem ver-se os Silvanos,
 Os Satyros das covas
 Deixar o triste abrigo: mais que ufanos,
 Em seus hymnos, e trovas,
 Com tal contentamento,
 Que enchiaõ de alegria o mesmo vento.

Qual fiando a memoria
 Ao corpolento cedro,
 Por triunfo da nunca vista gloria,
 Lavra o nome de PEDRO:
 Qual compete á porfia,
 Nas fayas entalhando o de MARIA!

Os nomes venturozos
 Se lem por toda a parte:
 Trabalhaõ por fazellos mais ditozos
 A natureza, e arte;
 Porque nos troncos cresçaõ;

Porque nos mesmos troncos reverdeçaõ.

Dâmetas, e Corino,
Os muzicos Pastores,
Que entre nós tem louvor quaze divino;
Entoando os amores
Da Ninfa, e caro Espozoz,
Hum cantico differaõ portentozo.

Aqui sobre estes troncos
Huma letra se attende,
Composta por Alcino: inda entre os broncos
Debuxos se comprende,
E diz... chega-te, Amigo;
Mas não: escuta tu; porque eu a digo;
Cor. Ao longe eu vejo; espera, meu Montano;
Eu vejo apparecer, ao que imagino;
O meu bem, se talvez me não engano:
Sim a bella Pastora, o peregrino
Encanto desta vida.

Ella he: oh que jubilo convida
A face alegre, a vista delicioza
De Ninfa taõ gentil, e taõ formozza! (ra;
Mon. Qual vem com ella, attende, a branca Lau-
Do côro em fim das Nayades o mimo!
Formozza he Lize sim, formozza Aglaura;
Mais que todas formozza a Laura estimo.

Cantando vem as bellas,
Arrastando a seu cantico as estrellas:
Ouçamos, o que dizem: mas eu creyo;
Que de chegar aqui teraõ receyo.

Esta mata frondoza, esta espessura
Commodidade daõ; onde escondidos
As podemos ouvir; e tu procura,

Que Lize não perceba os teus gemidos,
 Em quanto ellas cantando
 Para nós descuidadas vem chegando,
 Ao numero Amabeo nos ajustemos;
 E juntos os seus hymnos alternemos.

Entenderão, que os Satyros das covas
 Sua voz acompanhaõ, ou que as penhas
 Repetem desde longe aquellas trovas,
 Que ellas entoão lá: não te detenhas;
 Entra nesta espessura;
 Que as Ninfas vem já perto: ah que ventura!
 Que gloria para nós não esperada
 Trouxe a forte esta vez menos pezada!

Cor. Já não tardo a seguir-te; porém temo
 Que fossemos já vistos: he muy alto
 Aquelle oiteiro. Desgraçado extremo
 De hum infeliz; pois tudo he sobresalto!
 Não sei, se dessa gruta
 Seja melhor buscar a estancia bruta,
 Ou se melhor apparecer-lhes seja.

Mon. A quem não matará da sorte a inveja!
 Já Laura me diviza: o seu aceno
 Me deu já a entender, que me descobre.

Cor. Lize me vio com rosto mais sereno
 He acertado, que me não soçobre.

Cheguemos desde agora,
 Cheguemos a encontrallas: erro fôra
 Taõ rustica mostrar a natureza,
 Que se negue hum Pastor a huma belleza.

Mon. Se vens, Ninfa, buscando o verde prado,
 Para lhe dar prazeres, e alegria,
 Tem dó tambem de hum peito magoado,

Que vive só da pena, e da agonia.

Cor. Se o pensamento teu vem conduzido ;

Divina Lize ; a rogos de minha ancia ,

Eu te quero seguir ; que o meu gemido

Te busca sempre com mayor constancia.

Laur. Montano, o digno assumpto de meu canto

Lugar me não consente, para ouvir-te ;

Deixa, Pastor amado, deixa o pranto ;

Prompta me hasde encontrar, prompta a servir-

Liz. Agora he ley forçoza de meu gosto,

Corebo meu, que tomes o instrumento ;

Deixa as magoas, Pastor, deixa o desgosto ;

F vem acompanhando o nosso accento.

Mon. Não es tu a cruel, que em tanta idade

Ja mais ouviste hum dia os meus gemidos ?

Cor. De tua, mais que barbara ; impiedade

Como abrandou meu rogo elles ouvidos ?

Laur. Montano, não porfies : em meus eccos

Attende o peregrino, objecto amado ;

A cujo doce accento os troncos seccos,

Os marmores talvez tenho abalado.

Eu trago de memoria a cantilena,

Que Corino compôs, quando o seguia

Dametas, o Pastor, que a doce avena

No cantico amabeo soar fazia.

Lize, e mais eu a vinhamos agora

Repetindo ; e tão bella se mostrava,

Que no acorde trinar da voz sonora

A alma atraz do canto arrebatava.

Liz. Corebo a pôde ouvir ; pois que presente

Não esteve á função do Hymeneo sancto :

Elle nos acompanhe juntamente ;

Pois tanta suavidade tem no canto.

Mon. O Ceo essa fortuna lhe guardava;

Porque ha pouco a Corebo eu repetia

A grande historia; e quaze se apressava

A lèlla nesse tronco, aonde a via.

Agora folgarei de acompanhar-te;

E para que de ti mais o mereça,

Este cajado toma; aonde em parte

Reconhecer teu merito pareça.

Obra foi do divino Alcimedonte;

De flores o engastou: onde a mão dobra

Vê, como as pedras une destramente,

Variando a côr: tu viste melhor obra?

Cor. Pois eu, Lize gentil, inda que ponha

Quantos gados, e campos eu possua,

Nada te venho a dar; porque he vergonha

Que outra couza te dê; quando a alma he tua

A parelha melhor do meu rebanho,

Aquella, que he de pelle remendada,

A flauta, com que agora te acompanho;

Tudo em fim te darei, se tudo agrada.

Laur. Arvores (eu começo) deste oiteiro

Que enverdecendo estais na primavera,

Chegai a ouvir meu canto lizongeiro.

Liz. Eu canto aquella Ninfa, que pudera

Dar vida ás tenras flores, alma às plantas;

Como Venus ás rozas já fizera.

Mon. Branda corrente, tu, q' o gosto encantas;

Hum retrato me pintas nessa fonte

Do primorozo Ceo de graças tantas.

Cor. Eu vi, quando desciaõ desse monte

As Ninfas na formoza companhia

Com o canto alegrando este Orizante.

Laur. De gosto os cabritinhos nesse dia
Deixarão de buscar o succo amado,
Esquecidos das máys na relva fria.

Liz. O trovaão, que foava deste lado,
Agouro era sómente da ventura;
Uyvar se não ouvia o lobo irado.

Mon. O Mõcho não grasnavá na segura
Rama daquelle choupo; onde outras vezes
Grasnar se ouvira pela noite escura.

Cor. A ti se ha de cortar das nossas rezes
A víctima perpetua: o sacrificio
De nosso humilde voto não desprezes.

Laur. Do culto de hum Pastor pequeno indicio;
Eu tenho de trazer-te o mel dourado,
Se tanto á minha supplica es propicio.

Liz. De propria mão o fructo sazonado
Eu colherei, levando juntamente
Dous recentais, que tenho aparelhado.

Mon. Se estou ao som da flauta mal cadente
Ensayando esta voz desconcertada,
Se para a dedicar a ti sómente.

Cor. Se apascento esta rustica manada,
Se por ver, se entre a mízera pobreza
De hum Pastor inda ha couza, que te agrada.

Laur. Não foi Glauce formosa: a gentileza
Da linda Galatêa já não deve
Da nossa acorde flauta ser empreza.

Liz. Por ti já me parece escura a neve;
Não he tão encarnada a fresca roza;
A comparar-se a ti nada se atreve.

Mon. Derivada do Ceo prole formosa

De Jove, que respiras do semblante,
Sobre a vida mortal, luz mais preciosa.

Cor. Ah quanta gloria deste laço amante
Se espera conseguir! A paz do mundo,
A dita dos mortaes por ti se cante.

Laur. Para apertar o vinculo jucundo,
O sangue traz o fio, Amor o tece;
Assim se lavra o thalamo fecundo.

Liz. Nesta amena campina reverdece
A memoria dos Reys, tegredo raro
Que de Manthua o Pastor saber merece.

Mon. Logra Amor o triunfo mais preclaro
Que junta a Magestade à formozura,
Nãõ preciza a virtude de outro amparo.

Cor. Tu es do nosso Jove imagem pura;
Ao grande Deos do Ceo bem te pareces
Nessa alma toda afagos, e ternura. (rece

Laur. Tu, Ninfa, entre as mais Deozas só
Este obzequio, que agora satisfaço,
Que entre ellas sobre todas resplendesces.

Liz. Será sempre immortal o terno laço,
Que o nãõ pôde cortar a morte feya,
Nem da fortuna o movimento escaço.

Mon. Feliz foi o agouro; nem se creya,
Que me engana de louca a fantazia,
Ou que o meu pensamento me recreya.

Cor. Eu o vi nessa estampa, que luzia
Na outra parte do Ceo sobre a direita;
E n' alma trago impressa a profecia.

Laur. A memoria feliz nesta alma aceita
Fixa sempre se guarda, sempre pura,
Qual nãõ pôde acabar a sorte estreita.

Liz. Huma palma triumphal ao Ceo segura
 Se via remontar, que se enlaçava
 Das ramas de huma vide: huma escritura
 Desta sorte o segredo declarava.

SONETO.

S E este Tronco adorado dos Pastores
 Do tempo está zombando taõ robusto,
 Esta vide enlaçada ao Tronco augusto,
 Fará que os seus braçoens sejaõ mayores.
 Brotando fructos, fazonando flores
 Se verá triumphar do fado injusto;
 Sem que da ley mortal se atreva o susto
 A profanar seus claros resplendores.
 Feliz do patrio Tejo o aureo terreno;
 Que Amor quiz, que dispôs a sorte avara;
 Fosse de arvores tais o sitio ameno.
 Quanta ventura, quanto bem declara
 Este final, que pinta o Ceo sereno!
 Oh Tronco generozo! Oh Planta rara!

Cor. Depois que abraza o Sol a secca terra,
 Não he taõ agradavel para as plantas
 O chuveiro do Ceo, que os ares cerra,
 Qual foi para a minha alma, quando cantas;
 Ouvir na tua flauta a doce historia,
 Com que tu me arrebatas, e me encantas.
 Na bella competencia desta gloria
 Quem me dera passar a noite, e dia,
 Sem trazer outra couza na memoria!

Mon. Comtigo, caro Amigo, eu gostaria
De consumir o tempo; mas o gado
Anda correndo solto a relva fria.

Algun se acolhe ao mato emmaranhado;
Fugio-me o meu Barozo; já não vejo
Onde se foi meter o meu Bargado.

Cor. Eu vou juntar as cabras; que dezejo
Não trepem sobre aquella penha dura,
Que fica lá fronteira ao manso Tejo.

Adeos, Montano, adeos; que he noite escura.

Aqui cessava o canto
Dos muzicos Pastores:
E se do teu influxo a esforço tanto
Imito estes Cantores,
Tu, generozo Infante,
Faze que as Tuas glorias sempre cante!

Verás, que ao nosso rio,
Verás, que ao campo nosso,
Sentado junto ao alamo sombrio,
Se tanto acazo posso,
Em suave harmonia,
O teu nome repito noite, e dia!



FILENO

ECLOGA II.

NA margem deleitoza
 Do cristallino Tejo
 Sentado hum Pescador, a pobre rede
 Em quanto tem nas prayas estendida,
 Ao longe huma harmonia,
 Nunca ouvida já mais, ao longe escuta
 Hum canto taõ sonoro,
 Que nem Glauco suave, nem o cego
 Amante da formozza Galatèa,
 De Sicilia entooou na branca arèa.
 Corino era, que vinha
 Da aldèa já voltando; onde o pescado
 A vender estivera: alli no povo
 Huma noticia achou, a qual em trovas;
 Por hum Pastor discreto
 Ordenadas ao som da acorde avena,

Aos annos d'El-Rey.

Trazia para o mar; quando aos ouvidos
 Foi mais proximo o som. Eu, que attendia;
 Estas doces cadencias percebia.

Que alegria, que gosto
 Ao mundo communica
 O nosso Mayoral! O grato rosto
 Do jubilo se explica
 Pela voz dos Pastores,
 Tityro, e Alcimedon, grandes cantores!

Os campos neste dia
 Se cobrem de verdura:
 Pasta o gado contente a relva fria;
 E na verde espessura
 Novo contentamento
 Desterra toda a sombra do tormento.

Os Satyros das covas,
 Deixando o caro abrigo,
 Do seu rendido amor vem a dar provas:
 Elles trazem consigo
 De Ninfas delicadas
 Igualmente as mais bellas, e engraçadas.

Em concertados hymnos
 Sôa toda a floresta:
 Pastores mais gentis, mais peregrinos
 Concorrendo na festa
 Do Mayoral, oh quanto
 Agradavel se faz seu doce canto!

Hum louva a providencia
 Com que a tudo consulta;
 Outro applaude entre todos a excellencia;
 Com que o seu genio avulta;
 Tornando venturozos

Deste campo os Pastores mais ditozos.
 Já torna ao nosso mundo
 Aquella idade de ouro:
 O campo sem cultura já fecundo
 Produz o trigo louro.
 Tudo está melhorado
 A montanha, a campina, o valle, o prado:
 A nós torna a innocencia
 Do seculo primeiro:
 Torna a Justiça, as Graças, a Clemencia,
 Que do tempo grosseiro
 Desterrara a maldade.
 Oh feliz estação! Oh doce idade!
 Assim cantava, quando
 Ao chegar o seu barco
 Junto á margem frondoza
 Hum pouco se calou: eis entre tanto
 Dos versos, que lhe ouvia,
 Applicando huma parte ao tosco alento
 Da flauta piscatoria, desta sorte
 A seu modo dispunha,
 Das prayas, onde estava,
 Sileno, o Pescador, que o escutava.

SONETO.

Assim como o Pastor, tambem o pobre;
 O rude Pescador lá desde a praya,
 Onde primeiro o Sol nas ondas raya,
 Do seu voto a innocencia não encobre.

Se elle cantando alegre se descobre
 Talvez á sombra da copada faya,
 Igual o nosso canto aqui se enfaya
 Ao susurro do mar, que a penha cobre!

Póde render ao Rey talvez Corino
 Desde a rustica choça o branco leite,
 O mel dourado, o pomo peregrino;
 Mas espero eu tambem, que elle me accite
 A rama de coral, que por tao fino
 A coroa lhe esmalte, o scetro enfeite!



ALBANO

ECLOGA III.

Louva-se a pacificação da guerra, mediante a
 direcção do Illustrissimo, e Excellentissimo Se-
 nhor Sebastião Fozê de Carvalho, e Mel-
 lo, Conde de Oeyras, Primeiro Mini-
 stro de Portugal, &c.
 &c. &c.

Offerecida ao mesmo Senhor

Juxta illud Ovid. Trist. Si poteris vacuo tradidit

MO MO
 ILL. E EX. SNR.

ENtrou em Roma o Pastor de Mantua; e
 dos beneficios, que lá recebera, tirou a
 consequencia, de que devia adorar por Deos

ao seu Augusto (a). Continuou com o genio dos montes a fazer estimavel a flauta; e não tardou a equivocar entre os louvores de Augusto as glorias de Pollião. Transportado aos agouros da felicidade prometida, levou o perisfamento à dureza dos carvalhos: delles disse: veria tempo, em que das suas vêas nasceria a torrente do mel suave. (b)

Estes dous lugares do Poeta Latino são, Excellentissimo Senhor, os que deraõ alento à minha Muza; para fazer chegar à presença de V. Excellencia a Ecloga de Albano. Eu não distingo, se canto de Augusto, se de Pollião; sei: que he constante ao mundo, deveo Portugal na prezente guerra todos os principios da sua inexplicavel felicidade à direcção prudentissima de V. Excellencia.

Naõ he este o unico argumento, que se nos tem dado do zelo, da vigilancia, da actividade, que a nosso beneficio respira em todas as distinctas acçoens de V. Excellencia. O seu Ministerio felicissimo foi para nós huma novidade de ouro; que fez produzir a terra sem fadiga; tornou innocentes os genios, restituiu ao mundo a Justiça. Estes são os fructos, que se comparaõ ao mel; onde tudo he delicia, e tudo suavidade.

Reflectindo no preciozo sobrenome de V.

(a) *Namque erit ille mihi semper Deus; illius arant
Sæpe tener nostris ab ovilibus imbuet agnus.*

(b) *Et dure quercus sudabunt roscida mellâ,*

Excellencia, do que noto, e do que admiro, tomo, Senhor, a certeza de estar em tudo comprida a profecia do Manthuanò. (c) E mendigando do Poeta Portuguez as expressões, com que disse =

Em quanto do seguro Azambugeiro

Nos Pastores de Luzo houver cajado,
Passo, com as mais ajustadas circunstançias, a cantar a segurança da Monarquia Portugueza; em quanto do seyo de hum carvalho fructificar o mel, que fertiliza os campos.

Oh! e que materia de agouros felicissimos me não prometem as inescrutaveis maximas da alta encyclopedia de V. Excellencia! Que glorias, que beneficios não assegura a Portugal o seu adoravel Ministerio! Fallem calcados de frotas os mares: diga-o cheya de fabricas a terra. (d) Athé aqui se adorava o estranho: agora já se faz desperdicio do proprio: amou-se a esterilidade; já se não estima a abundancia. Epoca mil vezes glorioza aquella, que do nome de V. Excellencia poder ostentar a vaidade!

Este argumento, Excellentissimo Senhor, era mais digno da cithara dos Homeros, que da rudeza da minha flauta. Têçaõ outros as Epopéas, dos preciosos louvores, que a V. Excellencia se devem: eu pedirei às Muzas,

(c) *Teque adeo decus hoc ævi, te consule, inibi Pollio, & incipient magni procedere menses,*

(d) *Omnia feret omnia sellus,* 66

NO DEDICATORIA:

que por mim o digaõ; já que eu não posso: (c)
Sayo dos montes; vivo na incultura; com-
munico a rusticidade: não he muito, que tu-
do, o que concebo seja dissonancia, e seja
barbarismo tudo, o que pronuncio. V. Excellencia
attenda ao meu animo, e não se of-
fenda do obzequio. Talvez que não sem ácor-
do buscasse o genio do campo, quem per-
tende na simplicidade do estilo acreditar a in-
nocencia do voto. Deos guarde a V. Excellencia,
&c.

(c) *Dicite, Pierides; non omnia possumus omnes;*

De V. Excellencia

O mais humilde servo

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

ALBANO

ECLOGA III.

Salicio , Alcino , Melibeo ;

DE Alcino, e de Salicio ;
 Aquelles dous cantores ,
 Que da voz , e da flauta no exercicio ;
 Daõ assumpto aos Pastores ,
 Benigno Apollo ordena ,
 Que eu repita , o que ouvi , na doce avena ;
 Tu , Muza , que ensayada
 A' sombra dos salgueiros ,
 Esta inculta regiaõ viste animada
 Dos eccos lizongeiros ,
 Hum novo empenho agora
 Commigo entõe a lira mais sonora ;
 As iras de Amarillis ,
 De Licida os extremos •
 Basta já de cantar , basta de Filis ;
 Couzas lignas cantemos ,
 Dignas pela grandeza

112 E C L O G A III

De estampar-se dos cedros na dureza,
 Para estender meu brado,
 Igual a aquelle empenho,
 Que eu concebo no assumpto levantado;
 Não basta ao tosco engenho
 Nem esforço, nem arte,
 Se Vós no canto meu não tendes parte!
 Vós, Conde, que cingido
 De verdes esplendores,
 Sobre a fama levais o vôo erguido,
 Que do peito em ardores
 A virtude alentando,
 O nome à eternidade ides mandando;
 Vós, que de alta grandeza
 Brotando ramo illustre,
 Devendo tanto esmalte à natureza,
 Mayor augmento, e lustre
 Buscais ao sangue egregio
 De cada acção, que obrais, no facto regio;
 Se as fortunadas horas,
 Que à minha flauta entrego,
 De vós, Senhor, são dignas, as fonoras
 Dryadas do Mondego,
 Vos prometto, que eu veja,
 Cheyas por mim d'hum amorosa inveja.
 De Meandro, e Caystro
 Cessarão as memórias;
 Do Douro aos Ganges, e do Tejo ao Istro;
 As Luzitanas glorias
 Levará o meu canto,
 Se o patrio Ribeirão me inspira tanto;
 Ouvi do grande Albanq

Que bem o nome fôa:

Ouvi, que se no exemplo não me engano;

Alcino vos pregoa:

De vós, Heroe distincto,

As côres tiro, com que a Albano pinto;

A tarde já cahia;

E o Sol mais temperado

Seu rosto dentro da agua recolhia;

Quando n'hum verde prado

Salicio se avistava

Com Alcino, que acazo alli chegava;

Distante está do Tejo

O sitio peregrino;

E bem, que a Alcino atraz do seu desejo

Conduzira o destino

A ver da Côrte o estado,

Para o campo outra vez tinha voltado;

Largas horas havia,

Que estavaõ praticando

Em Laura, e Dinamente: na porfia

De conversa mudando

Salicio assim se avança:

E Alcino de escutallo se não cança:

Sal. Conta-nos, o que ouviste, o que notaste;

Alcino meu, naquella grande Côrte

Para onde ha tanto tempo te apartaste.

Explica-nos, Pastor, o como a sorte

Assim se melhorou; que já se auzenta

Do nosso campo a guerra, a fome, a morte;

Deos sabe, quanto fulto esta tormenta

Fez aqui entre nós, ao ver, que vinha

O inimigo com mão dura, e violenta.
 Esses campos d'alem, dizem, que tinha
 Destruído, e arrazado; sem que nada
 Lhe contivesse furia taõ damninha.

Todos se foraõ pondo em retirada,
 Salvando cada qual por modo estranho,
 Aquelle o fato seu, este a manada.

Eu, que estava esperando mal tamanho,
 Não quiz daqui fugir; porque a pobreza
 Me não dà, que perder, choça, ou rebanho.

Tu sabes, que não sei, o que he riqueza
 Que passo aqui contente noite, e dia,
 Zombando da ambição, e da avareza.

Nisto agora conheço a primazia,
 Que levo aos meus Serranos: elles tremem;
 Eu faço do inimigo zombaria.

Alc. No mal commum, Salicio, todos gemem;
 E se tu de fortuna hoje melhoras,
 Não escarneças tanto dos que temem.

De melhor condição acazo fôras,
 Se o lobo matador aqui chegasse
 A tingir no teu sangue as mãos traidoras?

Imaginas, que só se contentasse
 Co'a pobreza do fato? Que sómente
 Os cabritos comesse, ou os roubasse?

Disgraçado de ti, que es innocente!
 Fôras tu, por onde eu andei girando,
 Tu viras, o que vai por essa gente.

Tu viras hum filhinho soluçando
 Pelo Pay, que lhe morre; o outro viras
 Por falta de sustento andar chorando.

Lá vaõ as sementeiras: que te admiras!

Tudo levou o fogo : o campo verde
 Foi posto do inimigo ás crueis iras.
 Que importa , que este mais devêzas herde !
 Que aquelle , mais possua , se no estrago
 Cada hum á proporção seu tanto perde !
 Eu perco mais que todos : porque trago
 Apenas o meu fato a salvamento ;
 Que a mudança me deu este bom pago.
 Cuidei achar melhor acolhimento
 Nos Pastores da ferra ; andei errado
 Em deixar deste campo o doce assento.
 Depois passei-me á Côrte , a ver o estado
 Das couzas , como lá se governavaõ :
 Ah ! Que de quanto vi , fiquei pasmado.
Sal. Não te fallo no tempo , em que pastavaõ
 Teus gados sobre a ferra ; eu sei , que tudo
 Perdeste , como os mais , que lá se achavaõ.
 Mas depois que passou teu genio rudo
 A amparar-se da Côrte he , que eu quizera
 Saber , o que lucraste nesse estudo.
Alc. Inda que outra ventagem não tivera ,
 Muitas vezes feliz a minha dita
 Em ver o meu Albano conhecera.
Sal. Quem he o teu Albano ? Aonde habita ?
 Que genio , condição , ou qualidade
 Tanto assim entre os nossos o acredita ?
 Não sahe Pastor daqui para a Cidade ,
 Que em voltando de lá , d'elle não conte
 Couzas dignas de grande novidade.
Alc. E crês tu , que no valle , bosque , ou monte
 Vivirá tronco , ou penha , que algum dia
 As memorias de Albano não aponte !

Qual de nós escapara á morte fria?

Quem tornara a ver mais sua deveza?

Quem seu gado, ou currais inda acharia?

Se este Pay dos Serranos com presteza

Naõ acodira a bem do nosso amparo,

A vencer do inimigo a fortaleza?

Corria ensanguentado o Tejo claro:

Hia levando a espada cortadõra

Tudo, o que se encontrava sem reparo.

Naõ houve noite, ou dia, instante, ou hora

Que algum grande successo fenaõ visse,

Ou no ferro, ou na chama abrazadõra.

Mizeraveis vaqueiros! Quem subisse

Sobre aquella alta ferra, ah como creyo,

Que o coração em lagrimas partisse!

Oh como nada farta o sangue alheyo

A aquelle a quem condûs sua maldade,

A que obre sem vergonha, honra, nem freyo

Como se quebra a fé, ou lealdade

Só pela vil cobiça! Da virtude

Naõ se faz cazo já, nem da verdade.

Sal. Bem que o teu pensamento nisso estava

Sempre verás, Alcino, como he certo

Só vive co' a justiça hum genio rude.

Hum coração lavado, hum peito aberto

Naõ sabe, o que he traiçãõ; contente gira

Trazendo sempre o rosto descoberto.

No córtezaõ sómente anda a mentira

Fazendo o seu partido: envergonhada

A honra se acobarda, e se retira.

Alc. Já vejo, que na fraze disfarçada

Caminhas á aceuzar, Salicio amigo,

A tenção dessa gente tão dãnada;
 Dessa, a quem daõ amparo, daõ abrigo
 Os altos Perinêos, que em nosso damno
 Trouxe consigo o Rhódano inimigo.
Sal. E não tenho razaõ, para do engano
 Queixar-me, quando vejo, descarrega
 Sobre nós este golpe deshumano?
Alc. A razaõ, com que fallas, não a nega;
 Salicio meu, quem sabe da amizade
 Aonde chega o ponto, onde a ley chega.
 Quem approvou já mais a falsidade
 Daquelle, que fingindo alegre o rosto
 Descobre para o fim a crueldade!
 Mas eu ponho de parte este desgosto;
 E só quero louvar aquelle braço,
 Que o nosso Portugal em paz tem posto.
 Esse, que nos livrou deste fracasso
 Com sabia providencia, e zelo pio;
 Que eu nunca de o cantar me satisfaço.
 Debaixo deste Plátano sombrio
 Seu nome entoarei por esta praya,
 Athé onde se estende o largo rio.
 A minha tosca flauta aqui se ensaya
 Para com melhor som, melhor cadencia;
 A Tityro imitar junto da Faya.
Sal. Eu te figo Pastor; canta a excellencia
 Do grande Albano teu; aqui sentado
 Inspira-me tambem essa influencia.
 O numero amabeo he concertado;
 Quero-te acompanhar; vá de certame:
 Tu porás a sanfona, eu o cajado.
 Mas lá vem, Melibeo; justo he, que o chame;

Para louvado ser desta porfia ;

Elle do nosso canto faça exame.

Mel. A tempo chego em fim , que não quer

Pois já mais foi meu gosto em arte, ou prend

Mostrar , que entre vós outros mais sabia ;

Mas se não decidir esta contenda ,

Ao menos prompto estou , para escutar-vos ;

Cantai , que tendes já , quem vos attenda.

Alc. Não tenho medo algum de disputar-vos

A palma entre vós outros ; porque venho

Da Côrte, e trago hum canto , que ensinar-v

Nelle se conta o mal , a guerra , o empenh

Que infestou toda a terra : o estilo he novo

Muy diverso do nosso , obra de engenho.

Não o sabe cantar qualquer do povo ;

Algum sómente cortezaõ polido

He , que o canta por lá . . .

Sal. Pois eu o approvo.

Mel. Não eu ; que não me entendo co^s ru

De vozes estrangeiras : mas vá feito ;

Sempre para escutar applico o ouvido.

Alc. Aqui nesta cortiça ao modo , e geito

Do nosso campo eu a cortei : em tanto

Que eu digo o meu , tu lê o teu conceito ;

E acompanha , Salicio , o novo canto.

Alc. Muza^s do monte Ménalo , que hum dia

Com suave harmonia

Cantastes brando o peito

De Dafne , o Pastor claro ,

Melhorando o conceito

Fazei , que o tempo avaro

Só traga na memoria

O nome soberano,
 A nunca vista gloria
 Do meu sublime, do meu grande Albano.
Sal. Do meu sublime, do meu grande Albano;
 Vereis, se não me engano,
 Que este monte repete
 O esforço mais, que humano;
 Aquelle, que compete
 Na pompa, e na grandeza,
 Ao tronco mais luzido,
 Que alenta a natureza,
 Que o Ceo tem produzido;
 Para ser nestes montes adorado.
Alc. Para ser nestes montes adorado;
 Por elle he renovado
 Da selva Dodonea
 O oraculo sagrado:
 De Némefis, e Astréa
 Com tanta segurança
 Oh como elle sustenta
 A espada, e a balança!
 Com providencia attenta
 Oh como ampara ao bom, ao máo castiga!
Sal. Oh como ampara ao bom, ao máo castiga!
 Por elle he bem se diga,
 Que torna a idade d'ouro.
 A terra sem fadiga
 Produs o trigo louro;
 Prodigio, que invejava
 De Manthua o Pastor bello;
 Quando vio, que brotava
 Com provido desvello

O mel dourado dos carvalhos duros.

Alc. O mel dourado dos carvalhos duros.

Os campos mal seguros ,

A nosso beneficio ,

Faz , que brotem maduros

Seus fructos já sem vicio :

Elle as furias quebranta

Do barbaro , que vinha

Com avareza tanta ,

Que já pizado tinha ,

Quanto erguera a fadiga , e o trabalho.

Sal. Quanto erguera a fadiga , e o trabalho.

O abrigo , o agazalho ,

Tudo a nós restitue.

A fecundar o orvalho

Os campos continue ;

Saya a cortar a terra

O lavrador afflicto ;

Que já fugio a guerra ;

Já se não ouve o grito

Da miseria , da fome , da penuria.

Alc. Da miseria , da fome , da penuria

Já se desterra a injuria.

O ferro , que aos arados

Servira , o troca a furia

Em dardos aguçados ;

Mas já com melhor sorte

São da vida instrumentos

Instrumentos da morte.

Oh que grandes portentos !

Que arte feliz do nosso grande Albano !

Sal. Que arte feliz do nosso grande Albano

Armada em nosso damno

A gente, que costuma
 Usar do torpe engano,
 Porque tudo consuma,
 Entrava a ferro, e fogo,
 Quanto banhara o Tejo;
 Mas desmayando logo
 O malvado dezejo,
 Tudo foi confuzão, tudo foi susto;
Alc. Tudo foi confuzão, tudo foi susto;
 Quando no assalto injusto
 Se vio pela campanha
 O espirito robusto,
 Que lá da Patria estranha
 Em nosso auxilio veyo;
 E mais que a armada gente,
 Vence o damno, e o receyo,
 O avizo providente
 Daquelle Heroe, que o Reyno governava.
Sal. Daquelle Heroe, q̄ o Reyno governava;
 A nós se dispensava
 A direcção, o acerto:
 A tudo consultava,
 Vendo crescer o aperto.
 Não ha sutil empenho,
 A que não sirva a idéa,
 A que não sirva o engenho:
 O seu conselho enfrêa
 Do inimigo o furor, do ferro a ira.
Alc. Do inimigo o furor, do ferro a ira.
 Por elle em fim respira
 Da Paz no doce laço
 O Reyno, que se vira

No tenebre ameaço :
 Ao som do bronze rudo
 Já foge o inimigo :
 Tudo se aplaca , tudo
 Torna ao socego antigo.
 Oh doce Paz ! Oh Iris da tormenta !

Sal. Oh doce Paz . . !

Mel. Tem maõ , Salicio : attenta
 Bem que se escute , ha huma hora , não me agrad
 Essa vossa cantiga , tão violenta.

Alguem ha de cuidar , que he fraze inchada
 Daquella , que lá se uza entre essa gente ,
 Que julga , que diz muito , e não diz nada.

O nosso humilde genio não consente ,
 Que outra couza se diga mais , que aquillo
 Que só convem ao espirito innocente.

A fraze Pastoril , o fraco estilo
 Da flauta , e da sanfona , antes que tudo ,
 Será digno , que Albano chegue a ouvillo.

Se Alcino tem lá feito o seu estudo
 Nesses versos , que traz , nós cá cantemos
 Ao nosso modo ; inda que seja rudo.

Sal. Vá feito , Melibeo ; he bem pensemos
 Em que não desmereça o nosso canto
 A pobre condição , com que nascemos.

Alc. Nada , Amigos , me póde agradar tanto
 Como os versos , que trago de memoria ,
 De que se faz na Côrte hum grande espanto.

Deos sabe , o que custou , que eu toda a historia
 Conservasse de cór : outro não teve
 Dentro em tão pouco tempo tanta gloria.

Laurenio quantos dias não esteve

A aprendellos commigo ! A bella Anarda

Que empenho por sabêllos me não deve !

Mel. Pois olha tu, Alcino, se não tarda
De acordar-se a lembrança, eu te asseguro,
Vejas couza melhor, que hum tronco guarda.

Sal. Queres talvez mostrar-lhe aquelle duro
Salgueiro, onde outro dia descreveste
De Amarillis o nome, sempre puro ?

Mel. Não he este o meu verso, não he este,

Alc. Pois he acazo a letra decantada,
Que fizeste ao teu bem, e hontem a lêste ?

Mel. Taõ pouco.

Sal. He a de Angelica adorada,

Aquella cantilena, que começa :

Onde te esconderás . . ?

Mel. Não. He errada

A vossa presumpção : não se arremeça

Taõ longê da razaõ meu dezatino,

Que assumpto taõ diverso agora peça.

O verso, que mostrar-vos determino ;

He hum, que ha poucos dias a esta parte,

Cortou sobre hum carvalho o velho Albino.

Cheyos d'engenho são, d' idéa, e d'arte:

Inda bem se não sabe o seu assumpto;

Ou falla com Apollo, ou co' Deos Marte;

Sal. Pois anda, Melibeo ; commigo juro

Vou ver esse carvalho : anda, caminha ;

Vamos ; que já mais nada te pergunto.

Alc. Quaze que de seguir-vos eu não tinha :

Pois cá no coração me está batendo,

Que a cantiga não he melhor, que a minha.

Mel. Pastores, os que andais là sobre a serra

Apascentando as pobres ovelhinhas,
 A quem vem perseguindo a dura guerra;
 Desde a gente distante ás mais vizinhas;
 Se abraza o fogo, se não guarda a terra
 Iguais vossas herdades, como as minhas,
 Commigo consolai o vosso pranto;
 Que eu perco mais que vós, ou perco tanto.

Eu tambem fui senhor de hum manada,
 Que enchia estes currais: o campo amigo
 Tambem me dava a fruta sazoadada,
 As castanhas, a uva, a pêra, o figo:
 Veyo (quem crêra tal!) com mão armada
 Sobre nós o faminto do inimigo;
 Tudo a fogo levou; pôs tudo a ferro;
 A mim me coube apenas hum desterro.

Desde o Douro ao Mondego não havia
 Nem gado, nem curral, que não gemesse.
 Tudo vinha arrazando a tyrannia
 Encoberta na forma de interesse.
 Quem de tamanho mal escaparia,
 Se o grande Deos do Ceo não protegesse
 A gente Luzitana, a gente sancta.
 Que para o seu braço a cruz levanta!

Elle nos concedeo com mão piedosa
 Huma alta Divindade em nosso amparo,
 Que fez segura a sorte duvidosa,
 E a todo o nosso damno pôs reparo.
 Já fugio a tormenta tenebroza;
 Já resplendece o Ceo sereno, e claro:
 Feliz, ò Portugal, feliz mil vezes
 O destino dos povos Portuguezes!

Por esta Divindade entrou a cura

Do contagio fatal, que o Reyno via:
 A sua actividade he, que segura
 Toda a conservação da Monarquia.
 Assim como o Piloto em noite escura
 Vence com arte, e modo a névoa fria,
 Seguindo sempre o rumo; assim se assenta;
 Que elle soube guiar-nos na tormenta.
 Não sei, como chamar-lhe deva agora;
 Sei, que o Deos ha de ser dos Portuguezes;
 A quem co' a machadinha cortadõra
 Se haõ de sacrificar as nossas rezes.
 Dia não haverà, instante, ou hora,
 Que seu nome não cantem nossos mezes.
 Digaõ huns, que he Apollo, outros que he Marte,
 No engenho, no valor, no esforço, e n' arte.
 Quem faz fugir a gente Castelhana,
 Quem a França tambem poem duro freyo,
 Ha de estender a terra Luzitana,
 Athé chegar além do berço alheyo.
 O meu gado, se a idéa não me engana;
 Eu pertendo levallo sem receyo,
 Por campos nunca vistos, nem pizados,
 Que estaõ da verde relva carregados.
 Plantarei novas vinhas, onde tenha
 O grosso cabedal, que a Cõrte estima:
 Terei mil sementeiras, com que venha,
 A ser mayor, que todos os do Lima.
 Esta gralha, que canta, he, que me empenha;
 Este final do Ceo he, que me anima:
 Tudo serve de agouro; porque em tudo
 Anda a minha razaõ fazendo estudo.
 En vejo, que por esta Divindade

O mar se vê de frotas opprimido ;
 Que , sem que do estrangeiro a droga agrade
 Nos dà o Reyno paõ , dà o vestido :
 Tudo fica entre nós ; sem que a vaidade
 O tenha de outras gentes recebido.
 Já não vem a roubar-nos o piratã ,
 Que daqui nos levava o ouro , a prata.

Não só gira o commercio , que a firmeza
 Nos Reynos assegura : premiado
 Se levanta com brio , e fortaleza.

Do somno, e da preguiça o vil Soldado.
 Tudo já he valor , tudo he destreza
 No cobarde igualmente ; e no esforçado.
 Oh quanto pôde a direcção prudente !
 Hum fortê Rey faz forte a toda a gente.

Alc. Por certo , Melibeo , não me atrevera
 A cantar junto a ti , se essa cantiga ;
 Antes da ta escutar , ouvido houvera.

Justo parece , Amigos , que se diga :
 Não pode competir co' a flauta agreste
 Tudo , o que desconhece a idade antiga.

Sal. O canto he taõ divino , taõ celeste ;
 Que eu nunca de escutallo me fartara.
 Oh que couzas taõ bellas , que diceste !

De Tityro a harmonia doce , e rara
 Assim se imita bem , quando sentado
 Ao Deos , que vira em Roma , lá cantara.

Alc. Seja sempre do tempo venerado
 O tronco , onde se imprime esta escriptura ;
 Para guardar hum verso taõ sagrado.

Sua rama se estenda sempre pura ,
 Dando sombra ao cansado caminhante ,

Que amparar-se solícito procura.

Mel. Primeiro se hade ver o gado errante

Pastar lá sobre o Ceo ; primeiro a terra

Será de mil estrellas abundante ;

Alc. Primeiro os cabritinhos pela serra

Deixarão de saltar ; entre os vaqueiros

O lobo deixará de fazer guerra ;

Sal. Os álamos ao rio sobranceiros

Primeiro deixarão de estar bolindo

Ao susurro dos ventos lizongeiros ;

Mel. Que eu deixe de estar sempre repetindo

Ao som da minha flauta o louvor sancto ,

Que de ti , sacro tronco , estou ouvindo.

Sal. Eu sou tambem contente.

Alc. Eu outro tanto.

Ao ver , que a sombra escura

Os montes já cobria ,

A sua choça cada qual procura :

E cheya a fantazia

Do canto soberano ,

Todos cantando vão do grande Albano.

*

L Y S I A.

E C L O G A IV. 1

S É he certo, que inda vive a doce aventura
 Que chorou Coridon, chorou Amintas,
 Tu me tens de escutar, ó Selva amena.

Eu por entre estas sombras mal distinctas,
 Ao resplendor da Lua, que apparece,
 Quero, que tu commigo o meu mal sintas.

Agora pois que o vento se enfraquece,
 Que o susurro do mar está mais brando,
 Que o ar se acalma, o campo se entristece.

Inclina o teu ouvido: eu entoando
 A minha fraca voz, agreste, e triste,
 Estarei minhas magoas recitando.

Dura consolação! A quem assiste
 Hum fado tão cruel, outra esperança

* Ao Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor
 de de Valladares, partindo de Lisboa para Villa
 Rica, a Capital das Minas Geraes.

Não tem mais, do que a queixa, em que perziste;
 Como posso apagar esta lembrança
 Daquelle grande bem, que eu discorria,
 Que já mais poderia ter mudança!
 Quem, fortuna, (ay de mim!) quem me diria,
 Que havia de vir tempo, em que faltasse
 Aquella doce uniaõ, em que eu vivia!
 Quando Lysia cuidou, que lhe roubasse
 A sorte dezigual a Silvio amado;
 Silvio, que outro não ha, que mais amasse!
 Que ditozo não via o meu cuidado
 Na posse de hum thezouro, onde segura
 Tinha a forte o meu bem depositado!
 Aqui sobre esta penha, onde murmura
 A onda mais quebrada, quantas vezes
 Me não puz a cantar minha ventura!
 Sacrificio lhe fiz das minhas rezes;
 Para elle colhi fomento o fructo,
 Que o Sol fazona nos dourados mezes.
 Tudo, o que leva o campo, eu em tributo
 Mil vezes lhe rendi: ah como agora
 O meu rosto não posso ver enxuto!
 Deixou-me Silvio; sim Silvio, que fôra
 Distincto Mayoral destas campinas,
 Gloria de Lysia, por quem Lysia chora. (nas;
 Deixou-me: mas por quem! Se he q̄ inda atira
 Saudozo coração, nesta tormenta,
 Explica de meu pranto as ancias finas.
 Deixou-me por aquella, que se ostenta
 Com o nome de Rica; a que sepulta
 Em seu seyo os thezouros, que sustenta.
 Deixou-me por aquella, que se occulta

Na parte mais distante ; porque eu tenha
Inda mais , que sentir na dor , que avulta .

Ah ! É como he possível , que me venha
Huma constância tal , que , instando a magoa
A formar minhas queixas me detenha !

Os olhos de saudade razos d'agoa
Que mais haõ de fazer , que estar chorando
A temrazaõ de taõ penosa fragoa !

Vós , campos , que me vistes já gozando
A delicia do meu contentamento ,
Ide-vos pouco a pouco desmayando .

Naõ esperéis já mais o luzimento ,
Que Silvio aqui vos deu : Silvio vos falta :
De Silvio naõ ha mais que o sentimento .

Buscou outra campina : outra se exalta
Na gloria de o gozar : ah que em vaõ geme
Dentro em meu coração magoa taõ alta !

Mas que debalde agora a boca treme !
Que debalde se agrava a ancia minha !
De que contra o meu fado a voz blasfema !

Se a gloria me roubaraõ , que eu mantinha
Contra o fado , contra essa , que hoje inveja
A queixa , a accusaçãõ só me convinha .

Infeliz seja sempre o teu dezejo ,
Oh ingrata inimiga ; e a ventura
Naõ encontres já mais sem magoa , ou pejo .

Teus campos naõ se cubraõ de verdura :
O dia te amanheça carregado ,
A noite sempre feya , sempre escura !

Consuma a peste vil teu nedio gado ;
Nunca tenhas Pastor , que o guarde , ou z
Do lobo , que o procura esfamiado .

Pize o chuvozo inverno, e atropelle
 As tuas sementeiras; leve o rio,
 Quantas herdades tens á margem delle.
 Nunca te ampare o álamo sombrio
 Com suas verdes folhas: tudo seja
 Contagio na Pastora, e no armentio.
 Caya... porém que digo! A minha inveja
 Onde me arrebatá! E não conheço,
 Que ha mais alto preceito, que me reja!
 Acazo, quando Silvio não mereço,
 Não sei, que elle se auzenta: porque manda
 Sobre a vontade sua hum alto excessão!
 A cazo outra rival elle demanda,
 Em que o destine a ley da obediencia;
 A ley que o dividio de Lysia branda?
 Pois Silvio falte em fim: ache a influencia
 Da estrella mais propicia essa, que agora
 Se alenta de meu bem na dura auzencia.
 Rizonha lhe amanheça sempre a aurora,
 Serena a noite, o gado não lamente
 Sem cura o mal, o damno sem melhora.
 Já mais chegue a levar a grossa enchente
 Seus fructos carregados; noite, e dia
 Ele o caõ sobre a ovelha: ande contente.
 No monte se ouçaõ bailes de alegria;
 Não perturbe o socego dos Pastores
 Algum agouro máo de ave sombria.
 Tudo, Silvio, será: que entre os horrores
 Da pena, do martyrio, da tristeza,
 Perdidos chorarei teus resplendores.
 Que será de meus campos na pobreza;
 Em que me deixas, Silvio? Tu me davas

Todos os meus haveres , e riqueza.

Tu só os mais Pastores consolavas,
 Distincto Mayoral com arte , e modo
 Tudo compunhas , tudo moderavas.

Por ti vivia alegre o campo todo.

Ah ! E com quanta dor nesta lembrança
 A calar minhas penas me accommodo !

Esperar já não posso outra bonança ;
 Que tudo já me falta , ò Silvio amado ;
 Pois que me faltas tu nesta mudança.

De meu pranto no mizero traslado
 Vive , Silvio , meu bem : minha saudade
 Te dá hum testemunho do cuidado
 Nesta inscriçãõ , que deixa à eternidade.

SONETO.

Guarda , ò tronco , este funebre letreiro
 Que em ti descreve Lysia : saiba a idade
 Que todo o coração , toda a vontade
 Deu a Silvio em affecto verdadeiro.

Oh nunca se te atreva o horror grosseiro
 De rayo algum ! Mas com feliz vaidade
 Ostenta sempre a fresca amenidade ;
 E em todo o tempo , ò tronco , vive inteiro

Crescer em tuas ramas veja hum dia
 De Silvio o nome : Silvio se remonte
 Dos Cantores na doce melodia.

Assim dizia Lysia : eis que huma fonte ;
 Que no seyo do tronco se escondia ,
 De repente saltou , banhando o monte,

ARUNCIO

ECLOGA V.

Frondozo, e Alcino.

Fron. **E**M vão te estás cançando o dia inteiro;
 Alcino, em perguntar, que significa
 Este, que vês cortar, triste letreiro:
 Elle não he de balde: aqui se explica
 Tudo, quanto ha de grande, novo, e raro,
 Na pobre aldêa, e na cidade rica.
 Nada pôde escapar do golpe avaro...
 (Diz esta cifra breve:) agora entende;
 Que deste dito o assumpto eu não declaro.
 Alc. Se o meu juizo o cazo comprehende,
 Esta letra, que entalhas, e que admiro,
 Com a morte de Aruncio falla, ou prende.
 Fron. Ah! Que arrancas hum mizero suspiro

A morte do Senhor Jozê Gomes de Araújo, De-
 embargador do Porto; que morreu nos sertões do
 Rio das Velhas, no emprego de Provedor da Fazenda
 Real da Capitania das Minas Geraes.

Do centro de minha alma ; o nome amado
Me faz deixar a vida , que respiro.

Alc. Eu bem via , que estava o teu cuidado ;
Frondozo meu , lembrando a triste morte
Desse caro Pastor , tão estimado.

Fron. E quando esperas tu , que o fatal corte,
Que de mim separou tão doce Amigo ,
Possa romper de amor o laço forte !

Primeiro se verá nascer o trigo
No Ceo ; dará primeiro a terra estrellas ,
Que tenha esta lembrança algum perigo.

Alc. Triste , e funesto cazo ! As Ninfas bellas
Do patrio Ribeirão tanto chorarão ,
Que inda allivio não ha , nem gosto entre ellas

Os gados largos dias não pastarão ;
E mugindo á maneira de sentidos ,
A pelle sobre os ossos encostarão.

Os Môchos pelas fayas estendidos
Enchendo a terra , e Ceo de mil agouros ;
Espalharão tristissimos grasnidos.

Os campos , que thé alli se viaõ louros
Com o matiz vistozo das searas ,
Perderão de repente seus thezouros :

Fron. Esses finais , Alcino , se reparas ,
Dizem couza mayor , que sentimentos
Confagrados da morte sobre as aras. (tente

Quando ha mostras no Ceo , quando ha por
Na terra , algum segredo ha , não sei onde ,
Que não he para humanos pensamentos.

Ao meu conhecimento não se esconde
A grandeza do golpe : mas alcanço ,
Que a tanta perda a dor não corresponde.

De te buscar exemplos me não canço;
 Só te lembro porém, que o tronco duro
 Faz mais estrago, que o arbutto manso.
Alc. O que queres dizer, eu conjecturo:
 No yme, e no carvalho ha igual ruina;
 Igual a consequencia eu não seguro.
 Aquelle cahe sem damno, este destina
 Fatal estrago a tudo, o que está posto
 Debaixo d'elle. He isto? Ora imagina.
Fron. Jove aparte de nós tanto desgosto:
Baste, para avivar nossa saudade,
 O ser cortado em flor aquelle rosto.
 Contente-se da morte a crueldade
 Em nos levar com passo tão ligeiro
 Huma tão bella, tão mimoza idade. (ro
 Roubou-nos hum Pastor, que era o primei-
 Entre os nossos do monte; elle nos dava
 As justas leys no campo, e no terreiro.
 Elle as duvidas nossas concertava;
 E sendo Mayoral, por arte nova,
 Com respeito o agrado temperava.
 De mil virtudes suas nos deu prova;
 Sempre a bem dirigindo os nossos passos.
 Oh quanto esta lembrança a dor renova!
Alc. Ay! E com quanta magoa nos teus braços
 Eu vi, Frondozo meu, que Aruncio esteve
 Dezatando da vida os doces laços!
Fron. Meu pensamento, Amigo, não se atreve
 A lembrar-se (ay de mim!) da mortal hora,
 Em que vi acabar vida tão breve.
 Quem fôra duro feixo, ou bronze fôra,
 Para animar agora na lembrança

Aquella imagem , com que esta alma chora ?

Eu vi , Alcino , eu vi , que na mudança
Que do caduco a Eterno bem fazia ,
A alma tinha cheya de esperança .

Tudo , o que era mortal , aborrecia :
A copia dos seus gados , o cajado ,
(Bem que era de ouro fino) em nada havia .

Em vão o molestava o doce estado
Da honra , e da grandeza : a Jove entregue
O espirito seguia outro cuidado .

Mas ay , Alcino ! A voz já não profegue ;
Que tudo , o que a memoria vem trazendo
Receyo , Amigo , que a matar-me chegue .
Alc. As Ninfas do Mondego estou já vendo
Descerem para nós com triste pranto .

Ou eu me enganõ , ou ellas vem dizendo
Se do lirio , da murta , e do amaranto
Cercada deve ser a sepultura

De Aruncio , a nós nos toca officio tanto .

Nós o creâmos com feliz ternura ,
Dando-lhe o mel , e o leite : a nós nos
Mandar o corpo bello á terra dura .

Fron. De outro lado igualmente se provoca
O Tejo (onde elle vio a luz primeira :)
E as Ninfas do centro humido convoca .

A mim só te me leve a gloria inteira
(Falla o soberbo Tejo) eu o demando :
Minha hade ser esta honra derradeira .

Aqui lhe estou huma urna preparando ,
Coberta de hum cipreste ; onde a memoria
Seu nome vivirá sempre guardando .

Por mais que võe a idade tranzitoria ,

Nunca se hade apagar aquelle affecto,
Que de Aruncio consagro á triste historia.

Durarás entre nós, Pastor discreto,
Renovando a lembrança de Corino,
Que da nossa saudade he inda objecto:

Elle te deu o ser; tu peregrino
Retrato de seus dotes, consolavas
Nosso dezejo, tão constante, e fino.

Aquelle caro Irmaõ, que tanto amavas;
Aonio, digo, aquelle, a quem devias
Toda a felicidade, que gozavas,

Hoje lamenta teus saudosos dias;
Hoje chora commigo: eu lhe dezejo
Allivio á tão cançadas agonias.

Alc. Oh! Contente-se embora o claro Tejo
De haver ao mundo dado, quem lhe ganha
Fama, e nome a seu Reyno affaz sobejo.

Contente-se o Mondego, que na estranha
Ventura de educallo, deu ao mundo,
Quem lhe soube adquirir gloria tamanha.

O fado, que conhece inda o mais fundo;
Quer, que guarde seu corpo a turva arêa
De outro Rio, mais triste, e mais profundo.

Do Rio, que seu curso não refrêa
Até chegar, onde entra a grande costa,
Que banha do Brazil salgada veyá.

Rio das Velhas se chama (se reposta
Buscamos nos antigos, a pintura
Das Dorcades na historia se vê posta.)

Os primeiros, que entraraõ na espessura
Dos asperos sertoes, dizem, que acharaõ
Tres barbaras, já velhas, nesta altura.

Fron. Das tres Parcas melhor elles tomaraõ
O nome desse Rio ; se he verdade ,
Que ellas a vida humana governaraõ.

Triste sejas , ò Rio : a Divindade
De Apollo , que em ti cria o amavel ouro ;
Se aparte do teu seyo em toda a idade.

Naõ sejas da ambiçaõ rico thezouro :
Girar se vejaõ sobre as prayas tuas
Os brancos cisnes naõ , aves d'agouro.

Do inverno as enxorradas levem cruas
As sementeiras , que teus campos criaõ :
Deixem só sobre a terra as pedras nuas.

Os pobres navegantes , que se fiaõ
Dessas funestas agoas , desde agora
Conheçaõ a traiçaõ , que naõ temiaõ.

Ale. E contra quem, Frondozo, inda em tal hora
Se armaõ as pragas tuas ! Hum delirio
Só para extremo tal desculpa fôra.

Se Jove he quem nos manda este martyrio ;
Sofframos o seu golpe : ao Pastor bello
Derramemos em sima o goivo , o lirio.

O nosso Ribeiraõ traz o modello
Do enterro , que dispoem : nós entre tanto
Demos a conhecer nosso desvelo.

Envolto o corpo em hum candido manto ;
Que distingue de Deos o brazaõ nobre,
Aqui se offrece para o nosso pranto.

Em quanto pois o corpo a terra cobre ,
Seguindo o teu principio deixa , Amigo ,
Que hum voto lhe consagre hum Pastor pobre ;
Hum voto , que se esferava em seu jazigo.

SONETO.

Nada pôde escapar do golpe ayaro,
Alcino meu: que a Parca endurecida
Corta igualmente os fios de huma vida
Ao pastor pobre, ao cortezaõ preclaro.
Cresça embora esse tronco altivo, e raro;
Ostentaçaõ fazendo mais luzida;
Viva embora entre humilde, entre abatida,
Essa planta, a que o nome em vaõ declaro.
Tudo hade achar o fim: bem que a vaidade
Em huma, e outra gloria faça estudo,
Nada escapa á fatal voracidade.
Eu, que chego á pensallo, fico mudo;
E só tiro por certa esta verdade:
Que, se Aruncio acabou, acaba tudo.



E U L I N O

E C L O G A VI.

A O campo alegremente concorria
 Da parte mais vizinha, e mais distante;
 Dos Pastores do Ebro a companhia;

A's portas dos currais o vigilante
 Perro guardava o bem seguro gado,
 Latindo ao resplendor da Lua errante.

Em fogos todo o sitio illuminado,
 Tornava clara luz a sombra feya
 Do gesto melancolico, e pezado.

Vinhaõ chegando de huma, e outra aldeã
 As flautas sonorozas; cujo accento
 O campo todo em jubilos recreã.

Trazia ao mundo o Sol com passo lento
 O dia, em que do Ebro os moradores
 Celebravaõ de Tirce o nascimento.

Tirce, que gloria fôra dos Pastores;
 Que naquella amenissima ribeira
 Ausumpto foi de todos os cantores.

Ninfa, de cuja graça lizongeira

No venturozo engano Alcemo prezo,
 De Pastor se tornou penha grosseira.
 Que de hum desdém no ingrato fogo accezo
 Por mercê foi dos Deozes transformado,
 Depois de ser de Tirce vil desprezo.
 Este penedo alli assignalado
 Era do Ebro a tragica memoria,
 Da devoção silvestre respeitado.
 E da Ninfa cruel a viva historia
 Celebravaõ Pastores, que aprendiaõ
 A ter de hum peito barbaro a vangloria!
 Hum templo para culto lhe erigiaõ;
 E ornavaõ d'elle a fabrica elegante
 Ingratos monumentos, que esculpiaõ.
 De Alfêo mostra a parede o curso amante,
 Que de Arethusa o candido thezouro
 Segue no cristallino passo errante.
 Negando a mão a Febo, á seti desdouro,
 Vê-se em rama o cabello enverdecendo,
 De Anfrizo a Ninfa transformada em louro,
 Tremolamente ao ar se está movendo
 A Semideoza convertida em cana,
 Atraz de si o hirsuto amante vendo.
 Em fim outras memorias de inhumana
 Condição hum Pastor déstro, e polido
 Na fabrica esculpira soberana,
 Já se escutava o muzico ruido
 Das sanfonas, das flautas, dos cantores;
 Em que está todo o campo repartido:
 Dispunhaõ varios jogos os Pastores,
 Por premio consentindo ao que ganhasse;
 Cajados de destriffimos labores.

Porque melhor o baile concertasse,
Na bella chusma das Pastoras vinha
Antandra, que por guia as go vernasse.

Era Antandra a mais bella; e como tinha,
Mas do que as outras, coração ingrato,
Só em matar de amores se entretinha.

Soava o canto harmoniozo, e grato,
Entoando em o numero cadente
Memorias do Pastor, desprezo, e trato.

O baile percebendo tristemente,
Ao longe estava Eulino recoitado
Sobre huma penha afflicto, e descontente.

A Antandra amava; e seu mayor cuidado
Era Antandra, Pastora, que distante
Vive do campo seu, do seu montado.

Vendo-a prezente o desprezado amante,
E não podendo achar benigno effeito
No esquivo coração, chora constante.

Desde o penhasco, em lagrimas desfeito,
Vendo bailar a candida Pastora,
Que anor atêa em seu rendido peito;

Ingrata Ninfa, diz, se a quem te adora,
Fazes vaidade de ser impia, e dura,
Que val a huma alma, quanto geme, e chora.

A tanto chega já minha loucura,
Que hoje he no campo a infeliz noticia
A qualquer, que de mim saber procura.

Só por tornar-te a condição propicia,
He desprezo suave de meu gosto,
Quanto he do campo mimo, ou he delicia!

Entregue sempre a meu fatal desgosto
Vejo vagar (sem nelle ter cuidado)

O meu rebanho, ao voraz lobo exposto.
Que mais queres, cruel, de hum desgraçado;
Que huma alma tendo só, para render-te,
Huma alma a teu rigor tem consagrado!
De meus ays eu pudera aqui trazer-te
Por testemunha toda esta montanha,
Se esperara a ventura de mover-te.
Mas o teu genio, que a piedade estranha;
Só prezaria ter esta certeza,
Por dar a teu rigor gloria tamanha.
Conta porém por mais distincta empreza
Hum coração, que tem mayor vaidade,
Quando mais nobre victima despreza.
Eu clamarei, ò Ninfa, aos Ceos piedade;
Que pois de Alcemo hoje a memoria existe,
Sendo motivo á mízera faudade;
Tempo virá, que de meu fado triste
Emendaçõe veja o influxo escuro;
Que a hum fino amor nem inda o Ceo reziste;
Algum penhasco, ou algum tronco duro
Amor fará, que só conserve o nome
De Eulino: porque a Antandra amou taõ puro.
Por mais, que a sombra vença, o somno dome
O ardor de huma lembrança, eu te prometto,
Que ouvindo Antandra, o mundo injuria tome.
Não serás tu, idolatrado objecto,
Como já n'outra idade Tirce fôra;
Por não pagar de Alcemo o amante affecto;
Entre nós hoje amor se não ignora,
Como naquella mais ingrata idade;
Que a mais tyranna era a melhor Pastora.
Pintava-se modestia a crueldade;

E se attendia com mayor decencia,
 A que não se inclinava a ter piedade.
 Então o ser ingrata era innocencia;
 E ao laço de Hymeneo se sujeitava
 Huma alma; sem de amor sentir violencia!
 Hoje mais gloria he ter huma alma escrava
 Hoje o trazer hum coração sujeito
 He bem, que aquelle seculo ignorava.

Só de hum Pastor se vê o nobre effeito
 Em tributar á sua amada bella
 Docês obzequios de seu fino peito;
 Render-lhe o cordeirinho, que mais zela;
 Entre os seus recentais; ter-lhe guardado
 O mimo, em que mais gosto empregasse ella;
 Offerecer o leite, o mel dourado,
 A fruta saboroza; e a cestinha
 De rozas, que colheo no verde prado;
 Da sua amada (ay bella Antand minha!)
 Gostoza obrigação he a coroa
 Tecer-lhe de huma, e outra rama-zinha;
 Deve ornar-lhe o cajado; e se elle entôa
 Entre as Pastoras algum hymno, em quanto
 Erra o seu gado, o seu amor pregoa.

Mas eu que nescio advirto obzequio tanto;
 A quem nada ignorando, do que eu sinto,
 Desprezo faz de meu faudozo pranto!
 Se só na idéa minhas glorias pinto, (tendo)
 Que he, o que estou sonhando, ou o que perdo
 Se a tudo, o que te digo, te estás rindo?
 Oh! Não me vejas sempre estar gemendo,
 Ampare-me este alento, que a constancia
 Nos longes da esperanza vem trazendo.

Sufoque-se o tumulto de minha ancia;
 Se pôde haver em tão fatal tormento,
 Quem me encaminhe; Amor, á tolerancia;
 Não dê mais meu cansado pensamento
 Tanto esforço ao pezar: essa inimiga
 Veja-te, Amor, cantar o vencimento;
 E os teus triunfos por despojo siga:

F I D O .

ECLOGA VII.

A Onde hum verde monte
 De sombra está servindo á cristallina;
 Sonora, e clara fonte
 Do Mondego suavissimo, a divina
 Cauza de seu gemido
 Mizero conduzia ao Pastor Fido;
 Depois que o alto cume
 Pizara já suspenso, e fatigado,
 Porque respire o lume,
 Que dentro tem no peito recatado }
 Sobre hum duro rochedo

Imagem se sentou do horror, do medo;

A' parte logo pondo

O encurvado arrimo, descansando

Na mão a testa, o estrondo

Do vento, que socegue, então rogando

Ergueo a voz: attento

A ouvillo parou mais brando o vento.

A ouvir seus clamores

Correi, ó penhas, suspendei-vos, agoas;

Que os funebres rumores,

Que vão formando de seu peito as magoas

Neste siuo ferindo,

Em terno som, piedade estão pedindo.

Ouvi; que já começa

Do afflicto peito a ir dezentranhando

As justas queixas dessa

Perjura Ninfa; em cujo rosto brando

Em cujo doce agrado

Amor os seus venenos tem guardado.

Fido. Formozíssima Almena, e não duvido

Que o ser cruel sómente hoje te agrade;

Este cançado, e ultimo gemido

Ouve, e modéra hum pouco a crueldade;

Daqui donde diviza o triste Fido

O templo dessa ingrata Divindade,

Te vem a consagrar, perfida Almena

Puras victimas não, sim mortal pena

Aquelle rosto affavel de alegria,

Que invejaraõ mil vezes as estrellas,

De mudo horror se cobre, e de agonias

Que tu de todo o enlutas, e atropellas

A fé, que me juravas algum dia.

tudo estragado está, porque daquellas,
 Promettidas hum tempo, firmes glorias,
 Só vivem (ay de mim!) tristes memorias.
 Aquella branca mão, em que apertando
 Tomavas minha mão, se não te esquece
 Que ditas não me esteve assegurando,
 Que agora tudo, infiel, se desvanece!
 Ora o Ceo, ora a terra provocando,
 Costumavas jurar; e te parece,
 Que tudo na memoria inda não dura?
 Ah Pastora inimiga! Ah vil, perjura!
 Dizia-me: verás, ó Fido amado,
 Primeiro produzir esta montanha
 Estrellas; e pascer o manso gado
 Sobre estas agoas, onde o Sol se banha
 Verás esse alto monte levantado
 Tornar-se em valle humilde; e mais estranha
 Couza ainda verás, eu não duvido,
 Primeiro; do que Almena ingrata a Fido.
 Nada se tem mudado: o ser inteiro
 No Ceo, na terra, e monte inda se adverte
 Só teu peito infiel ao lizongeiro
 Influxo de meu damno se perverte.
 Estranha couza he só ver, que o primeiro
 Antigo amor em odio se converte;
 Que se trocaraõ, perfida, os amores
 Em iras, em violencias, em rigores.
 Oh quem esta traicão imaginara,
 Que as promessas fallissimas não crêra!
 Mas se o immenso amor me não cegara
 Certamente, perjura, eu o fizera.
 Que dor não he o ver, que a Ninfa cara

Aos braços de outro amante se rendêra !
 Que dor não he , que magoa , que tormento !
 Ah ! Que falta valor ao soffrimento. (do

Com que impaciencia (oh Ceos!) estcou notado
 A torpe laço ingratamente unida
 Aquella gentil face , aquelle brando ;
 Gestos alegre de Ninfa taõ fingida.
 Eu a vi nos meus braços respirando
 O alento , que animava a minha vida ;
 Fabrica hoje cruel da alheya sorte
 O instrumento fatal da minha morte.

Que bem por mais horror da pena minha
 Parece , que me falla aquelle monte !
 Que bem esta corrente aqui vizinha
 Me está pedindo , que meus males conte !
 Mas se ella a gloria vio , que entã eu tinha ;
 E se tu me invejaste , ó clara fonte ,
 Medi por ella a magoa de perdella :
 Vereis , qual he mayor , se a pena , ou ella !

Ah Pastora ! Hum taõ puro sacrificio
 Tu desprezas assim ! Quem te assegura ,
 Que não sabe emendar hum precipicio
 O horror de minha grande desventura ?
 Se tem a sorte mizero exercicio
 N'hum vida infeliz , que pouco dura ,
 Eu lhe quero roubar tanta victoria :
 Seja de Fido a lastimoza gloria.

Disse , e sobre a alta penha
 Erguendo-se , da furia arrebatado ;
 No rio se despenha ,
 Que de horror , ou de susto entã parado ;
 Vêo pallido amante ,

Entre as ancias da morte agonizante,
 Ao successo acodia
 Algano, que de longe o divizara:
 Apreffado corria;
 Mas a cega ambição da Parca avara
 De seu golpe violento
 Já fazia despojo o doce alento,
 O Pescador Algano,
 Que a cauza deste mal não ignorava;
 Alli de tanto damno
 Hum funesto padraõ em letras grava;
 E nellas deixa impresso
 O triste cazo, o infeliz successo.

SONETO.

N Infas, que sobre a espuma prateada
 Do Mondego suayissimo cantando,
 Brandas queixas ao Zefyro estais dando,
 Com que fica a campina magoadá;
 Esta pyra, que vedes levantada
 A memoria daquelle Pastor brando,
 De funebres cyprestes coroando
 Deixai eternamente venerada.
 He de Fido, ó Deidades: bem notoria
 A troncos, plantas, marmores, e flores
 Tem sido neste campo a sua historia.
 Vós, que as iras gemeis, sentis rigores;
 Fazei somente assumptos da memoria
 De Fido as tristes lagrimas, e amores.

POLIFEMO.

ECLOGA VIII.

O' Linda Galatêa ;
Que tantas vezes , quantas
Essa humida morada busca Febo ;
Fazes por esta arêa ,
Que adore as tuas plantas
O meu fiel cuidado : já que Erebo
As sombras descarrega sobre o mundo ;
Deixa o Reyno profundo :
Vem , ó Ninfa , a meus braços ;
Que nelles tece Amor mais ternos laços ;
Vem , ó Ninfa adorada ;
Que Acis enamorado ,
Para lograr teu rosto preciozo ;
Bem que tanto te agrada ,
Tem menos o cuidado ,
Menos sente a fadiga , e o rigorozo ;
Implacavel rumor , que eu n'alma alento
Nelle o merecimento
Minha dita assegura ;

Mas ah! que elle de mais tem a ventura.
Esta frondoza faya
A qualquer hora (ay triste!)
Me observa neste sitio vigilante ;
Vizinho a esta praya
Em huma gruta assiste ,
Quem não pôde viver de ti distante ;
Pois de noite , e de dia
Ao mar , ao vento , as fêras dezafia
A voz do meu lamento :
Ouvem-me as fêras , ouve o mar , e o vento ;
Não sei , que mais pertendes ,
Desprezas meu desvelo ;
E excedendo o rigor da crueldade ;
Com a chama do zelo
O coração me accendes :
Não he assim cruel a Divindade.
Abranda extremo tanto ;
Vem a viver nos mares do meu pranto ;
Talvez sua ternura
Te faça a natureza menos dura.
E se não basta o excesso
De amor para abrandar-te ,
Quanto rebanho vês cobrir o monte ;
Tudo , tudo offereço ;
Esta obra do divino Alcimedonte ,
Este branco novilho ,
Daquella parda ovelha tenro filho ;
De dar-te se contenta ,
Quem guarda amor , e zelos apascenta ;

L A U R A.

E C L O G A IX.

EM fim, bellos amores,
 Doce consolação dos meus sentidos;
 Trocaraõ-se em rigores
 As finezas de Laura: ancias, gemidos
 Occupaõ hoje a parte, que algum dia
 A imagem alentava da alegria.
 Sem gloria o peito amante
 Se vai rendendo a hum funebre delirio,
 Sentindo a cada instante
 Affiçta a idéa do fatal martyrio.
 Oh quanto afflige, Amor, oh quanto cança
 De hum bem perdido a mízera lembrança
 Buscando o dezaçogo
 Ao mal vehemente, subo a hum alto monte
 Do qual divizo logo
 As bellas margens dessa clara fonte,
 Que em prodiga corrente, em fertil vèa,
 Anima os verdes campos de Amalthèa.
 Alli sobre hum rochedo,

Proprio fitio da minha desventura,
 Que de horror, e de medo
 O tempo veste, a sombra desfigura;
 Cujos eterno segredo não altera
 Racional creatura, ou bruta féra;
 Sentado tristemente,
 Muda estatua da dor, em vivos eccos,
 Convoco ternamente,
 Ao som de meu suspiro, os troncos seccos,
 As mudas penhas, as mimozas plantas,
 Que me venhão ouvir em magoas tantas:
 Vós, lhes digo, sonoras,
 Doces agoas do placido Mondego,
 Que vedes as traidoras
 Faces gentis do meu amado emprego;
 Que vendo estais meu terno rendimento;
 Pois vos duplica as agoas meu lamento;
 Vós, troncos generozos,
 Imagens insensiveis de meu damno,
 Que a laços enganozos
 Talvez lostes arrimo, em vosso engano
 Podéis, ó troncos, já ter alegria;
 Que a hum infeliz alenta a companhia.
 Vós, mudas penhas, triste
 Figura da constancia de meu peito,
 Onde o retrato existe
 D'aquelle objecto, por quem já desfeito
 Meu fino pranto desperdiço agora,
 Marmore duro, penha vividôra;
 Ouvi-me vós, vós me escutai; que eu louco
 Busco attençaõ nos brutos insensiveis.
 Não he meu mal taõ pouco,

Que não possa fazer em vós possiveis
A compaixão, a magoa, e a piedade,
Tanto póde da dor a actividade.

Comvosco, ó penhas duras,
Mil vezes o meu bem communicava.

Tu, Rio, inda o murmuras:

Seu nome nesta penha se gravava:

Alli conserva ainda no horror bronco

O nome de meu bem aquelle tronco,

Eu mesmo venturozo

Neste retiro á muda soledade

Communiquei gostozo

Aquella singular felicidade,

Que, para dilatar minha ancia fina,

Só no fim me mostrou, o que he ruina!

Dizia-vos: eu amo

A mais bella, a mais rara gentileza;

Por quem tanto me inflammo,

Que todo o bem o coração despreza:

Corresponde-se grata a meus ardores:

Feliz sou eu, felizes meus amores.

Inveja eu de Cupido,

Emulação gentil dos Astros ella;

Em zelos encendido

Gemia Amor; chorava cada estrella

O seu desprezo: mas oh triste fado!

Vingou-se Amor; o Ceo se tem vingado!

De victima profana

Manchou-se o altar sagrado: da firmeza

Cedeo a deshumana,

A perjura, a inconstante gentileza:

E forão suas vozes (oh tormento!)

Faceis lizonjas do ligeiro vento.
 Affavel, carinhoza,
 (Mas que digo!) infiel, falsa, fingida,
 Já procura enganoza
 Outro Pastor: e a seu favor convida
 Hum nescio amante, a quem talvez espera
 Na gloria, que hoje goza, a ruina féra.
 Para desvanecer-te,
 O enganado amante, bem discorro,
 Que se chego a deverte
 Inteira fé das penas, em que morro,
 Verás dessa inimiga a vil mudança:
 E inda eu de ser feliz tenho esperança!
 Eu me vi levantado
 Ao mais soberbo cume dessa dita;
 E medi despenhado
 A distancia, (ay de mim!) que era infinita;
 Como pódes julgar, que advirto louco
 Na mesma gloria, que perdi ha pouco.
 Essa mesma, que agora
 Branda te acolhe, te recebe affavel,
 Já me entregou huma hora
 A bella mão, dizendo: nunca instavel
 Tu me verás, Pastor: a experiencia
 Mostrou bem dezigual correspondencia.
 Mais feliz te contemplo,
 Do que fui; porque tens a minha sorte;
 Onde seguro exemplo
 Tema a tua ventura: o peito forte
 Oh não a creya não; que eu quando a cria;
 Mil vezes cada hora me mentia.
 Quem emendar pudera

O sacrilego impulso da vontade,
 Quando rompi a austera,
 Segura condição da liberdade,
 Sempre izenta de amor! Mas que rezisto!
 Só o fizera, não te havendo visto.

Goza, goza esse emprego,
 Que tanto o teu cuidado te desvela;
 He digno, não o nego;
 Dezempenha o teu gosto: mas, ó bella!
 Vê, lhe não guies a fortuna escura
 Pelos passos da minha desventura.

Ah barbara belleza,
 Produzida nos montes de Ampeluza!
 Nasceste entre a fereza
 Da magica Medéa, ou de Meduza?
 Bebeste, dize, a natureza insana
 Da Libica serpente, ou tigre Hyrcana?

Mas que exemplares trago
 De injusta tyrannia? O tigre fero
 Talvez o brando affago
 Humilde reconhece: eu dezespero,
 Ingrata, que, por ser mais feya a culpa
 Hum exemplo se quer te não desculpa.

Repara convencida
 Naquella amante vide, que enlaçada
 Este tronco convida
 A' mais suave uniaõ: vê apertada
 A debil planta, como se fizesse
 Em cada folha huma prizaõ, que tece.

Nada verás, perjura,
 Que imagens da constancia, e da firmeza
 Te não proponha: oh dura,

Vil condição da femeníl belleza!
 Tu só, tu só estragas com jaçtancia
 O natural dictame da constancia.
 Tudo tem destroçado
 Da vil mudança a femrazaõ injusta:
 E eu triste, cançado
 Da violenta paixãõ, quanto me custa;
 Quanto, quanto a lembrança fatigada
 De huma dor taõ profunda, e taõ pezada!
 Quizera (ay doce emprego!)
 Que nunca despertara o estrondo infame;
 E a pena, a que me entrego,
 Já mais te accuze, ingrata, já mais clame;
 Porque no esquecimento da mudança
 Conheças, que inda he minha esta vingança!
 E vós, as que me ouvistes,
 Mudas penhas, em vosso escuro feyo
 Sepultai estes tristes
 Eccos, que a minha dor expulsar veyo:
 Naõ deis final algum de minhas magoas;
 Caducos troncos, e mimosas agoas.



ANGELICA.

E C L O G A X.

Frondelio, e Umbrano.

Fron. **V** Alha-me o Ceo; e como estou *passa*
 De ver quam brevemente *(d)*
 Hum Pastor, que mostrava tanto avizo,
 Que era aqui respeitado
 Da nossa pastoril, sincera gente
 Pelo mancebo de melhor juizo,
 Em louco transformado, o campo todo
 Admira, de tal modo,
 Que ja fogem de ouvir seu triste enredo
 Alguns de compaixão, outros de medo!
 Ah grande Umbrano! E quem entenderia
 Que a dezatino tanto
 Huma alma conduzia Amor injusto!
 Quem seu golpe creia
 De tal vigor, de tal esforço; quanto
 Neste Pastor se emprega a tanto custo
 A' margem desse lago macilento,

Pallido, e sem alento
 Anda girando este infeliz amante,
 Absorto sempre, e sempre delirante.
 Que loucuras, a idéa fatigada
 Não persuade a hum triste
 Na faudoza lembrança do perdido!
 A alma, que estampada
 Traz a imagem do bem, que mal reziste
 Da infausa pena ao funebre ruido!
 Deste Pastor tão bello bem sabemos,
 Com que finos extremos
 De Angelica adorava o doce encanto:
 A sua auzencia he cauza de seu pranto:
 Mas bem que ouvir ingratos dezatinos
 Mais parece impiedade,
 Que compaixão, que alente humano peito
 A ouvir os peregrinos
 Desconcertos me chego, que a saudade
 Dicta em seu coração, de amor desfeito.
 Agora que tem posto
 Dentro do lago os olhos, e o desgosto
 No semblante se vê mais declarado,
 Chegar-me quero a ouvir o seu cuidado.
Umbr. Não são agoas mimosas
 Estas correntes, não: eu nellas vejo
 As desfolhadas rozas
 Das faces de meu bem: o meu dezejo
 Com enganoza tinta
 Esta gloria nas agoas me não pinta.
 Vós, olhos, que serenos,
 Representais as lucidas estrellas,
 Que suaves venenos

Alimentando estais nas faces bellas ;
 Venenos , que bebidos
 Sempre hydropicos tem os meus sentidos ;
 Enredados cabellos ,

De donde Amor me despedio as fectas ;
 Fostes a meus desvelos

As correntes mais doces , e inquietas ;
 Que em maõs de suavidade

Me prendem para sempre a liberdade ;
 Choras ? Ou te estãs rindo ?

Se choras , a saudade te agradeço ;
 Se te ris , etã sentindo

Fico o mal desta auzencia , que padeço !
 Quem fõra premiado

Em taõ illustre fé , em tal cuidado !

Aqui vagando vivo

A' margem deste lago ; aqui discorro
 Confuzo , e pensativo ,

Buscando sempre a cauza , porque morro ;
 O seu divino rosto

O Ceo , por consolar-me , aqui tem posto.
 Dentro desta corrente

Habita a minha Angelica ; o semblante
 Rico , e resplendente ,

Aqui vejo nesta agoã a cada instante ;
 Em Ninfa transformada

Aqui quiz eleger sua morada.

Mil vezes no despenho

Me lembra Alfão rendido , e namorado ;
 A seguillo me empenho ;

E me impede , naõ fei , se Amor , se o Fado
 Buscãra a sua sorte ;

Mas delle não invejo mais, que a morte.
 Consolação pezada
 He seguir este allivio; senão gozo
 A face delicada,
 Termo de meu destino venturozo :
 Quanto o ver me atormenta,
 Que o mesmo, que possuo, se me auzenta !
 Nesse lago do Averno
 He bem sabido, como hum desgraçado
 Vive em tormento eterno,
 Só por lhe ser (oh dura ley !) negado
 O licor da corrente,
 E o pômo, que se mostra florecente.
 Retrata o meu martyrio
 De Tantalo infeliz a desventura :
 Qual lhe chama delirio,
 Qual excesso da dor ! Mas se a loucura
 Vem tão discretamente,
 Louco me espere sempre toda a gente.
 Fron. Não ha, nem pôde haver mais desconcerto ;
 Que o deste infausto amante :
 Quam grande he o poder da fanta zia !
 Vulgar, que tem tão perto
 Aquelle bem, que vive tão distante,
 Delirio he só da mizera porfia.
 Imagina presente o bem amado
 O triste desgraçado.
 Ah ditoza loucura ! Pois na idéa
 Trazes aquelle alento, que recrêa.
 Porém oh que delirio a alma alcança !
 Como nunca o destino
 Nos conduz para o bem de huma ventura !

Pacifica bonança
Encontrára este amante peregrino,
Se obrasse huma hora igual a forte escura;
Mas para mais desgosto
Todo o prazer na idéa está disposto:
E seu tormento infiel por derradeiro
Tanto he mais duro, quanto verdadeiro!
A noite vem cahindo: eu me retiro:
Pois querer dar focego
A quem tem no seu erro o seu descanso;
Que he tyrannia, infiro,
Só natural a hum coração tão cego,
Que ignora o desconcerto, que eu alcanço!
Que triste anda hum amante,
A quem traz seu cuidado delirante!
Pois para ser mayor sua agonia,
Tem todo o seu prazer na fantazia!



DALIZO.

ECLOGA XI.

Dalizo, Alcano, Agrario, e Eulina

Dal. **D**Eixa-me: não admito, Alcano amado,
 Socego algum no mizero accidente
 De tão profunda dor, mal tão pezado.
 Como queres, que chegue a estar contente,
 Vendo tão mallograda aquella idade
 Do meu Pastor, do meu Salicio auzente!
 Tu sabes, que nos laços da amizade
 Mais estreita, mais fina, e mais segura,
 Unica em nós havia huma vontade:
 Do genio á suavidade, e á brandura
 Me conformava eu tanto, que violencia
 Me faz em não levar-me a morte dura.
 Que fico eu cá fazendo nesta auzencia,
 Se haver não pôde allivio, que conforto
 A grave dor da minha impaciencia!
 Errou o golpe barbaro da morte:
 A inveja bem mostrou no dezacerto

Podendo em duas vidas ser mais forte!

Ay doce Algano meu! E que concerto
Póde achar o discurso naufragante
Deste damno fatal no golfo incerto!

Roubou-me a Parca de meu peito amante
Hum bem tão precioso, que na terra
Não espero ver outro semelhante.

Sabes, que entre os Pastores desta serra
Era o meu bom Salicio o mais amado
De todos, quantos a montanha encerra.

Era do velho Alfemo respeitado;
Elle nos recordava cada dia
De Salicio as acçoens, genio, e agrado.

Quando entre nós algum certame havia;
Este sabio Pastor com arte, e modo,
Os duvidozos cazos rezolvia.

Em concorrendo o nosso campo todo;
Era Salicio a flor: nesta lembrança
A soffrer tanto mal não me accommodo.

Em todo o baile, em todo o jogo, ou dança;
Que convidasse o genio da floresta,
Elle excedia sempre a esperança.

Alg. Não sei, Dalizo meu, que ley he esta;
Tão dura, tão cruel, que em nosso damno,
Na parte mais mimozza he mais molesta.

Ha poucos dias, que ao Pastor Montano
Lhe morreu huma ovelha, a mais formozza,
De quantas lhe tragára o lobo Hyrcano.

Bem sabes, que entre todas mais vistozza
Era dos dous novillos a parelha,
Que eu tinha; e deu lhe a peste venenozza.

Esta de cor dourada desde a orelha

De inveja aqui trazia os mais Pastores;
 Morreu humae; ficou outra mais velha.
 Bem vemos nós do campo os moradores;
 Que no anno, em que he Ceres mais fecunda,
 Dando mais abundancia aos lavradores;
 Quando o terreno fertilmente inunda
 Na copia das searas carregadas,
 Onde o agricultor seus dotes funda;
 Então, ou vem as agoas mais pezadas;
 Ou vem o Sol ardente, e tudo morre,
 Ficando as plantas pelo chaõ prostradas.
 Esta disposiçaõ, se se discorre,
 Dalizo, com acerto, e com prudencia,
 Que he só mysterio occulto, á idéa occorre;
 Mysterio, que não vê mortal sciencia,
 Que não alcança humana conjectura,
 Por ley da inescrutavel providencia.
 Dal. Algano, assim será: porém que cura
 Queres, que tenha hum golpe tão violento;
 Que me roubou tão breve huma ventura!
 Se alheyo de si mesmo o entendimento,
 O que vê, não comprehende, nem alcança;
 Como hade agora discorrer attento!
 Eu vejo, Amigo, a mizera lembrança,
 Da que eu imaginava, gloria minha,
 Prostrada a baze infiel da segurança.
 Que fosse eterno tanto, bem convinha:
 Ou que durar pudesse mais idade,
 Segundo os raros dotes, que em si tinha.
 Para que nos vem dar felicidade
 Jove, o grande senhor da humana vida;
 Se hade acabar com tanta brevidade!

Entregar-nos huma alma enriquecida
De prendas tão gentis, só para effeito
Pôde ser de lograda, e possuida.

Alg. Quanto nesse discurso erra o conceito
E sempre nessa credula ignorancia
O dezenqano achamos mais estreito.

Chamar-mos nosso bem he vaã jactancia
Que entre nós os mortais só he preciozo
O inestimavel dote da constancia.

Tudo he de Jove: em throno luminoso
Elle as mayores graças nos dispensa;
Se a nós se inclina o rosto seu piedozo.

Dos seus rayos despede a chama intensa;
E quando nos parece, que he castigo,
O faz por nosso bem, não por offensa.

Bem lhe podemos crer o rosto amigo;
Inda quando em vingança do innocente
O imaginamos nós mais inimigo.

Este segredo a nós não he patente;
E se o fôra, faltara a Divindade,
E o privilegio a Jove Omnipotente.

Não cabe na mortal calamidade
Exceder tanta mizera fraqueza,
E menos nesta vil rusticidade.

Aqui notamos só, como a fereza
Do lobo, animal feyo, monstro indigno;
Offende a ovelha, que a innocencia préza.

Vemos aquelle genio, mais maligno,
Que esta cheyo de fructos abundantes,
Entre todos havido por mais digno:

Não são as suas prendas tão brilhantes
Que offusquem o mayor merecimento

De outros, que vimos abatidos antes.

Jove, que lá criou o firmamento,

A certos Astros deu mais resplendores,

Deixando a outros menos luzimento.

Dal. Discorres muito livre: as tuas dores:

O teu pezar, a tua pena, e magoa,

Desconhece estes mizeros horrores.

A pena inconsolavel, que na fragoa

Da memoria me augmenta a desventura,

Mal se suffoca em dous diluvios d'agoa.

Ay Salicio infeliz! Ay morte dura!

Como pôde esquecer tua lembrança,

A quem te consagrava fé tão pura!

Minha faudade tomará vingança

Dessa perfida, infame tyrannia,

Que de affligir os homens não se cança:

Aqui entre estas penhas á porfia

Hei de chorar, Amigo, a tua morte,

Thé se abalar a mesma ferrania.

Será de minha dor, será tão forte

Aquelle impulso, com que eu fira as brenhas;

Que as mesmas féras á piedade exhorte.

Os Faunos nesses concavos das penhas

Haõde escutar meu funebre gemido,

Clamando em vão por ti, que ouvir me venhas;

Que deixes esse throno appetecido,

Aonde estás sentado em teu descanso;

E me seja teu rosto concedido;

Que venhas escutar com gesto manso

Aquella minha lyra descontente,

Que tanto em affinalla hoje me canso;

Confessavas hum tempo, Amigo auzente

Que o meu canto sonoro , e lizongeiro
Só abrandava a tua magoa ardente.

Mas ah ! que nesse throno derradeiro ,
Neste centro de luzes mal ouvido
O meu canto será tosco , e grosseiro.

Quebrar te quero , em vão de mim possuido ,
Instrumento infeliz : que me aproveita
Da torpe voz o dissonante ruido !

Ah ! Se fôras aquella voz eleita ,
Para trazer do Tartaro a formoza
Deidade , cujo pacto Jove aceita !

Se fôras tão feliz , tão poderosa ,
Que outra vez repuzesses nesta esfêra
Do meu Salicio a alma venturoza !

Naõ acabara a verde primavera
Destes campos : nas arvores , nas flores
Senaõ vira a campina tão austera.

Ao dominio dos rusticos Pastores
Obedecendo a cabra , a ovelha , o touro ;
Pastaraõ , dando gosto aos guardadores :

Naõ mostraria tudo infaulto agouro ;
Os Genios naõ andaraõ todos tristes ;
Febo naõ escondera os rayos d'ouro.

Alg. No teu lamento, Amigo, em vão perzistes:
Porque naõ he Salicio inda o primeiro,
Que do Lethe ás ribeiras baixar vistes.

Em cada faya em fim , cada salgueiro
Se lê hum epitafio a qualquer morto :
Discorre , e assim verás o campo inteiro:

No commum sentimento ache conforto
O mal communicado ; o teu gemido
Assim do allivio se recolha ao porto !

Dal. Ay Algano . . . ! porém se o meu ouvido
Senaõ engana , eu ouço d'esta parte
Hum canto harmoniozo , e muy sentido.

Alg. Eu estava tambem para avizar-te
Da minha suspenção : daqui mais alto
Podemos ver , se queres levantar-te.

Dal. Ay que divizo já de alentos salto
O velho Agrario , e a consorte amada ;
Eulina , a quem rendera o sobrefalto !

Saõ de Salicio os Pays : oh ley pezada
Da morte crua ! Que fatal desgosto
Se vê na face de ambos magoada !

Elle no Ceo os olhos tem já posto ;
Ella de grave magoa combatida
Abaixa a terra o peregrino rosto.

Alg. O funesto espectaculo convida
A romper , caro Amigo , o peito em pranto ;
E a consumir em seu tormento a vida.

Naõ ha pena mayor , nem dor , que tanto
Possa aggravar a humana desventura.
Quem vio golpe mayor , mayor quebranto !

Affogaõ-se meus olhos de ternura ,
Meu coração em mil pedaços feito
Chora o golpe cruel da forte dura.

Ouçamos o seu canto : mas que peito
Póde haver tão constante , e endurecido !
Eu não me exponho a lance tão estreito.

Adeos , Dalizo : em vaõ compadecido
Me atrevo a consolar-te ; antes discorro ,
Que vim buscar mais cauza a meu gemido.

Dal. Tambem , Amigo , eu a seguir-te corro :
Mas que faço infeliz ! Onde pertendo

Esconder esta magoa, com que morro ;
 Já as amados Pays a voz erguendo ,
 Vaõ consolando a pena : os seus pezares
 Tambem co' a minha dor iraõ tecendo.

Que bem de compaixaõ ferindo os ares ;
 Acompanhar o espirito saudozo
 Sabem do pranto seu nos ternos mares !
 Que fado taõ cruel , taõ rigorozo !

Agrar. A mizera fortuna
 Naõ maldigas, Espoza : que a suprema
 Sagrada maõ naõ sofre a dor blasfema ;
 Ignorante , e importuna

Accuzas de impiedade,
 Disposiçoens da eterna Divindade.

Vive a humana fraqueza ,
 De Jupiter fugeita ao rayo activo ;
 E de seu braço o golpe executivo
 Empregando a fereza ,
 Bem que o effeito descobre ,
 A providencia summa nos encobre.

Salicio , o nosso amado ,
 Penhor da casta fé , querida Eulina ;
 Eu bem vejo , consorte peregrina ,
 Que era do nosso agrado
 Digno objecto : mas este ,
 Que o Ceo nos rouba , foi penhor celeste

He livre aos lavradores
 Recolherem do campo a sua planta :
 Ninguem d'isso se admira ; nem se espanta
 E só nas nossas dores
 Nos confunde , que leve
 Jove, o que he seu, e em nós guardado ter

De Jove era creatura
 Salicio, o nosso filho; Jove o guia
 À eterna luz, à eterna Monarquia;
 Aonde em paz segura
 Aquella alma ditoza
 Zombe da nossa sorte lastimoza;
Eulin. Já mais contentamento,
 Alegria, ou prazer será loucura,
 Que eu espere na minha desventura;
 Porque perdido o alento,
 Na falta de Salicio,
 Só lhe faço da pena sacrificio!
 Sacrificio violento,
 De bem que enternecido; pois de todo
 A chorar esta perda me accommodo:
 Bem que do meu tormento
 Outro allivio pertenda,
 Mais que o termo fatal desta contenda.
 Que vença o meu martyrio,
 Só eipero; e lhe cedo voluntaria
 Qualquer constancia, ou força temeraria;
 Que em meu nescio delirio
 Me persuada alento,
 Sobre tão porfiado sentimento.
Agrar. Que debalde procuro
 Consolar-te, querida, se conheço,
 Que delira tambem no mesmo excessõ
 O meu tormento duro!
 Ah Salicio! Ah memoria!
 Falta-te-me; faltou-me toda a gloria;
Eulin. Em quanto na floresta
 Der alma a primavera às tenras flores;

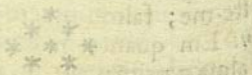
Em quanto o secco outono aos lavradores
 Com mão nunca molesta
 Conceder carregadas
 As searas, que o Sol deixou douradas.

Agrar. Em quanto na montanha
 Pela fresca manhã a aurora bella
 Espalhar os orvalhos, que congela;
 E na verde campanha
 Brotarem foccorridas
 As plantas do calor amortecidas.

Eulin. Em quanto neste monte
 Se ouvirem os balidos faudozos
 Dos tenros cabritinhos, e sequiozos
 Buscando a pura fonte
 Deste sitio sombrio

As ribeiras descerem desse rio;
Agrar. Não verás, filho amado,
 Adorado meu bem, caro Salicio,
 Não verás este amante sacrificio
 Torpemente apagado,
 Por despojo violento,
 Com que se orne o altar do esquecimento

Eulin. Verás a minha pena,
 O sempre inestimavel, filho amado,
 Agitando o rumor do meu cuidado;
 Athé que em paz ferena
 Presente á tua vista
 Na tua amada companhia assista.



AMARILLIS.

ECLOGA XII.

Salicio, Frondelio, Amarillis, e Feliza;

A Funebre harmonia ;
 Dissonante lamento
 Dos estragos de Amor, escuta hum dia ;
 Dorada occasião de meu tormento ;
 em mizera figura
 Verás do teu Pastor a desventura ;
 Dalizo sou, que canto
 De Salicio a desdita ;
 A ver, se deixo pela voz do pranto ;
 A minha magoa duramente escrita,
 Tomando a sombra alheya ;
 Por não fazer a magoa inda mais feya ;
 Em hum bosque sombrio,
 Neste sitio, escuro,
 Levado do seu louco desvario
 Salicio, a quem o duro,
 Ingrato fado havia
 Roubado em Amarillis a alegria ;

Apascentava o gado
 De si taõ esquecido,
 Que todo pelas ferras espalhado,
 Qual ficava perdido,
 Qual entre as garras era
 Despojo triste de maligna féra?
 Em quanto o Sol guiando
 Para o berço das agoas
 O luminoso carro vai girando,
 Coberto o rosto, e cheyo em fim de magoas
 Em si mesmo attendendo,
 Assim fallando vai, assim dizendo.

Sal. Aonde vou guiando o meu rebanho
 Pobre de mim sem tino, e sem cautela,
 Por taõ escuro bosque, sitio estranho!

Como perdida a minha amada bella,
 Me conduz meu tormento á esta estancia?
 Se apenas o fegredo habita nella!

Acazo o dezafoço de minha ancia
 Acharei entre os troncos, e penedos,
 Que saõ imagens da mayor constancia!

Acazo estes fombrios arvoredos
 Poderão divertir a infausta historia,
 Dos, que Amor me teceu, tristes enredos?

Mal feito, que o tumulto da memoria
 Recobre algum socego, quando lida
 Com as lembranças da passada gloria?

Taõ viva n'alma a dor desta ferida
 Está, que hade igualar da eternidade
 A larga ferie, a duraçãõ comprida:

E o pensamento meu, que se persuade
 De querer apagar da idéa a chama,

Cada vez mais se cobre de saudade.
Nãõ se desfaya affim, de quem bem ama,
O extremo affecto; o fogo activo
Com immortal ardor o peito inflamma.
Leva da morte o golpe executivo
Para os campos do Elizio a luz inteira
Do fino amor, que n'alma arde taõ vivo;
Lã dizem, que se estende huma ribeira;
Por onde andaõ as almas vagabundas,
Seguindo a sorte ingrata, ou lizongeira:
Tu, brando Rio, mansamente inundas
Os fertes campos, onde a opposta via
passo inclina às regioens profundas.
Neste Paiz saudozo a luz do dia
perpetua sempre, sempre vigilante,
Nem em desferro as sombras da agonia.
Se pois só lá descança hum triste amante;
Nem ainda a mesma morte apaga
O voto fiel de hum coração constante;
Como he possivel, que eu á idéa traga
delirio infeliz, de que alguma hora
Alivio tenha minha infausta chaga!
Morra minha loucura: que eu já agora
Seguir-te espero, ó peregrino enlevo
De hum coração, de huma alma, que te adora;
Perdido o tino, e da razãõ o freyo
Torpemente estragado, me disponho
A viver sempre de pezares cheyo.
Toda a gloria, e prazer terei por sonho;
Crendo só na minha desventura,
No meu damno a ponderar me ponho.
Dar nãõ quero a meu mal outra mais cura,

Que trazer sempre impresso na lembrança
 Todo o passado bem, toda a ventura.

Vamos pois recordando esta mudança;
 E não me esqueça do suave alento,
 Que achei de amor na placida bonança.

Quero esse bem lembrar ao pensamento,
 Em cujo ser depositado eu via,
 Cruel Amor, o teu contentamento.

Vamos dezentranhar da cinza fria
 As imagens do gosto, que apagadas
 Tem do destino a dura aleivozia.

Que peregrina em tudo ...! Ah! q̄ embarga-
 São minhas vozes de hum Pastor, que chega,
 E vem talvez seguindo-me as pizadas.

Quanto commigo he a fortuna cega!
 Pois athé este bem da soledade,
 Sómente porque he bem, gozar me nega.

Debalde he esperar, que haja piedade;
 Que vai da sorte o mizero progresso
 Abrindo sempre o seyo da crueldade.

Quem será! He Frondelio: eu o conheço
 Importuno Pastor, inda que amigo:
 Já não posso esconder-me: eu lhe appareço.

Fron. Valha-me o Ceo, Salicio! que inimigo,
 Que ingrato, que maligno influxo he este,
 Que tanto he contumaz em teu castigo!

Naõ he precizo, que eu te manifeste
 A forçoza razão, que me acompanha,
 Para o sentir: ha muito, que a soubeste.

Tem assombrado a toda esta montanha
 Este semblante teu tão carregado,
 Coberto de huma dor, e magoa estranha!

Vaga sem guarda o teu faminto gado,
 Feito dos lobos innocente preza,
 Pelos agrestes matos espalhado.
 Foges de todo o trato; e até te peza,
 Que hum amigo os teus passos vá seguindo;
 Por saber a razão dessa tristeza.
 Falla, dize; que tens? Que estás sentindo;
 Mas tu dás hum suspiro, e emudecendo
 Co'a face sobre o peito vás cahindo!
 Explica-te commigo; eu estou vendo,
 Que esperas, que os teus males nos declare
 De alguma grande dor o estrago horrendo.
Sol. Primeiro a doce vida dezampare
 Este fraco despojo, que hoje anima,
 Que eu de outro algum, senão de ti, me ampãre:
 Se o ver-me, caro Amigo, te lastima,
 Arranca-me esta vida; que eu não quero
 Hum bem, que sem ventura não se estima.
 Eu morro; eu enlouqueço; eu dezespero:
 Só da morte dura o horror maligno
 He, Frondelio, a piedade, que hoje espero.
 Já me entrego de todo ao dezatino:
 Pois a tanto pezar, a tanto susto
 Allivio algum não ha, bem que imagino.
 Nada faço em penar: a tanto custo
 Quero morrer, Amigo; arranca, arranca
 Este meu coração: he justo, he justo.
Frond. Se a corrente da magoa não se estanca,
 Pela falta talvez do dezafogo,
 Por negar-te a piedade a porta franca;
 Commigo estale embora o ardente fogo,
 Que recatas zelozo: ao doce effeito

Menos activa a magoa verás logo.

Sal. Quero fallar, Frondelio; mas desfeito

O coração em lagrimas, desmaya

Balbuente a lingua, a voz no peito. (raya)

Fron. Cobra socego hum pouco; e em quanto

O Sol já menos quente nessa esfera,

Para fallar-me o teu valor ensaya.

Sal. Custozo me será; mas ouve, espera,

Escuta, meu Frondelio: ah quanto he duro

Sentir de huma lembrança a ley fevêra!

Perdoa-me, Amarillis: eu te juro,

Que amor fim, não a falta de decoro

Rompe de meu silencio o voto puro:

Eu te respeito em fim, te amo, e-te adoro,

Conheces a Amarillis,

A Pastora mimoza,

Mais bella do que Almena, e mais que Filis

Amarillis formoza,

Meu Idolo adorado,

Filha de Alfemo, gloria deste prado?

Lembras-te, quantas vezes

Convidando a floresta

As bellas noites dos dourados mezes;

A pompa manifesta

De seus dotes se via,

E cada vez mais bella parecia?

Acordas-te de quando

N' huma noite daquellas

Huma flor para o jogo ella tomando;

Colhida entre as mais bellas,

Fingindo, que eu ganhara,

Rizonha me entregou a Ninfa clara?

Aqui, Frondelio amado,
O giro principia
De meu ingrato; meu injusto fado:
Tomou naquelle dia
Por sua empreza a sorte
Lavravar na minha gloria a minha morte?
A inveja macilenta,
Filha do monstro indigno,
Começou a espalhar com mão violenta
O barbaro, o maligno
Contagiozo veneno,
Que hoje he cauza das magoas, em que peno?
No bosque prado, e valle,
Não ha, quem de Salicio
Depois daquelle dia já não falle:
Daquella flor no indicio
já conhecido o engano
e faz universal para meu damno?
A romper-se começa
pouco, e pouco o segredo,
em quanto a bella Ninfa, que travessa
De nada tinha medo,
Nutria os meus amores
Com o doce alimento dos favores.
Ah quem, Frondelio, agora
Lembrar-se não pudera
Daquella dita, aquella enganadora
Gloria, que detivera
Toda a minha ventura
sobre a baze gentil da formozura!
Mas se está meu tormento
tam patente, e tão claro,

Quero lembrar o meu contentamento
 Cegamente reparo
 Em dar mayor valia
 No decoro ao pezar, do que á alegria.

Rocolhiaõ-se os rayos
 Ao centro cristallino
 Desse eterno Planeta; a seus desmayos
 Succedia o benigno
 Influxo de Diatta,
 Emula de Amarillis soberana.

A estas horas, quando
 Ao somno se rendia
 O velho Alfemo, a Ninfa o véo tomando
 A hum jardim descia;
 Aonde alegre Flora
 Espalha as agoas, que huma fonte chora.

Tu, dize, tu mimoza,
 Sonora fontezinha,
 Que regas a campina delicioza,
 Que piza a Ninfa minha,
 Tu dize aquella gloria;
 Se inda a guardas impressa na memoria.

Dizei-o vós, ó plantas,
 Vós o dizei, ó flores;
 Que vós testemunhastes vezes quantas
 Propicia â meus amores
 Amarillis, a bella,
 No vosso campo pareceo estrella.

Mas não digais; e antes
 Discretamente attentas
 Observai sempre os votos vigilantes;
 Que as leys da dor violentas

Tem de todo estragado
 No recato infeliz de meu cuidado,
 Pois que a dita alcançaste,
 Ouve, Frondelio, a pena;
 Tu mesmo o meu pezar dezafiaste;
 Teu respeito me ordena,
 Ou a amizade tua,
 A que te faça narraçãõ taõ crua,
 Esta gloria gozava,
 Amigo, quando a inveja
 Aos ouvidos de Alfemo se avançava;
 E como ver dezeja
 Vivamente o seu damno,
 No descuido da Ninfa tece o engano,
 Comprehende o delicto;
 Accuza a ligeireza;
 E com impio rigor lhe tem perescrito;
 Que em hum carcere preza
 Pague a culpa, que eu tenho
 De a ter rendido ao amorozo empenho,
 Vê; confidera, e dize,
 Com quanta dor, com quanta
 Sopportará minha alma este castigo!
 Lembrar-me gloria tanta
 Perdida em hum instante!
 Ah que dor taõ cruel a hum peito amante!
 Estar na minha idéa
 Pintando a tyrannia,
 Que opprime a bella Ninfa! A alma cheya
 De angustia, e de agonia
 Em tanto sentimento
 Suffoca-se no horror do pensamento;

Como hade estar aquella,
Formosa como o dia,
Cerrada em sombra escura? Como a bella
Imagem da alegria,
No funebre apozento,
Dormirá entre os fustos do tormento!

Ora a fineza minha
De cobarde accuzando,
Ora a piedade, que em minha alma tinha
De ingrata condemnando;
Tudo opposto em meu damno,
Convertida a esperanza em dezengano!

Ah! Quando em tal discorro,
Frondelio meu, a vida
Me enfada, e me aborrece; expiro, e morro
Entre a confuza lida
De tão profunda pena,
Que injusto Amor em meu martyrio ordena!

Vê tu, quanto hey perdido,
E quanto em fim me resta!
De Amarillis o encanto appetecido,
A minha dor funesta,
A gloria, a dita, o gosto,
A desventura, a magoa, e o desgosto.
Fron. Na verdade, Salicio, o teu successo
Notavel compaixão me tem devido.
Sei, onde chega o barbaro progresso
De huma dor na lembrança do perdido:
Porém não devo desculpar o excesso
A tempo, que parece o teu gemido
Algum remedio tem: vê, discorramos;
Podemo-lo applicar, se acazo o achamos.

Sal. Pertendes, que nos laços da esperança
 Outra vez, caro Amigo, a vida ponha!
 Queres, que entre as ruínas da mudança
 Para novo tormento me disponha!
Heide fer, como aquelle, que a bonança
 No meyo da tormenta acazo sonha,
 E os olhos dezatando o somno amigo;
 Se acha infeliz no centro do perigo?
 Já não creyo, que pôde haver ventura
 Para o pobre Salicio decretada;
 Salvo se vêm com mascara perjura
 A desgraça impiamente disfarçada:
 Eu, que em tantos triunfos vi segura
 A gloria, que hoje he sombra, he fumo, he nada,
 Posso esperar, que torne a minha dita?
 Quem tão grande loucura inda acredita!
Fron. Se em laço de Hymeneo o velho Alfemo
 Te une á bella Amarillis, eu confio,
 Que passando hum extremo á outro extremo,
 Não terás de culpar teu fado impio.
Sal. Ah! Que nessa lembrança, Amigo, gemo;
 Pois he nescia loucura, he desvario,
 Aspirar hum Pastor humilde, e pobre,
 A' ventura de hum bem tão rico, e nobre.
 O que faz o tormento mais dobrado,
 He ver a ley sagrada do decóro,
 Impondo-me hum silencio tão pezado
 No que soffro, suspiro, peno, e choro:
 Eu hum triste Pastor, triste o meu gado;
 Ella Pastora de hum divino côro;
 Não pôde haver igual correspondencia;
 Sempre temo os excessos da violencia,

Mas se Amor he das almas harmonia ;
 Que o peito escuta , o ouvido não entende ;
 Esperar posso ainda , que algum dia
 Seja pago este amor , que assim me accende.
 Mas em quanto a soberba tyrannia
 De Alfemo os meus gemidos não attende ,
 Como allivio terei , como descanso ?
 Como andarei com gesto alegre , e manso ?
Fron. Sitio sei eu , de donde me parece ,
 Que supposto Amarillis preza esteja ,
 Póde ser , se de ti se não esquece ,
 Que inda chegue á escutar-te , e que te veja .
Sal. Guia-me tu , Frondelio : qual he esse ,
 Venturozo retiro , occulto á inveja ?
 Eu quero vê-lo : vamos , vai diante .
Fron. Vem ; e não te demores hum instante
 Vês este valle ? Para aquelle assento
 Fica hum pequeno oiteiro ; e se diviza
 Vizinha a elle a choça , o apozento
 De Alfemo , de Amarillis , e Feliza .
Sal. Sagrado sitio , a meu gemido attento ;
 Se he , que amparas propicio , a quem te pize
 Mostra a minha Amarillis : dize aonde
 Amarillis , meu bem , em ti se esconde .
Fron. Que mais queres ? Aquelle he a belleza
 Da tua amada Ninfa : o seu semblante
 Coberto está de funebre tristeza .
Sal. Triste vem : que pezar a hum pobre amante
 Alguem vio , como eu vi , a gentileza
 Daquelle rosto , mais que a luz , brilhante ,
 Mais bella , do que a roza matutina ,
 Engraçada , gentil , e peregrina !

Fron. A seu lado Feliza está sentada ;
 Ambas na historia triste discorrendo ;
 Talvez de teus amores magoada
 A formosa Amarillis vai dizendo.
Sal Escuta: nesta estancia retirada
 Irei , o que ambas dizem , percebendo ;
 Ah ! Que hum ay Amarillis deu sentida !
 Triste fadiga ! Lastimoza vida !
Amar. Mal haja a feminil loucura minha ;
 Que de hum homem na falsa ligeireza
 Imaginou firmeza.
 Mal haja o cego monstro , que me tinha
 Na louca fantazia debuxado
 Taõ bello o meu cuidado ;
 Para comprar meu dezengano agora
 Nas mãos da experiencia roubadora.
 Habitar esta sombra , ver o dia ,
 Cheya a alma de horror , de assombro o peito ;
 Trazer sempre sujeito
 O coração á vil melancolia ,
 Oh quanto me atormenta , Amor , oh quanto !
 Ah mizero quebranto ,
 Fiscal de meu amante rendimento !
 Só porque soube amar , sinto o tormento.
 Estas eraõ , Salicio fementido ,
 As lagrimas , que eu vi banhar teu rosto !
 Artificio disposto ,
 A contrastar o Numé dezabrido
 De minha condiçãõ ! Ah ! se eu não fôra
 Taõ crédula á traidora ,
 Lizongeira efficacia de teu pranto ,
 Engenhoza em meu mal não fôra tanto .

Quantas vezes, ingrato, esta montanha
 Girando por buscar-me á calma, ao frio
 Com generoso brio,
 Vieste, para empreza tão estranha!
 Quantas a noite te deixou no prado!
 Quantas o rosto amado
 Da Aurora te encontrou, perfido amante,
 A's portas desta choça vigilante!

Que inventos não achaste peregrinos,
 Para me contrastar! Que cédro, ou faya,
 Que ao tempo não delmaya,
 Não guarda ainda os sonorozos hymnos,
 Que na bem temperada, acorde avena,
 Para tecer-me a pena,
 Entoaste depois em meu tormento,
 O veneno occultando no instrumento!

Fel. Amarillis, o tempo tem mostrado,
 Que a palavra do amante apenas dura,
 Em quanto da ventura

Corre propicio o giro acelerado,
 Verás, Irmaã, mudar-se aquelle outeiro
 De seu lugar primeiro,
 Que se veja nos homens algum dia
 Segura a fé, que hum delles prometia.

Sal. Onde, Frondelio meu, me has conduzido
 Que ao escutar da minha amada a queixa,
 Tão magoado me deixa

A constante ração de seu gemido,
 Que ao passo, que igualando o seu estrago
 Lhe recompensó, e pago

O martyrio, que o fado lhe destina,
 He mayor, que o seu mal minha ruina.

Quero, que ella me veja: eu lhe appareço.
 Que importa aventurar-me a seus rigores,
 Se chegão minhas dores
 Do ultimo golpe ao lastimozo excessão!
 Se hei de morrer distante á sua vista,
 Onde he força rezista,
 Por lograr este bem, da morte ao laço;
 Va-se o temor, o susto, o embaraço.
Fron. Chega-te muito embora: arrependido
 Já de minha piedade bem me peza,
 De que a tua tristeza
 Encontre aqui motivo mais crescido.
 Mal haja a compaixão, que enganadora
 Me persuadio, que huma hora
 Quartada a tua pena, quebraria
 (Presente o bem, que adoras) a porfia.
Amar. Se a fantazia acazo não me engana,
 E a luz já menos firme no Orizante,
 Vizinho a este monte
 Vejo hum vulto chegar de fôrma humana.
Fel. Se de meu triste horror não he pintura,
 Nelle se me figura,
 Amarillis, prezente o teu Salicio.
Amar. Será: oh que funesto precipicio!
Sal. Salicio sou, querida; não te espantes;
 Se bem, que de meus males a aspereza,
 Qual nunca a vil fereza
 Igualou da fortuna nos amantes,
 Mudado tem de todo a humana fôrma:
 E este corpo se infôrma
 Da magoa, dos pezares, da amargura,
 Das sombras, da afflição, da desventura.

Taõ outro em fim me vejo, do que fõra
 Que huma estatua da pena me contemplo,
 Dos martyrios exemplo
 Me proponho á vingança; esta alma ignora
 O uzo de razãõ; se bem, querida,
 Ao passo, que duvida
 Minha alma, se do corpo o moto ordena,
 Conheço, que só vivo para a pena.

Vivo só para a pena; e tambem vivo
 Para sempre te amar, Ninfa formosa.
 Consulta esta amoroza,
 Viva estampa de Amor; no fogo activo
 Verás a tua imagem, que respeita
 Taõ pura, e taõ perfeita
 A minha adoraçãõ, verás prostrado
 A teu desprezo duro o meu cuidado.
Anar. Inda a meus olhos vens, perfido amante,
 As traçoens escondendo em teu gemido?
 Tu, monstro fementido,
 Tu, coraçãõ mais duro que diamante,
 Escandalo, e horror destas montanhas!
 Nas asperas entranhas
 Da Hyrcania o humor primeiro achar pudeste
 Onde a fereza indomita bebeste.

Crês, que inda, ingrato, o cego dezatino
 De meu primeiro amor me tem cerrada
 Na illuzãõ adorada
 De acreditar-te verdadeiro, e fino?
 Vens privar-me do allivio, que ainda gozo
 No desterro penozo,
 Sendo força, que allivio considere,
 Quando ver-te, cruel, já mais espere!

Vens protestar finezas? Que esperança
Tão delirante, e louca dezordena
A face tão serena
Dessa tibieza tua? Vai, descança,
Segue o socego teu; deixa, que eu triste
Na magoa, que me assiste,
Deva á piedade tua o grande excesso
De escuzar-me este horror, com que faleço?
Sal. Não venho, amada, não; porq̃ tyranno
Fiscal de teu martyrio me imagines;
Só para que me ensines,
A vencer de meu fado o deshumano,
Ingrato giro, venho; da firmeza,
Da fé, que guardo illeza,
Eu venho assegurar-te a chama activa;
Mais fina, cada vez, mais pura, e viva?
Amar. Vai-te, inimigo, vai: o dezamparo;
Em que viva me tens, morta me deixa:
Verás, que a minha queixa
Fóra de mim não busca outro reparo.
O dezengano meu, que me acompanha;
Será de tão estranha,
Tão inflexivel forte ultima cura.
Fóra de mim não quero outra ventura:
Desta só breve luz, que me permite
(Por melhor ver a sombra macilenta)
Hum Pay, que me atormenta,
Afflicta gozarei, pondo limite
Neste occulto retiro ao meu cuidado.
Memorias do passado
Entrada não terão neste apozeno;
Habitação da sombra, e do tormento!

Fel. Auzentou-se Amarillis : ah ! Que errada
 A contrastar, Salicio, se aventura
 De huma paixãõ taõ dura
 A posse, que em seu peito tem tomado !
 Mal haja o monstro cego ; que mantinha,
 Irmaã querida minha,
 Teu enganozo passo ; onde taõ crua
 Vejas a face da desgraça tua.

Mas em quanto o voluvel movimento
 Dessa Deuza inconstante naõ descança,
 A' rapida mudança
 Me conformo do giro seu violento.
 Já agora seguir quero o curso ingrato
 De seu ligeiro trato ;
 Se pôde ainda o fado pôr baliza
 Aos cazos de Amarillis, e Feliza.

Sal. Onde foges, cruel ? Onde, adorada,
 Bellissima ocaziaõ de meu gemido,
 Occultas essa face delicada ?

Em que tenho, Amarillis, delinquido ?
 Porque fazendo aggravo da fineza
 Me ordenas hum rigor taõ dezabrido ?

Foi crime o adorar tua belleza ?
 Seria : mas o Ceo só he culpado
 N'hum delicto, (ay de mim!) que naõ me pezo
 Elle deixou em ti recopilado

De seus astros a face peregrina ;
 A pompa de seu rosto prateado.
 Elle por influencia nos destina

A adoraçãõ de hum bem, cuja luz pura
 A liberdade em carceres domina.

Se a minha estrella pois infauستا, e escura

Le conduz a teus olhos, destinada
victima de tão rara formozura ;
Aos Ceos hade chamar minha ancia irada ;
Porque dando-me amor tão peregrino ,
Le ordenaraõ fortuna tão pezada.
Injusto , ó Ceo , commigo te imagino ;
Quão não fôra Amarillis tão querida ,
Quão fôra mais feliz o meu destino :
Mas se era todo o bem da minha vida
Quella rara idéa da belleza ,
Quella formozura tão crescida ;
Como injuriando o obzequio da fineza ;
Quão reziste meu cançado alento
Aos assaltos da perfida fereza !
Quero encurtar da vida o passo lento ;
Desgraça igualando , que Anaxarte
Testemunhou no funebre instrumento.
Terás , bella Amarillis , terás parte
Da minha ingrata sorte : eu o consinto
Na gloria , que tenho de adorar-te.
Frondelio meu , do triste labyrintho ,
Em que já suffocada está minha alma ,
Desgata este despojo tão distincto.
Nesta , que os membros gira , mortal calma ;
Nada me consola ; nada quero ,
Mais que em fé deste Amor render-lhe a palma.
Ron. Socega , meu Salicio ; eu inda espero ;
Que daquella , que vez , ingrata , e dura ,
Possas ver o semblante menos fero.
Do tempo a direcção branda , e madura
Tudo sabe mudar ; a natureza
E varia ; e em variar sempre he segura.

Amarillis, que barbara despreza

O teu suspiro agora, (eu o discorro)
Hade hum dia ceder dessa aspereza.

Sal. Ah! Que pede meu mal outro socco
Mais prompto, mais ligeiro: eu imagino,
Que te contenta, Amigo, o ver, que eu moro

Sim, meu Frondelio, sim: que onde taõ f
De Amor se atêa o fogo, outro concerto
Naõ ha mais, do que hum cego dezatino.

Quando naõ foi de Amor no golfo incerto
A paixãõ, o delirio, e a loucura,
O norte, que conduz ao dezacerto!

Apenas escapou da força dura
De Amor a liberdade, que anda atada
A^c direçaõ de huma prudencia pura.

Jove, õ senhor da esplendida morada;
Deixa do eterno Olympo a estancia amena;
E deixa a Divindade abandonada;

De Europa, Danae, Leda, e mais Almen
Vê, como foi despojo aquelle rayo,
Que a soberba de Encelado condemna.

Em quantos dezatinos faz ensayo
Aquelle activo incendio, que nos peitos
Imprime Amor com hum mortal desmayo;

Gira esses campos; vê os seus effeitos
Taõ raros, que estampados na memoria
Nunca do tempo se veraõ desfeitos.

Mas esta de Amor barbara victoria
Hade crescer mais peregrina, e rara
Na que pertendo dar-lhe, immortal gloria

Tudo já me roubou a sorte avara:
Nenhum bem eu espero já, perdida

A melhor gloria, que o meu peito amara,
 Aqui quero acabar, Frondelio, a vida,
 Dando novas memorias, que este monte
 Respeitará na idade mais crecida.
 Girando Ecco saudosa este Orizonte,
 Eu espero, que ainda em rouco accento
 A minha infausta historia ao mundo conte:
 Horrorizando a todo o pensamento
 Viverei; aos amantes dezatinos
 Mil dezenganos dando em meu tormento.
 E trazendo em lembrança os peregrinos
 excessos de hum amor, no bosque inculto
 Serei assumpto a numeros divinos.
 De hirsutos Faunos no retiro occulto
 Permittida a saudosa cantilena;
 Logrará meu amor perenne culto.
 E tu, por dezafoço á minha pena,
 Em quanto meu espirito tornado
 Em cysne vóa á regiaõ serena;
 Ao triste caminhante encommendado
 Hum padraõ erguerás compadecido,
 Naquelle monte agreste, e descalvado.
 Nelle fique por ultimo esculpido:
 Qui jaz... (diga assim a cifra breve)
 Alicio, por amante perseguido:
 Foi infeliz: seja-lhe a terra leve.
 Isto dizia, quando
 A desmayado o alento,
 Nos braços de Frondelio descansando
 Pezo triste, em fé do sentimento,
 Apenas hum gemido
 Despedia na lembrança do perdido.

Então o Sol auzente

Aos pouzos convidava ;

Já de pastar a relva florecente

O seu rebanho cada qual chamava ;

Frondelio era hum penedo ,

Triste , mudo , pasmado , absorto , e queda

S I L V I O .

E C L O G A XIII.

Silvio , e Alcano.

Ag. **Q**ue he isto , Silvio ? Aqui , tão solitario
 A' sombra deste freixo ! Já não vejo
 Na tua companhia o amado Agrario
 Pastor tão bello , que no fresco Tejo
 O repete a saudade a cada instante ,
 Por onde quer , que gire a vista errante ;
 Valles correndo , atravessando ferras !
 Como tambem da nossa companhia
 Tu , a quem tanto amamos , te desterras ;
 Com tão triste , e fatal melancolia ,
 Que tudo já teu mal tem estranhado ,

Os Pastores, o monte, e o mesmo gado!
 Taõ differente estás, taõ outro admiro
 O teu genio, Pastor, e o teu aspecto,
 Que cuido, neste funebre retiro
 Do fado injusto o barbaro decreto
 Te hade usurpar a vida, se entregando
 Toda a alma ao sentimento, em ocio brando
 Não divertes a magoa: e se allivia
 Qualquer pena; que a hum mizero atormenta,
 Do amigo, que lhe assiste, a companhia;
 Aqui me tens, Pastor; commigo alenta
 Essa dor; bem que a vejo taõ profunda,
 Que temo, que este allivio mais confunda.
 Que mal, ó Silvio, foi taõ penetrante,
 Que esse penhasco immovel da constancia
 Põde abalar? Que dor ha, que quebrante
 Hum peito, aonde nunca a mortal ancia;
 O cuidado impaciente, a magoa afflicta
 Entrar puderaõ? cuido, que exquizita
 Cauza tens para tal: se he que a funesta
 Dura auzencia daquelle Pastor caro
 Teu coraçãõ amante assim molesta,
 Não chores, não, ó Silvio: pois reparo,
 Que em todos nós geral he a saudade:
 E o mal commum allivio persuade.
 Não eras tu aquelle, que occupando
 Entre os Pastores o lugar primeiro,
 Em doce estilo os versos entoando,
 Te fazias ao monte lizongeiro!
 Que de vezes as arvores, e os montes;
 As duras penhas, as sonoras fontes,
 Correndo atraz do canto, que entoavas.

Te vimos attrahir, sendo verdade
 Então, o que tu mesmo nos contavas
 Da harmonioza, e cadente suavidade
 Do Muzico feliz, que já houvera;
 Cuja voz os Delfins render soubera!

Agora já dos versos esquecido,
 Que alternaste contente, só lembrado
 Da insopportavel magoa do sentido,
 Taõ entregue te vejo a teu cuidado,
 Que já não sôa o lirico instrumento:
 Antes alli de hum choupo corpolento,
 Como se elle de tédio te servira
 Na tosca rama o vejo estar pendente.
 E tu (ay triste!) como se ferira
 Teu coração hum intimo accidente,
 Confuzo estás, paímado, mudo, abortido;
 E menos vivo ainda, do que morto!

Que tens, Pastor? A cauza me declara,
 Se da minha amizade em fim te fias;
 De taõ grande tristeza eu dezejara
 Dar-te todo o prazer; e se porfias
 Em ir dobrando a dor, mayor excesso
 Tens na imaginação; eu te confesso,
 Que daqui não me aparto, em quanto a dura
 Paixão, que te maltrata, e te exaspera,
 Me não matar tambem. Ouve; procura
 Suavizar, Amigo, a pena fera;
 Ou conta-me se quer: na mesma historia,
 Que aviva a dor, diverte-se a memoria.
Sil. Quem se não tu, Algano, quem pudera
 Se não tu, que os meus passos sempre alcançava
 Achar-me nesta soledade austera,

Onde me conduzio entre esperanças
 De allivio não, mas sim de cruel morte,
 Do incerto fado o duvidozo norte!
 Aqui estava eu só; e se podia
 Haver algum prazer, que inda lograsse
 Na dezigual fortuna, eu te diria,
 Sem que nisso o teu trato desprezasse,
 Que nenhum outro fôra; mas sómente
 Seria o estar só, e não ver gente.
 Mas já que tu vieste, e pôde tanto
 Commigo a tua supplica, a corrente
 Suspenderei hum pouco ao largo pranto;
 Em quanto rompo a dor, que o peito sente.
 Sabe, Pastor Amigo, que me custa
 Dizer-te a minha queixa; mas se he justa
 Esta expressão, escuta o dezafoço,
 Que entre os largos espaços da laudade
 Descobrio o martyrio; e só te rogo,
 Se alguma compaixão te persuade
 Este horrorozo, mizero progresso,
 Culpa a cauza, desculpa-me o excesso.
 Querendo lizongear-me por taes modos,
 Tu mesmo á aggravar vens a ferida.
 Que importa ser geral a magoa em todos,
 Se em quem mais ama, a pena he mais crescida!
 Agrario sim de todos era amado;
 Porém de mim foi quasi idolatrado;
 A qualquer hora, ou fosse noite, ou dia;
 Nos vias sempre juntos; a frequencia,
 O cuidado, o desvelo, e a porfia
 De hum grande amor he certa consequencia.
 Se Agrario ao monte alguma vez faltava,

Tambem de Silvio a auzencia se notava;

Fosse de amor segredo, ou sympathya,

Que influe cada estrella na creatura,

Vi-o huma vez; e desde aquelle dia

Larga amizade em nós se fez segura.

Pódes de seu amor ter por certeza,

Que em mim quazi venceo a natureza.

Hum genio me assistia solitario

Athé então de forte, que samente

O doce trato do fiel Agrario

Me fez communicavel entre a gente.

Entre todos vivi; mas occupado

De Agrario era samente o meu cuidado;

Como não póde haver bem tão seguro;

Que o não estrague a barbara mudança,

No mar incerto do destino escuro,

Tornou-se horror a placida bonança.

Interpôs-se huma auzencia, com que abrindo

O caminho á faudade, consumindo

Essa constancia foi, que me animava;

Que tu me louvas tanto: já de todo

Eu, que do fado nada receava,

A arrastar o seu carro me accommodo,

Prostrado já, desfeito, e destruido,

O templo, que à vaidade tinha erguido.

Alg. Bem vejo, Silvio, a cauza do tormento

He justa: eu sei, Amigo, que a amizade

Não se atreve a abrandar-te o sentimento!

E he offensa o allivio, que persuade.

Mas se nos longes vês de huma esperança

O bem, que choras. ó Pastor, descança;

Que se a dita não póde estar segura,

O mesmo he a desgraça : igual Astréa
Ao pezo da balança mede , e apura
Tanto , o que afflige , como o que recrea.
Aqui tens o instrumento ; da-me o gosto
De ouvir os versos , que ahí tens composto.
Sil. Na casca deste tronco , onde feria
Mais livremente a ponta deste estilo ,
Ao meu Agrario huns versos escrevia ;
Duro tormento ; e tu queres ouvillo !
Muy differentes são do antigo estado ;
He triste o estro ; o genio he magoado ;
Não são , os que Fileno me ensinava ,
A louvar de Amarillis a divina
Belleza , que outro tempo me arrastava ;
São porém os que a magoa hoje me ensina
A lizongear meu mal : mas se tu queres,
Ouve ; que eu leyo os tristes caracteres.
Caro Pastor auzente ,
Que o teu retrato deixas na lembrança ,
Por lograr-te presente ,
Quem na memoria mais tormento alcança ;
Com que contentamento eu te asseguro
No centro d'alma o meu affecto puro !
Taõ louca he , e taõ cega
De amor a natureza , que sabendo ,
Que o allivio , a que se entrega ,
O seu mayor martyrio está tecendo ,
Gostozo o segue , e adorando o estrago
De ver , que o logra , vive muito pago
Qual aspid se affigura
A lembrança do auzente , que lhe assiste
Pois entre a pompa escura ,

Como entre a flor , o seu veneno triste
 Se forja , se alimenta , se fabrica ;
 E em vez de allivio , morte communica.

A morte , digo : oh antes
 O encruvado ferro separara
 O alento ; mas constantes
 Os espiritos (pena inda mais rara !)
 Como alegres , do mal atormentados ,
 Na mesma pena vivem obstinados.

Estes discursos fórma,
 Não a razaõ , (que toda está perdida ;)
 A dor , que se conforma
 Com a cauza , trazendo repetida
 A lembrança do bem , he , que discorre ;
 E idéa de outro bem lhe não occorre.

Contempla as prendas raras
 De hum Pastor , que na rustica palestra
 Tu , monte , affinaláras
 Entre todos distincto , quando a destra
 Barra jogava , ou quando mais activo
 Corria atraz de hum Tigre fugitivo.

Adverte o genio bello ,
 Com que o geral agrado concilia ,
 Podendo ser modello
 De quantos dons a natureza cria :
 Lembra-te do sonoro , acorde accento ,
 Com que entoava o metrico instrumento ;

Porém onde me guia
 A cançada memoria , se conheço ,
 Que está minha agonia
 Na mesma fragoa , onde os allivios peço !
 Destrua-se a memoria : acabe embora

Lembrança, que me afflige a toda a hora.

Alg. De teu canto foi tal a suavidade,
Que enchendo de prazer este arvoredor,
Tornou alegre a mesma soledade,
Que estava de horror cheya, e mais de medo:

Moveo-se aquelle tronco de piedade;
Abalou-se este rustico penedo;
Não será de teu mal o rigor tanto,
Que o não moya tambem teu doce canto,

Sil. Para lizonja de meu triste damno
Essa expressão, bem vejo, que retrata,
Não teu conhecimento, amado *Algano*,
Mas teu amor, que tão fiel me trata.

Se as duras queixas de meu mal tyranno
Ouvir tua attenção, couza he tão grata,
O coração, que cheyo está de pena,
Repetir outras mais inda me ordena.

Alg. Bem te quizera ouvir: mas estou vendo,
Que já o pardo crepusculo do dia
Por entre as ferras asperas rompendo,
A luz espalha pela sombra fria.

Já o ferro do arado vem gemendo;
Os bois tornaõ á mizera porfia;
E todos os Pastores despertando,
Da pobre choça as portas vão cerrando.

Sil. Bem sinto, que me dês tal novidade;
Porque eu vivo de forte em meu tormento;
Que inda que despertasse a claridade,
Distinguir não pudera o luzimento.

Mas já que este successo te persuade,
Que a forte até me quarta o sentimento;
Por não lograr hum bem, vamos: mas onde

O meu rebanho (ay mizero!) se esconde
 Não sei, por onde pasta o triste gado,
 Que eu hontem neste monte apascentava:
 Tanto me arrebatou o meu cuidado,
 Que nem de mim, nem d'elle me lembrava
 Vai tu, Alcano; cerca deste lado;
 Que eu vou bater aquella mata brava,
 Onde o trilho he talvez mais perigozo.
 Anda; busca o Bargado, e o Barozo.

A L C I N O.

ECLOGA XIV.

EM região distante,
 Aonde o Sol dourado
 Mal os rayos estende sobre os montes;
 Em hum sitio funesto, e carregado
 Alcino de Beliza infausto amante,
 Dos olhos duas fontes
 Derramava em seu liquido lamento;
 Dura, e precisa ley do seu tormento
 A rustica floresta
 Apenas habitada
 Era do rude genio dos Pastores;
 A quem a doce flauta dezagrada

A quem o baile, o jogo mais molesta.
 Os suaves Amores
 Não paraõ á escutar Ninfas mimosas,
 De adorno inculto, sem louvor, formozas.
 Turvo, e feyo hum ribeiro
 O campo dividia
 Por entre as penhas com medonho estrondo,
 A vista se assustava, quando via
 Baixar seu curso de hum soberbo oiteiro,
 Os troncos descompondo,
 As profundas raizes arrancando,
 Por onde a crespá enchente o vai levando.
 Se os olhos levantava
 A's altas ferranias,
 O peito de huma nuvem de tristeza;
 (Qual se vira da noite as sombras frias,)
 Anciozo em triste luto se occupava:
 E sempre a chama acceza
 Da memoria propunha o bem perdido,
 Para mayor verdugo do sentido.
 Nesta cançada vida
 Se achava aquelle amante
 Pastor, que já nas margens florecentes
 Do Mondego guiara o gado errante,
 Trocado o antigo bem na infauſta lida
 De fadigas vehementes,
 Transformando-se em pena aquelle gesto;
 Que em braços da ventura o teve posto,
 A hum penhasco, que os ares
 Igualava na altura,
 Huma tarde subia o pobre Alcino.
 Alli depois, que a sua desventura

Chorando esteve em dous amargos mares ;
Seu louco dezatino

Rompe o silencio gravemente mudo ;

E para ouvilho suspendeo-se tudo.

Alegres prayas, humidas ribeiras

Do Mondego, que placido discorre,

Que do olmo a copa em ramas lizongeiras

Com a sombra suavissima soccorre ;

Vós, que pelas campinas mais grosseiras ;

Que hoje o meu gado sem ventura corre,

Trocadas fostes, quando a inveja tinha

Postos os olhos na fortuna minha ;

Mimozas agoas, deliciozo hospicio

De Ninfas, que na espuma prateada

Fazendo estaõ gostozo desperdicio

De huma belleza docemente amada ;

Vós, que ouvis de Palemo, e de Salicio

A flauta brandamente temperada,

Quando hum a rede estende, o outro colhe

Em seus currais o gado, que recolhe ;

Dizei-me vós ; se acazo aquelle pranto,

Com que estou a chorar esta saudade,

Tem tanto impulso, tem esforço tanto,

Que vos empenhe a conceber piedade.

Dizei-me vós ; se aquelle amado encanto,

Que laço foi de minha fiel vontade,

Vive alegrando essa mimoza esfera ;

Como no campo faz a primavera,

Dizei-me ; se entre os rusticos Pastores

Na floresta o rebanho inda apascenta :

Se ainda ornada de vistozas flores

Ella entre todas mais gentil se ostenta ;

Qual foi o emprego em fim de fétis amores ;
 Quando o mizero Alcino se lamenta ;
 Alcino , que da sua formõzura
 Desterrado suspira sem ventura.

Dizei-me, se inda cresce na belleza :
 Porque , segundo meu cuidado via ,
 Cheguei a imaginar , que a natureza
 Mil perfeiçoens lhe dava cada dia :
 Vendo-a eu muitas vezes , a alma preza
 Em tanta gentileza se sentia ;
 Crescendo a admiração , logo encontrava
 Belleza , que de novo se admirava.

Dizei-me , se ao cahir da fresca tarde
 Sahe a gozar do vento , que respira ;
 Quando o mayor Planeta menos arde ,
 Quando aos currais o gado se retira.
 Se do seu bello encanto faz alarde ,
 Sentada à sombra do álamo, onde ouvira
 Muitas vezes os éccos de meu pranto,
 Nas vozes sentidissimas do canto.

Dizei-me ; se inclinando suavemente
 Os ouvidos ao toque lizongeiro ,
 De algum Pastor escuta a voz cadente ,
 Que o gado guia desde o crespo oiteiro :
 Se alguma compaixão se lhe perfente ,
 Girando os olhos , como no primeiro
 Movimento do nosso amor ouvia ,
 Ou quando olhava , ou quando me attendia.
 Porém vós vos calais : ah ! Que a distancia,
 Ninfas do brando Rio , vos impede
 Ouvir os tristes éccos de minha ancia ,
 Que a mortal agonia tanto excede.

Sem duvida a ruina da constancia,
 Que a mim me prometteo, Ninfas, vos peo
 Este silencio. Ah! quanto em huma auzencia
 Periga a mais segura perzistencia!

Mas se tanto em vós pôde a ley sagrada
 Do modesto decôro, e á singileza
 De vossos coraçõens samente agrada
 Encobrir as traçoens dessa belleza;
 Minha alma, que nas fragoas abrazada
 De tanto ardente amor suspira acceza,
 Vingança clamarã, dando o segredo
 Ao bolque escuro, ao funebre arvoredô.

Aqui me escutarã esta corrente,
 Que despenhada os duros troncos banha
 Ouça-me este penhasco; aonde auzente
 Me vejo a lamentar traçaõ tamanha.
 Tenha este Rio em fim sempre presente
 Presente sempre tenha esta montanha
 De Tisbe ingrata a perfida memoria,
 De Alcino amante a lastimoza historia.

E aqui desta alta penha,
 (Que se remonta aos ares,) de hum amante
 Sempre firme, e constante,
 A quem seu mal despenha,
 Da mais infiel Pastora na mudança,
 Se recommente a mizera lembrança;

Sabei, ó rochas duras;
 Que de quantas o Ceo alenta, e cria
 Taõ bellas, como o dia,
 Perfeitass creaturas,
 Nenhuma he, do que Tisbe, mais formosa
 E nenhuma tambem mais alcivoza,

BELIZA, E AMARILLIS.

ECLOGA XV.

Corebo, e Palemo:

Cor. **A** Gora, que do alto vem cahindo
 Para quem o seu mal está sentindo;
 Repitamos hum pouco a trabalhoza
 Radiga do passado; e neste assento
 Gózemos desta sombra deleitoza.
 O brando respirar do manso vento
 Por entre as frescas ramas, a doçura
 Dessa fonte, que move o passo lento;
 A doce quietação dessa espessura,
 O silencio das aves, tudo, Amigo,
 Ouvir a nossa magoa hoje procura.
 Principia, Palemo; que eu contigo
 A memoria trarei, quanto deixâmos
 No socego feliz do estado antigo.

Que esperas, caro Amigo? Sós estamos:
Bem podemos fallar: porque os extremos
De nossa dor só nós testemunhamos.

Pal. Não vi depois, que o monte discorremos;
Ha tantos annos, sempre atraz do gado;
Noite tão clara, como a que hoje temos:

Mas muito estranho fer de teu agrado,
Que despertemos inda a cinza fria
Da lembrança do tempo já passado.

Oh! não sei, o que pedes: bom seria,
Que desse qualquer bem não cobre alento
O estrondo, que talvez adormecia.

Loucura he despertar no pensamento
O fogo extincto já de huma memoria:
Não sabes, quanto he barbaro o tormento.

Em nos lembrar-mos da perdida gloria
Nada mais conseguimos, que ao gemido
Dar novo impulso na passada historia.

Não se desperte o mizero ruido;
Que veremos, Amigo, o dezenzango
De hum bem caduco, de hum prazer fingido.
Cor. Debalde he a cautela; que o tyranno,
Continuo atormentar de huma lembrança
Não o pôde abrandar o esforço humano.

Vê, como o teu ardor em vão se cança;
E quanto mais te negas a meu rogo,
Despertas mais dos fados a mudança.

Buscar no esquecimento o dezafogo
He não saber, que neste infausto empenho
Se atêa da memoria mais o fogo.

Pal. Diga-o minha alma: porque nella tenho
Impressa sempre a imagem de huma dita,

Em que firmava o gosto o dezempenho.
 Recompensa huma dor quazi infinita
 A grandeza do bem ; a minha historia
 Deixando em vivo sangue n'alma escrita.
 Quero estragar mil vezes a memoria,
 Meu amado Corebo , e a cada instante
 Torna mais viva a imagem de huma gloria.
 Oh tyranna pensão de hum peito amante !
 Que só fôra feliz , se a agoa bebera ,
 (Quando perde o seu bem) do Lethe errante ;
 Se na idéa pintada não trouxera
 A continua lembrança de hum veneno ;
 Que Amor dissimulado offerecera.
 Ah ! Que soluço , Amigo , estalo , e peno ;
 Quando me lembra a hora , em que o tyranno
 Fado roubou-me estado tão sereno.
 Cor. Caminhas , ó Palemo , de teu damno
 Como insensível : vés , que não tem modo
 Da funesta lembrança o golpe insano. (modo
 Pal. Bem me advertes , Corebo : eu me accom-
 Ao pensamento teu ; e divertida
 Fique a memoria minha já de todo.
 Cor. Ao canticó sonoro te convida
 Esta flauta , que he fama em nós guardada,
 Que foi de Alfeo hum tempo possuida.
 Pal. Eu a tomo , e com ella se te agrada ;
 Alterno o verso ; e seja aquelle , que antes
 Cantámos lá na nossa retirada.
 Cor. Se me lembra , assim era : Vinde , errantes
 Sombras , a suffocar-nos : porque a inveja
 He só fiscal dos mizeros amantes.
 Pal. Ficai , bellas ovelhas : assim seja

Com vosco mais propicio o duro fado ;

Que Pastor mais feliz vos guie , e reja :

Cor. Aqui te deixo , rustico cajado ;

Que algum tempo, a pezar do empenho cego ;

De ninguem , ió de mim , foste logrado.

Pal. Tu , Amarillis , adorado emprego ,

Toma conta de duas ovelhinhas ,

Que mais que todas amo: eu tas entrego.

Cor. Verás, Beliza , entre essas prendas minhas

Que eu teci junto ás margens dessa fonte ,

De vime de zigual duas cestinhas.

Pal. De ti , que ficas pois , faudozo monte ;

Me despeço ; e talvez sem esperança

De tornar a ver mais este Orizonte.

Cor. Ficai-vos em pacifica bonança ,

O' Ninfas ; que perdido o vosso agrado ;

Me auzento a lamentar tanta mudança.

Pal. Adeos, Pastores ; vós, que em doce estado

Tantas vezes nos bailes , na floresta

Me vistes sempre alegre , e socegado ;

Cor. De vós me aparta agora a ley funesta ;

E o tormento , a que esta alma está rendida ;

Bem o meu sentimento manifesta.

Pal. Heyde trazer na idéa sempre unida

A imagem de Amarillis , que venero ,

E que estimo inda mais , que a propria vida ;

Cor. Alegria já mais nenhuma espero ;

Antes nesta faudoza soledade ,

Por ultimo remedio , a morte quero.

Pal. Adeos , bella Amarillis ; a vontade ;

Por ser unico bem , levo abrazada

Na chama inextinguivel da saudade ,

Cor. Adeos ; Beliza ; adeos , Ninfa adorada :
 Veja-se neste campo eternamente
 tua formozura celebrada.

Pal. Basta já de cantar : que do Oriente
 rompe o Sol vermelho ; e o manso gado
 Os balidos esforça de impaciente.

As nuvens vaõ correndo ; e a este lado
 O resplendor se vê , com que a Aurora
 Vai escondendo o rosto magoado.

Das lagrimas faudozas , com que chora
 Se derrama o orvalho ; aves , e plantas
 Despertaõ , levantando a voz sonora.

Cor. Eu guiarei o gado ; se tu cantas :
 Que proseguindo tu , de meu tormento
 O excesso ao menos , e o rigor quebrantas.

Não me negues , se pôdes , esse alento.



PESCADORES

ECLOGA XVI.

Alicuto, e Marino.

J A' vinha a manhaã clara
 Dourando os Orizontes,
 E os empinados montes
 Com a rozada luz, que os prateara;
 Mostravaõ na campina
 O lirio, o goivo, a roza, e a bonina;
 Nas ondas scintilava
 O rosto luminoso,
 Com que de Cinthia o Espozo
 A' pobre terra a clara luz mandava;
 Formando hum transparente,
 Na verde relva, resplendor luzente,
 Ambos os Pescadores,
 Alicuto, e Marino,
 A quem o Deos Menino
 Ateou na agoa o fogo dos amores,
 As redes recolhiaõ;

de bastante peixe o barco enchiaõ.
 A praya procurando
 Vinhaõ taõ mansamente,
 Que nem o mar se sente
 Perido de hum, e outro remo brando,
 Quando do seu destino
 Começou a queixar-se assim Marino,
 Alicuto o acompanha
 Co'a sonora harmonia,
 Que, ha tempos, aprendia
 De hum Pastor, que viera da montanha;
 E a seu modo vertendo
 Para a Ninfa do mar, hia dizendo.
 Mar. Se assim como a manhaã clara, e brilhante
 He da minha adorada o bello rosto,
 Como naufraga o peito vacilante,
 No incerto mar de hum funebre desgosto!
 Tu vejo, que se alegraõ neste instante
 Cheyos de gloria, de prazer, e gosto,
 Este mar, esta praya, esta ribeira:
 Não ha couza, que alegrar me queira.
 Alc. Deyopéa adorada, a luz do dia,
 Como funesta nasce a hum desgraçado!
 Quanto me foi suave a noite fria,
 Quanto o rosto da Aurora me he pezado:
 O silencio da noite dirigia
 O socego tambem de meu cuidado;
 Apenas foge o horror da sombra escura,
 Quando mais viva toco a desventura.
 Mar. Que importa, q̃ em continua sentinella
 Tu ande os crespos mares descobrindo,
 E ingrata sempre a luz da minha estrella

Me vai desses teus olhos dividindo!
 O vento, que suave entéza a vella,
 A meu ligeiro barco a estrada abrindo,
 Solicito me guia a esta praya;
 Onde sem vêr-te o coração desmaya.

Alic. Tres dias ha, que giro, amada minha,
 Dezesperado nesta mortal ancia
 De ver o premio, que guardado tinha
 A meu peito fiel tua inconstancia.

Outra ventura, outra mercê convinha,
 De tanto amor á fatigada instancia
 E quando o não mereça na verdade,
 Quem ha, que não te estranhe a falsidade!

Mar. Abrazadas as ondas deste pégo
 Tenho já com meus ays, com meus suspiros
 Elle me escuta; eu cada vez mais cego
 Accuzo a femrazaõ de teus retiros.

De meus males ao passo, que o navego,
 O pezo sente, e se revolve em giros;
 E athé as brutas penhas mais pezadas
 Estaõ de meu tormento magoadas.

Alic. Qual o peixe innocente, que enganado
 Bebe no curvo anzol a morte feya,
 Sem ver, que o Pescador lhe tem armado
 Escondida prizaõ, em que se enlêa;
 Ou qual o navegante, que elevado
 No canto está da perfida Serêa:
 E prova sem cautella a morte dura
 Entre os penhascos, onde o mar murmura.

Mar. Qual foge o grande monstro, q̃ o mar cria
 Do arpaõ ferido, em sangue o mar banhando
 Quando cuida, que escapa á morte fria,

O alento pouco, e pouco vai deixando ;
 O destro Pescador, que a preza fia
 Do agudo ferro, a linha entaõ largando,
 Quando de todo já exangue o sente,
 O barco chega, e o colhe mais contente.
Alic. Tal eu, doce inimiga, sem cautella
 Adorava a traição de hum falso engano,
 Que no teu rosto, ó sempre ingrata, e bella ;
 Soubes diffimular Amor tyranno ;
 Acreditando aquella industria, aquella
 Mal escondida imagem de meu damno,
 Imaginei, que o que era aleivozia,
 De hum fino, e puro coração nascia.
Mar. Não de outra sorte a barbara destreza
 Dessa humicida mão, dessa alma ingrata,
 Depois de assegurar minha firmeza,
 De mim se auzenta, e com rigor me mata ;
 Ah ! quanto temo, Ninfa, que a fereza
 De tua condição, que assim me trata,
 Nestas ondas em penha convertida,
 Pague o delicto de roubar-me a vida !
Alic. De que serve, que eu traga do mar fundo,
 A preço de fadiga taõ pezada,
 Esta, que em tal excesso estima o mundo,
 Rama, que fóra d'agoa he encarnada ?
 De que serve ; que lá do mais profundo
 Venha offercer-te a perola engraçada,
 Se encontro semrazoens, iras, rigores ?
 Se os teus desprezos sempre são mayores ?
Mar. Para trazer-te o peixe delicado,
 No rio escondo as naças, Ninfa minha ;
 E ao levantar seu pezo dezejado,

Vejo saltar a truta, e a tahinha ;
 Não me fica também no mar salgado
 O retorcido buzio, e a conchinha ;
 Que suppondo ser couza, que te agrade,
 Tudo te vem render minha vontade.

Alic. Em pensamentos mil eu me dedico,
 Ao ver traição tão barbara, e tão cruel ;
 Rompo o vestido, o corpo despedaço,
 Quando me lembra a falsidade tua :
 Loucuras mil, mil dezatinos faço,
 Sem pejo, e sem vergonha ; em pelle nua
 Corro esta praya, giro esta ribeira ;
 E ninguem ha, que soccorrer me queira.

Mar. Mas que he isto, Alicuto ? O nosso canto
 Quazi que vai passando a impaciencia.

Lic. Que ha de ser, se o meu mizero quebranta
 Se apodera de mim com tal violencia ?

Mar. Mal haja o ter amor, que póde tanto.

Alic. Mal haja o conhecer huma inclemencia.

Mar. Que intentar-lhe fugir he dezatino.

Alic. Que assim o sinto eu, e tu, Marino.

Mar. Temos chegado ao porto : larga o remo.

Salta na praya tu ; que eu aqui fico ;

A ver, se vejo a Ninfa, por quem gemo,

E a quem as minhas lagrimas dedico.

Alic. Não fiques não, Marino : porque tempo

Mayor magoa ; que a dor, que sacrificio.

Carreguemos o peixe ; que na Aldêa

Tálvez estejaõ Glauce ; e Deyopêa.

Affim se accommodavaõ ;

E o peixe dividindo

Entre ambos, vão subindo

Hum levantado oiteito, a que chegavaõ,
 Deixando em tanto posta
 No barco a vara, a rede ao Sol exposta.

L I Z E.

ECLOGA XVII.

Laurenio, e Lize.

Laur. **A** Qui tens, minha Lize, o teu vaqueiro,
 Que vem pelo calor do Sol ardente,
 A suspirar por ti o dia inteiro.
 Com a gloria, meu bem, de ter presente
 A meus olhos a tua formozura,
 Passo de pezarozo a estar contente.
 Toda esta noite vi tua figura
 Em huma sombra vaã, que me fingia
 A minha inconsolavel desventura.
 Só nisto fui feliz: porque te via
 Taõ branda, taõ suave, como aquella,
 Que a natureza em outra convertia.
 Abracei-te, Pastora; e tu mais bella,
 Mais compassiva ouviste o meu lamento,

Tornando venturoza a minha estrella.

Liz. Bem puderas, Laurenio, desse intento
Delvanecer-te já: pois he sabido,

Que não posso attender a teu tormento.

Tu conheces muy bem, que em meu sentid

Só vive aquella ley, que me sujeita

A não ser livre, como tenho sido.

Laur. Eu conheço: mas sey, que n'alma accita

Póde ser a fineza de hum ferrano,

Que adora huma Pastora taõ perfeita.

Se entre os amantes teus he só Montano

O ditozo Senhor de hum tal thezouro;

De que anda entre nós outros taõ ufano:

Soprou-lhe a forte com melhor agouro;

Que o seu gado não foi de mais estima,

Nem o cajado seu de prata, ou ouro.

He hum tosco vaqueiro, que de cima

Da ferra aqui desceo; nós o alcançamos

Em tempo de Natercia, tua prima.

De bois huma só junta lhe contamos,

Quando entrou neste campo: triste, e pobre

Aqui fez huma choça entre estes ramos.

Agora o seu rebanho os valles cobre;

Talvez, que o fazer mal isso lhe desse,

E que co'alheyo bem hoje os seus dobre.

Mizeravel daquelle, que os perdesse!

Que elle só, porque he rico, teve a dita,

De que taõ bella maõ teu Pay lhe desse.

Oh muitas vezes condição maldita

Esta, que fez no mundo differença

Entre aquelle, que tem, ou necessita!

Liz. Laurenio, o meu decoro não dispença

Nessa practica tua : a honestidade
 Tem a mais leve sombra por offensa.
 Inda que o meu Pastor te não agrade,
 Ou seja murmurada a minha sorte ;
 He sua esta minha alma , esta vontade.
 A ley , que me prendeo , fomenta a morte
 A pôde dezatar : culpa o destino :
 Que eu tenho sobre mim poder mais forte.
Laur. Pois nem se quer, meu bem, meu dezatino
 Te chega a merecer huma esperança ,
 De ser pago algum dia amor tão fino ?
Liz. Não emprendas de mim mais segurança ,
 Que aquella , que te dou : ao Ceo protesto ,
 Que em meu obrar não hade haver mudança.
 E tu , se me não queres ser molesto ,
 Deixa de repetir-me essa loucura :
 Pois viste o meu desgosto manifesto.
Laur. O' barbara , ó cruel , ó impia , ó dura ?
 Que em vez de agradecer-me , te conspiras
 Contra huma alma , que amar-te só procura.
 Se quem te ama , merece as tuas iras ,
 Quem pôde estar segura desses rayos ,
 Que contra tantos mil , cruel, atiras ?
 Sò quem não vê , nem morre nos ensayos
 Do cego Deos de amor. Tudo te adora :
 Que em tudo influe Amor os seus desmayos.
 Eu sò (triste de mim !) eu sò , Pastora ,
 Te adoro mais que todos : que Amor cego
 Quiz , que eu dos tiros seus victima fôra.
 Lá desde as verdes margens do Mondego
 Fez Amor , que na lira eu me ensayasse ,
 Para cantar de ti , meu bello emprego.

Mas ah tyranno Amor! Quem te arrancasse
Essas azas, com que teu vôo elevas?

Quem arco, aljava, e flexas te quebrasse!

Como he possivel, Monstro, que te atrevas
A pôr teu pensamento em tanta altura,
Para cahir depois no horror das trevas?

Que bem se diz; que vens da massa dura
Do Rhodope, ou do Mauro! Que bem creyos
Ignoras, cego Amor, nossa brandura!

Tu me condemnas a chorar sem freyo
Por aquella, que zomba do meu pranto;
Que farta o seu rigor do sangue alheyo.

Liz. Ah! Não, Laurenio, não: não passe a tanto
Esse ingrato delirio: eu inda espero,
Que tenha a tua dor algum quebranto.

A pouco a pouco me entra o golpe fero
A traspassar esta alma; bem que ignoro;
Se he piedade, se amor, o que pondero.

Verei, se sem offensa do decoro,
Posso achar algum modo de pagar-te
Esse suspiro teu, esse teu choro.

Em todo aquelle alento, aquella parte;
Que da casta prizaõ se julgue izenta,
Eu prometto, Laurenio, de estimar-te:
Vai: leva esta esperanza; e te contenta.



FRANCELIZA.

ECLOGA XVIII.

Menalca, e Licida.

Lic. **Q**ueres, Menalca Amigo, que sentados
Debaixo destes álamos hum pouco
Entremos a cantar nossos cuidados?

Men. E crês, Licida meu, que sou taõ louco,
Que me anime a fazer-te companhia
Ao som da minha flauta, que he taõ rouco?
Se em outra idade, Amigo, eu o fazia,
Ou Franceliza a flauta me animava,
Ou desculpa nos annos merecia.

Lic. Enfada-me o teu modo: eu esperava
Achar-te, Amigo, menos enfadonho,
Lembrado do que hum tempo em nós passava.

Men. Queres, q̃ torne a entrar naquelle sonho
Da nescia mocidade? Ah? que do inverno
Já hum novo retrato em mim componho.

Imito já no branco ao cysne terno:
E daquellas vaidades longe o engano,

Com estas caás maduras me governo.

Já fiz galla , já fiz alegre , e ufano
Gosto de jogo , e bailes : mas agora
Vivo só de escutar o dezengano.

Lic. Estou prompto a ouvir-te ; inda que fo
Importuno a meus annos , bem quizera
Ouvir de hum velho a muzica sonora.

Canta , o que te agradar ; mas confidera ,
Que me alegrara muito , se os amores
Da tua Franceliza ouvir pudera.

Men. Eu tomo a flauta ; e tu canta os louvores
Tambem da tua Nize ; que algum dia
Foi adorado emprego dos Pastores.

Lic. Já esta alma os suspiros dezafia :
Já entro a perguntar , onde encontrar-te
Póde de meus clamores a porfia.

Nize ? Nize ? Meu bem ? Ah ! De qual arte
A flauta se affinava , que o lamento
Affavel a meu rogo soube achar-te !

Este mesmo suavissimo instrumento ,
Este mesmo entoou aquelle canto ,
Que tanto foi de teu contentamento.

Na montanha se ouvio , com grande espan
A vez primeira , que foou , nascida
Abranda voz das fragoas de meu pranto.

Men. Que direi eu tambem da despedida ,
Que fiz da minha cithara ! Ao desprezo
Lançando-a já de todo aborrecida.

O peito , que de amor ardia accezo ,
Acodia a emendar , o que entoava
Em diversas paixoens a hum tempo prezo.
Que busco , infauſta lira . . ? já clamava.

Vem adorada lira . . . de outro modo ,
 A mesma cantilena já trocava. (todo

Lic. Ao valle , ao monte , ao bosque , ao campo
 Por Nize só pergunto . . .

Men. Na mudança
 A meu martyrio o cantico accommodo.

Lic. Entro na festa , baile , jogo , ou dança ;
 Se não vejo de Nize a gentileza ,

Minha alma hum só instante não descança.
 Men. Tanto por Franceliza esta alma préza

Morrer de puro amor , que o valle , o monte
 Assombrados deixou minha fineza.

Testemunha me seja aquella fonte ;
 Onde estive á chorar toda huma tarde ,

Que não me appareceo alli defronte.
 Lic. O incontrastavel impeto , com que arde

Este meu coração , diga-o Montano ;
 Que hum dia me chamou fraco , e cobarde.

Disse-me que não deve hum peito humano ,
 Render-se com tal força ao golpe indigno ,

Com que nas almas fere Amor tyranno.
 Men. Foi o primeiro amor : tem o destino

De cada hum forjado aquelle laço ,
 Que obra a seu tempo com rigor maligno :

Pastoras desprezei : pouco embaraço
 Achava n'huma , e n'outra : escarnecia

Daquelle , que accusava a Amor escaço.
 Lic. Vês tu no despertar da Aurora fria

O gosto , com que os passaros , e as flores
 Saúdaõ docemente o novo dia ?

Assim , não de outra sorte , os meus ardores
 Ao vella tão gentil a cada instante . . .

Men. A cada instante crescem meus amores.

De hum tronco sempre verde, e vegetante
Sobre a cortiça dura, em hum letreiro,

Alli gravado o nome . . .

Lic. O gado errante

Perdido, e sem Pastor sobre este oiteiro

Mil vezes o deixei: desta montanha

O sabe inda o mais rude pegureiro.

Men. Não mais, Licida; basta: he couza estranha

Eita ancia, que em mim vês: entende, Amigo

Que está zombando assim, quem te acompanha

Lic. Tu zombas, quando eu choro?

Men. Em vão profigo,

Lembrando-me de hum bem, que he já passado

Leve-o, quem tudo o mais levou consigo.

Seja tua esta flauta: este cajado

Toma, Pastor, tambem: se esta alma quer

Recêbe-a; mas sopporta o seu cuidado.

Lic. Feliz Menalca tu, no que proferes;

Se o tempo já te deve deenganos:

Que eu te acredite, Amigo, não esperes:

A Amor só vence a morte, não os annos;



V I D A

DO CAMPO.

ECLOGA XIX.

O Hi doce soledade!
 Oh patria do descanso!
 Da paz, e da concordia
 Grosseira habitaçãõ, tosco palacio!
 Quantos a meus delirios
 Tu diſtas dezenganos,
 Oraculos fazendo
 Das arvores, dos troncos, dos penhascos!
 Não fere os meus ouvidos
 O estrondo cançado,
 Que levanta a lizonja,
 Junto aos porticos d'ouro em regio Paço;
 A macilenta inveja
 Não derrama o contagio
 Nas innocentes almas,
 Que são de feu furor mizero estrago;
 Dos olhos se retira

O objecto sempre ingrato
 Dos que suspirão mudos,
 Em vez do premio, as semrazoens do damno
 Aqui tem a virtude
 Erguido o seu theatro;
 E nas rusticas scenas
 Aqui mostra a pobreza os apparatus.
 As mal seguras canas,
 Que move o vento brando,
 Da pobre rede tecem
 Ao mizero Pastor o abrigo caro!
 Colhida a tenra fruta
 Vem de seu proprio ramo,
 A adornar a choupana,
 Em vez dos altos capiteis dourados.
 Oh sitio venturozo!
 Quanto te invejo, quanto!
 Ditozo quem possue
 O suave prazer de teu descanso!
 Se tu bem alcançaras,
 Pastor, hum bem taõ raro,
 Não cessára o teu culto
 De consagrar obzequios a teu fado!
 Infeliz, o que envolto
 No trafego inhumano
 Da aborrecida côrte,
 Só vê da confuzão o rosto infausto.
 Imagina do amigo
 E guir os doces laços;
 E a torpe aleivozia
 Lhe abre o sepulchro, onde buscou o ampa
 Se o valimento encontra,

Teme com justo espanto,
 Quanto he grande a subida,
 Que o despenho tambem seja mais alto.
 Não ha frente segura,
 Que em fim dissimulando
 Não veja os seus affectos;
 Como a flor entre os aspides ingratos!
 Ah! mede, Pastor bello,
 O bem, que alcanças: tanto
 Dar-te não pôde a côrte;
 Só pôde a soledade deste campo!

L I R A.

ECLOGA XX.

A Qui deste salgueiro
 Pendente ficarás, ó lira minha!
 Tu que foste primeiro,
 Em quanto á Amor convinha,
 Allivio de meus males,
 Ferindo os montes, abalando os valles!
 De todo já deixada,

Nem se quer nas imagens da memoria
 Vivirás retratada ;
 De tanta antiga gloria
 Se consultada fores ,
 As delicias aponta nas horrores :

Será lingua eloquente
 A mesma face macilenta : o rosto
 De meu mal inclemente ,
 Pela voz do desgosto ,
 Com a muda harmonia
 Poderá declarar minha agonia.

De Arachne o enredo escuro ;
 Em ti as debeis linhas estendendo ,
 Cubra teu centro impuro ,
 Que acorde respondendo
 Do verso ás consonancias ,
 Tantas vezes ouvio as minhas ancias :

Genio funesto inspire
 Sempre em teu damno ; e por mayor tristeza
 De ti não se retire
 A funebre aspereza ,
 Daquelle horror maligno ,
 Que os passos acompanha a meu destino :

Ludibrio fejas feyo
 De todos os Pastores deste monte :
 O meu infausto enlevo
 Te a mudo gesto conte ,
 Te hum triste , e desgraçado
 Tosco instrumento , inutil , desprezado :

E se lá quando o dia
 Desmayando se o Sol ao mar se auzenta ;
 Lá na tarde sombria ,

Lizarda, que se ostenta
 Destes campos senhora,
 Baixar acazo, dando inveja a Flora;
 Seu vestigio dourado,
 Mais bello do que os goivos, e açucenas;
 Se inclinar seu cuidado
 A este centro de penas;
 E aqui te achar pendente,
 Triste lira, deixada, e descontente;
 Quando chegue curioza,
 Sem horror de te ver, ao tronco duro
 A Ninfa mais formosa,
 Lêa o epitafio escuro;
 Que em funebre letreiro
 Guardará para sempre este salgueiro:
 Breves vozes a historia
 Explicarão da minha desventura;
 Quanto empenhe a memoria
 Dessa tão impia, e dura
 Belleza, em vão amada,
 Em vão de meus extremos contrastada:
 Aqui vivo (este o lema,
 Que no funebre tronco fique escrito)
 Para que sempre gema
 O tormento infinito
 De perder huma ingrata,
 Que perjura, e cruel me offende, e mata:

126



130



EPISTOLAS

ALCINO

A^c FILENO.

EPISTOLA I

A Vós, Pastor distante,
Bem que presente sempre na lembrança,
Saude envia Alcino, que a vingança,
Da fortuna inconstante,
Do barbaro destino,
Chora na propria terra peregrino,
Se a flauta mal cadente
Tôa agora o verso harmoniozo,
Bei, me communica este faudozo
Influxo a dor vehemente,
Naõ o genio suave,
Que ouviste já no accento agudo, e grave
Entorpeceo-se o canto;

E a Muza tristemente enrouquecida
 Se vio, depois que a forte dezabrida
 Trocou o doce encanto
 Das Ninfas do Mondego,
 Pelo deste retiro inculto emprego.
 Como presente vejo,
 Fileno, para estrago da memoria
 Aquelle doce bem, que a mayor gloria
 Formava a meu dezejo!
 Como na estampa grata
 Da lembrança o perdido se retrata!
 Pela margem frondoza
 Desse, que corre, vagaroso rio;
 Quantas vezes, Pastor, a calma, o frio
 Vencemos na gostosa,
 Alegre sociedade,
 Que alentava do canto a suavidade!
 Quantas vezes rompendo
 Das claras agoas a corrente fria,
 Das Ninfas do Mondego a companhia
 A ouvir se estava erguendo,
 Por entre a espuma bella,
 Que huma hora se desfaz, e outra congela!
 Quantas vezes parava
 A doce Filomena o triste accento!
 E do álamo frondozo (em quanto o vento
 As folhas meneava)
 Os numeros ouvia,
 Que a nossa acorde flauta repetia!
 Que mudança importuna
 Hoje diverso faz o genio antigo!
 Negando á Muza o generoso abrigo

Da placida fortuna ;
 Porque habite huma estancia ,
 Em que só vive a pena , a magoa , a ancía !

O genio antes festivo ,
 Prompto no baile , jogo , e na floresta
 Quanto se opprime , quanto se molesta
 Ao golpe executivo
 Do fado , que tem posto
 Tanto empenho em tecer o meu desgosto !

O seu giro , ó Fileno ,
 Não seja em vosso damno assim violento :
 Discorra só no bem , no obzequio attento ;
 Porque no mais ameno
 Campo , e entre os Pastores ,
 Vos consagre Amarillis seus amores .

Não erre o vosso gado ,
 Qual vaga o meu , sem dono : antes contente
 Pásse do campo a relya florecente .

O pomo sazonado
 Colhei ; e na floresta
 Tende fortuna mais ditoza , que esta .

E se no prado , ou monte
 Pastor vive , que guarde inda a memoria
 Da minha triste , lastimoza historia ;
 Dizei-lhe vós ; que conte

O seu verso canoro
 Meu cazo triste no silvestre côro .

A minha tosca avena
 Sempre hade respirar na actividade
 Da , que me arde no peito , impia saudade ;
 E creyo , á minha pena
 Se hade ver algum dia
 Respirar estes bosques alegria .

F I L E N O

A' ALGANO.

EPISTOLA II.

D E pois, Algano amado,
 Que por mais verde, e placido terreno,
 Deixaste o sitio ameno,
 Onde alegre pascia o manso gado,
 Tomou minha saudade
 Triste posse no horror da soledade.
 De todos os Pastores
 Foi muy sentida a tua auzencia dura :
 Que o bem de huma ventura
 Se se perde, inda os mesmos moradores
 Da choça, que os abriga,
 Sabem sentir : oh quanto a dor obriga !
 Pouco importa a cultura,
 E agudeza mayor do pensamento :
 Que a força do tormento
 Sobre a mesma rudeza o estrago apura ;
 E quem melhor discorre,

He, quem buscando allivio, menos morre!
 Talvez mais lizonjêa
 Esta no meu pezar nescia jaçtancia ;
 Por ser minha ignorancia
 Alimento, em que a magoa mais se atêa ;
 Que a ser mais entendido,
 Não fôra o meu tormento taõ crescido.
 Não sómente o effeito
 De taõ ingrato mal em nós sentimos ;
 Mas, se bem advertimos,
 Tudo ao grande pezar ficou fugeito ;
 Que fez a auzencia tua
 A saudade em nós razaõ commua.
 O rio, que algum dia
 Liquida habitaçãõ das Ninfas era,
 A cor, que a primavera
 Nestes frondozos álamos vestia,
 Tudo perde o feu brio ;
 Não tem o álamõ cor, Ninfas o rio.
 Não se ouvem já sonoras,
 (Quando arguindo o adultero condemna,)
 Queixas da Filomena ;
 E athé do tempo as carregadas horas
 Correm mais dilatadas ;
 E parece, que a dor as faz pezadas.
 He tudo horror ; he tudo
 Huma palida imagem da tristeza.
 Habita esta aspereza
 O funebre silencio, o assombro mudo ;
 Que tanto póde, tanto
 De tua auzencia o mizero quebranto,
 Ah meu Alcano caro,

Doce consolação do campo ameno!
O teu triste Fileno
Busca debalde allivio: que o reparo
Da saudade está posto
Na imagem só de teu alegre rosto:
Não só o seu alento,
Porém inda dos campos a alegria,
A clara luz do dia,
Das aves o canoro, e doce accento,
E quanto tem mudado
Da tua auzencia o dezhumano estado.
Apressa, apressa o passo,
Com que hoje alegras as regioens do Tejo:
Rompe já o embaraço,
Que se interpoem á vista do dezejo:
E possa alegre ver-te,
Algano meu, quem sabe merecer-te.



D A L I Z O

A^c S A L I C I O .

EPISTOLA III.

A Vós, Pastor amado,
 Que lá do patrio rio
 Nas frescas prayas, humidadas ribeiras,
 (Qual debaixo de hum álamo sombrio
 Tityro, que abrazado
 De Amarillis suspira,) as lizonjeiras
 Horas lograis, no metrico exercicio,
 Propicio seja o fado, ou impropicio;
 Saude vos dezeja,
 E placido descanço
 Dalizo, o Pastor triste; cujo emprego
 He mal tocada lira, e gado manso;
 Que nem maligna inveja,
 Nem emula porfia em seu socego
 Altera, atravessando o bosque inculto,
 Desde o monte frondozo, ao valle occulto
 Aquella harmonioza,

Nunca no bosque ouvida,
 Cithara, que regia o vosso canto,
 Com que activo dezejo me convida
 A' pena mais faudoza!
 Se louberas, Salicio amado, quanto
 Me chega á arrebatár aquelle accento;
 Duvidareis vós mesmo do tormento.
 Então vi sem mentira,
 Ou fabulozo engano,
 Possivel, o que Alfemo nos contava;
 Do amante, que do Averno dezhumano;
 Ao som da acorde lira,
 A já perdida espoza resgatava.
 O vosso canto, Amigo, se quizera;
 O mesmo inferno adormecer pudera.
 Não duvidei, que houvesse
 Accento taõ divino,
 Que enternecendo o barbaro pirata,
 Fiasse todo o bem do seu destino
 A hum Delfim, que pudesse,
 Rompendo as ondas, que esse mar dezata;
 Conduzir de Arion a amada vida,
 Sobre os hombros, á praya appetecida.
 Tudo possivel cria;
 Que aquelle acorde accento,
 Que arrebatando a idéa contemplava;
 De voſſa voz no doce movimento,
 Dar ao mundo podia
 Exemplos de prodigio: oh qual rasgava
 Nunca imitado canto o vento leve!
 Como o Zefyro a ouvillo se deteve!
 Crede-me: eu suspirando

Mil vezes a ventura
 De ver-vos, a hum Pastor dessa montanha
 Perguntava por vós; e a doce cura
 Do dezejo buscando
 Da noticia, que tinha em nada estranha;
 Da que notei, feliz realidade,
 Mayor motivo achava á faudade.
 Quando verei, dizia,
 Hum Pastor tão amado,
 Que no baile, na dança, na carreira;
 Ou perseguindo a fera, sempre ao lado
 Por companheiro via?
 Oh! Queira o brando fado, a sorte queira;
 Que esta tão larga, tão cruel distancia,
 Não venha a perverter sua constancia.
 Hydropico meu peito
 Sempre ver-vos suspira;
 E por lizonja desta auzencia dura
 Ao doce, e acorde som da vossa lira
 Invoca o terno effeito.
 Fazei, que eu logre o bem desta ventura;
 Em quanto fica com attento avizo,
 Para servir-vos o Pastor Dalizo.



MELIZO

A^c SALICIO.

EPISTOLA IV.

A O duro tronco atado
 O Grego enganador da Ninfa bella
 Ouvindo o som daquella
 Consonancia do côro levantado,
 Roge á ruina, teme o precipicio.
 Mas se o canto; Salicio,
 Que alternastes no verso harmoniozo
 No golfo perigozo
 Das humidas Deidades se entoara,
 Do acorde accento á suavidade rara,
 Que alegre cederia
 Ulysses, aos encantos da harmonia!
 Hydropico bebendo
 A liquida corrente, nunca tanto
 se vê com o quebranto
 Do Sol ardente o gado, que descendo
 Tem de huma, e outra parte da floresta

Quanto se manifesta
 Anciozo o meu dezejo , achando agora
 A lizonja sonora
 Desse canto , Salicio , que respira
 Taõ doce , que por mais , que a alma ferir
 O impulso harmoniozo ,
 Sempre o meu peito suspirara anciozo.

Oh ditozo salgueiro
 Aquelle , Pastor bello , em que pendente
 A cithara cadente
 No silencio me vio por derradeiro ,
 Em quanto choro a tua auzencia dura !

Quanto mayor ventura
 He ver da solitaria sombra fria
 A perdida alegria ,
 O gosto desmayado , expôr brilhante ;
 Mais rizonho esta vez o seu semblante ;
 Bem como a tenebroza
 Noite , que a luz do Sol faz mais formozal

Do muzico instrumento
 O espirito the agora suffocado
 Bebeo mais esforçado ,
 O que respira , harmoniozo alento ;
 Deva-se tanto obzequio á faudade.

De Pan a Divindade ,
 Que unio primeiro a cera á debil cana ;
 Nunca taõ soberana
 A voz ergueo ; nem lá no Idalio monte
 Ao murmurar feliz do Xanto a fonte ,
 Respirou taõ suave ,
 De Enone bella no tormento grave.
 Só vós , Pastor querido ,

As sombras desterrando da tristeza ;
 Podeis lograr a empreza
 De suffocar os eccos do gemido ,
 Com tão acorde , sonoro excessõ !
 A tanto bem confesso ,
 Que do campo os prodigios celebrados
 Seraõ mal comparados ;
 Inda quando a memoria os eternize
 Pelos troncos das fayas ; bem que avize
 Hum , e outro letreiro ,
 Qual o segundo foi , qual o primeiro .
 Se pois he de Salicio
 Tãõ poderosa a voz ; se a maõ tãõ destra
 No jogo , na palestra
 Tem a gloria mayor ; se no exercicio
 Do cantõ o verde louro elle consegue ;
 Salicio naõ me negue ,
 Que dezigual a competencia fica ,
 Quando a seguir se applica
 Do mizero Melizo a mal pulsada
 Cithara ; que he samente acompanhada
 De Faunos da espessura ,
 Naõ de branca Napæa , ou Ninfa pura ;
 Turva , e feya a corrente
 Deste ribeiro nosso naõ habita
 Dryada , que repita
 Em branda voz o numero cadente :
 Que tudo nelle triste fez o fado .
 Ditozo aquelle estado ,
 Em que pobre pastor me contentava
 A terra , que lavrava ,
 O gado , que a pastar guiava errante

Deſta montanha á aquella: ah que inconstante
Fortuna em mim figura
De Melibeo a triste deſventura!

Mas eu cuido, que vejo
Aquella carregada ſombra feya,
De goſto, que recrea,
(Se não mo finge a imagem do deſejo)
Ir a face veſtindo, já mais clara.

Oh que mudança rara
Eſtou neſta ribeira contemplando!
Pouco, e pouco dourando
Se vai o eſcuro valle, e o alto monte:
Nova chama illumina eſte Horizonte.
Tanto goſto ſe deve
Do ſonoro Salicio ao canto leve.

Vivei, ó Paſtor grato;
E o voſſo campo eternamente ſeja
Dos Elifios inveja,
Ditoza copia, placido retrato
Daquelle, que o Paſtor pizou de Anfrizo
E vivei para gloria de Melizo.



EURILLO

A^c ALCIDO.

EPISTOLA V.

R Ecebo, Alcido amado,
 O transumpto feliz, o delicado,
 Numerozo dezenho
 Do vosso bello, peregrino engenho.
 Nelle respira aquella suavidade,
 Com que outro tempo a Delfica Deidade;
 Pelas ribeiras do saudozo Anfrizo,
 Tornava todo o monte de improvizo,
 De Thebaida alegre, Chipre amena,
 Centro da magoa, habitação da pena.
 A imagem da faudade retratada
 Qual se descobre aos eccos animada
 Da vossa acorde lira!
 Alli geme, alli chora, alli suspira
 O rosto macilento,
 Reclinando com brando movimento

Já sobre a mão, já enxugando o pranto;
Que os olhos vertem com mortal quebrant

Menos suave, menos elegante
Pintou o Portuguez a fragoa amante,
Em que Venus dispunha aos Luzitanos
A dourada lizonja dos enganos;
Quando aos olhos descobre a feliz Ilha,
Do mar d'Athlante occulta maravilha.

Mas que muito respire taõ activo
O fogo da saudade executivo,
Se da razaõ no intrinseco conceito
Bebe a força efficaz do agudo effeito!
He sempre menos dura
A pena, que na rustica cultura
Ao Pastor acompanha
Na choça, no redil, que aquella estranha
Paixaõ, que segue o cortezaõ polido,
Na civil sociedade introduzido.

Assim o vosso engenho agudo, e raro
Concebe em grande excesso o estrago avaro
Do faudozo tormento;
Dando-lhe tanto mais crescido alento,
Que ao vigor do discurso ponderada
He em vós a saudade mais pezada.

Oh se a guerra implacavel, que se accende
Por dentro de minha alma, e que se estende
Pelo campo espaçozo da lembrança
Pudera retratar-vos! que mudança,
Taõ contraria, taõ funebre, taõ dura
Em mim verieis da fortuna escura!

Aquelle aspecto affavel da alegria;
Que o coração brotava, quando via

Presente em vós o bem, que adora tanto,
 Apenas pelas clauzulas do pranto,
 Pelas syllabas mudas do gemido,
 Hoje publica o funebre ruido,
 Que ergue a dor nas imagens da memoria,
 Tentando em sombras a passada gloria.

O confuzo girar de meu cuidado
 Encontro vivamente retratado
 Em hum baixel vagando; que sem norte
 Guia com varia sorte
 A onda impetuoza
 No golfo Egêo, soprando a tormentoza
 Furia dos ventos, que na estranha guerra
 O crespo Eólo no penhasco encerra.

Más cesse de meu mal aquella activa
 Tyranna agitação, que se deriva
 Do tormento fatal da vossa auzencia,
 Já parece desmayo esta violencia,
 Quando do vosso espirito suave
 A bella producção canora, e grave
 Enche os ares de acorde melodia,
 Que arrebatada de todo a fantazia.

Dos nossos fieis amigos, que a lembrança
 Vossa com tão gostoso excesso alcança,
 Testemunho a plauzível recompensa,
 Enviando-vos d'hum a copia immensa
 Desses, de Apollo gratos desperdicios;
 D'outro interpretes sendo os sacrificios,
 Que repete nas chamas da saudade
 A vossa, em tudo candida, amizade.

Mas desta, que deixaste tão saudoza,
 Ribeira, em outro tempo venturoza,

Quando animada do sonoro accento
 Do vosso acorde, harmonico instrumento;
 Como he possivel, que eu traslade as vozes
 Que entre os ays, e suspiros mais velozes,
 Me estaõ recommendando a cada instante
 As lembranças do seu obzequio amante?

Ella me pede (que discreto rogo!)

Que aquelle generoso, ardente fogo,
 Em que por vós se abraza, vos refira;
 E que outra vez do vosso plectro, e lira
 (Porque a pena suffoque, extinga a ancia)
 O toque busque, empenhe a consonancia.

Eu o supplico assim, meu caro Alcido;
 E a vossos pés rendido

Offereço a vontade; com que posso

Dizer, que sou fiel amigo vosso.



SILVIO

A^c ALGANO,

EPISTOLA VI.

P Ediz-me, Algano, que do meu destino
O enredo peregrino
Vos conte, desde o dia, em que deixada
A pobre choça, a habitação amada,
Para tão triste mal, tão cruel guerra,
Deixei esta montanha, e aquella serra
Busquei; onde já mais o manso gado
Havia apascentado
Dalizo, nem Alfemo,
Pastores, que nas prendas eu não temo;
Que competir-lhes possa
Couza alguma, a não ser a gloria vossa.
Ay quanto, caro Amigo,
Esta obediencia custa! Mas se digo,
Que me suffoca a voz o sentimento
De huma ardente paixão, o meu tormento,
Sô na vossa amizade,

Que a compaixão promete, a atrocidade
 Moderar pôde de hum profundo damno;
 Que no intimo arcano
 De meu afflicto peito
 Não menos, que o respeito,
 Amor tem encerrado.

Este Monstro vendado,
 Gigante, que sem pôr sobre a grandeza
 De hum monte o outro monte, a redondeza
 Do Glympto tem prostrado,
 E ao soberano Jove despojado
 Do rayo fulminante;

Este estrago incessante,
 A quem valor não basta, nem escudo;
 Porque tudo destrõe, e estraga tudo,
 Sendo a sua impiedade
 Verdugo infiel da pobre liberdade;
 E o mizero alvedrio,
 Perdida a gloria, despojado o brio;
 Serve de ornar com precipicio infausto
 De seu triunfante carro o ardente fausto;

Naquelle dia, Algano, em que apartada
 Do rebanho a melhor, a mais amada,
 Branca, e tenra ovelhinha,
 Solicito me tinha,
 Levou-me o Monstro cego,
 Desde as humidas margens do Mondego;
 Habitação gostosa,
 Ou já pela corrente delicioza,
 Ou pela verde sombra dos saigueiros;
 Por asperos oiteiros
 Levou-me o Monstro cego. Entenderias

A cada instante, Algano,
Vendo eminente o damno,
E a face da ruina tão presente;
Que aquelle escuro fitio era semente,
Ou de enigmas depozito sombrio,
Ou tumulo fatal do somno frio.
Alli não florescia o lirio brando,
Nem ovelha pastando
Alli se divizava;
De esteril producção da pedra brava
A terra se cobria.
A risco, e outro risco discorria
Assim o meu cuidado;
E Amor já tão ligado
A seu carro fatal me tinha, que indo
A noite as azas sobre o monte abrindo,
Da sombra carregada
Nada me acobardava: porque nada
Poder tão tão raro tinha, e tão activo,
Como de Amor o rayo executivo.
Depois em fim que a Aurora
Foi accendendo a tocha brilhadora
Do luminoso Febo,
Divizo de Corebo
O campo dilatado;
Corebo, esse Pastor tão nomeado;
Não só pela riqueza;
Mas inda pela graça, e gentileza
Das Ninfas, e Pastoras,
De fitio tão feliz habitadoras.
Pelo prado, e floresta
Cada huma tão gentil se manifesta;

Que não ha fresca roza,
 Que possa competir-lhes, por formoza:
 Cobertas andaõ todas de hum pelico
 Mais candido, e mais rico,
 Que a pelle de hum arminho esbranquiçado
 Por hum, e outro lado
 Tecem as flores bellas,
 Qual mostra o firmamento aureas estrellas.
 Porém mayor espanto
 He ver o cajadinho, que com tanto
 Capricho vaõ movendo;
 Ora sobre elle tendo
 A branca mão, ora encostando a face;
 Em que Amor, era força, se abrazasse.
 Ovelhas vem guiando;
 E em vario som cantando
 Os mizeros amores
 De Ninfas, e Pastores;
 Que naquella floresta
 Vio a sorte funesta,
 Ou o soberbo fado,
 Em venturozo, ou infeliz estado.
 Não ha Ninfa mimosa,
 A quem de Amor a setta venenosa
 Não penetrasse o peito.
 De Coreho o respeito
 A todas suffocava:
 Cada huma, o que sentia, mais callava:
 Porque o Pastor tyranno,
 Por zelo, ou crueldade (ay caro Alcano!)
 A todas tinha posto
 Violenta escravidão na ley do gosto.

Dalizo desterrado
 Gemia a infausta pena de hum cuidado ;
 Que para o sentimento
 Vivo tem na memoria o seu tormento.
 Anfrizo sem ventura
 Suspirava a perdida formozura,
 Em carcere cruel , que em dura pena
 Corebo , o Pastor barbaro , lhe ordena ;
 Imaginando ser culpa , que infama ,
 Arder de Amor na venturoza chama.
 Eu , que os exemplos via ,
 De tanto estrago , e tanta tyrannia ,
 Em Galatée pondo o pensamento ,
 Adorava por gloria o meu tormento.
 Tão bella era a Pastora , que fomenta
 Ella fazia o campo estar contente.
 Nos seus olhos Amor depositava
 Hum veneno tão doce , que , se olhava ,
 Atraz do seu ligeiro movimento
 Levava os coraçãoes , e o pensamento.
 Porém já de meu peito terno , e brando
 A dor fera , e cruel me está chamando ,
 A que , Algano , vos conte
 Os suspiros , que ao Ceo , ao valle , ao monte
 Inutilmente dados ,
 Foraõ da ingrata Ninfa desprezados.
 A ancia continuava ;
 Profegua o gemido ; não cessava
 Meu excessivo pranto ;
 Mas a dispendio tanto ,
 Compravaõ meus ardores
 Ingratas semrazoens , duros rigores.

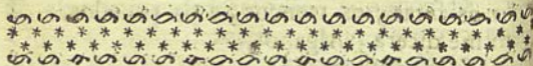
Hum mez quazi corria ;
 E esperanças de hum dia , e outro dia
 Guiavaõ meu desvelo
 Atraz do fea rigor , só por vencêllo.
 Ah quem vozes tivera ,
 Alcano meu , que referir pudera ,
 Qual foi o excesso entaõ daquelle dia ;
 Quando cedendo á força da porfia
 De hum coraçãõ , que entre rigores arde ;
 Interpretes seüs olhos n' huma tarde ,
 Fez de não sei que incognita piedade ,
 Que recatava menos a vontade !

Desde entaõ .. , mas que emprendo !
 Logo Amor aleivozo hum golpe horrendo
 Contra mim fulminou , roubando a gloria
 De taõ alta victoria.
 De Corebo á noticia ,
 Fez que chegasse o jubilo , a delicia ;
 Que provava minha alma. O Pastor fero ;
 Mais cruel , mais severo ,
 A pena repartindo
 Entre dous coraçõens , ao gesto lindo
 Da Ninfa mais mimoza
 Ordena huma tristeza rigorosa ;
 E a mim por mayor pena
 Hum desterro durissimo me ordena.

Deixei-a desmayada ,
 Triste , desconsolada ,
 Seu rizo convertido em vivo pranto ?
 E eu (triste de mim !) martyrio tanto
 Sopporto neste funebre retiro ;
 Que a meus ays , a meu pranto , a meu suspirar

Enterneço os rochedos,
 Movo as feras, os troncos, e os penedos.
 Quem me dicera, Algano,
 Que o fado dezhumano,
 Fingindo-se propicio,
 Me encaminhava a tanto precipicio!
 E já que foi taõ duro,
 Que com rosto perjuro
 Me pôde conceder hum breve instante
 De alegria, e de gosto ao peito amante;
 Que cauza teve o fado
 Para me naõ levar traz meu cuidado,
 Conspirando a fereza
 De Corebo cruel contra a firmeza
 De minha adoraçãõ, deixando affavel
 Do golpe inexoravel
 Da Parca enfurecida,
 Extincto o meu amor na minha vida!
 Mas ah! Que em naõ matar-me
 O fado mais cruel se quiz mostrar-me:
 Assim mais se acredita
 A furia, que meu peito debilita:
 Pois louco, e delirante
 Vivo sempre em tormento. Astro inconstante;
 Maligno, dezigual, sempre em meu damno
 (Ay carissimo Algano!)
 Ordenará, que eu seja
 Victima do rigor, e mais da inveja!





ROMANCES.

L I Z E.

R O M A N C E I.

P Escadores do Mondego ;
 Que girais por essa praya ;
 Se vós enganais o peixe ;
 Tambem Lize vos engana.

Vós ambos sois pescadores ;
 Mas com differença tanta ,
 Vós ao peixe armais com redes ;
 Ella co' os olhos vos arma.

Vós rompeis o mar ondozo ;
 Para assegurar a caça ;
 Ella aqui no porto espera ;
 Para lograr a filada.

Vós dissimulais o enredo ;
 Fingindo no anzol a traça ;

Ella vos expõem patentes
 As redes, com que vos mata.
 Vós perdeis a noite, e dia
 Em continua vigilancia;
 Ella em hum só breve instante
 Consegue a preza mais alta.
 Guardai-vos pois, Pescadores;
 Dos olhos dessa tyranna;
 Que para trofeos de Lize
 Despojos de Alcemo bastaõ.
 Em quanto as ondas ligeiras
 Desta corrente taõ clara
 Inundarem mansamente
 Estes álamos, que banhaõ;
 Eu espero, que a memoria
 O conserve nestas agoas,
 Por padraõ dos dezenganos,
 Por triunfo de huma ingrata.
 E na frondoza ribeira
 Deste rio, triste a alma
 Girará sempre avizando,
 Quem lhe soube ser taõ falsa.



ANTANDRA

ROMANCE II.

P Astora do branco arminho ;
 Não me sejas tão ingrata :
 Quem quem veste de innocente ,
 Não se emprega em matar almas .
 Deixa o gado , que conduzes ;
 Não o guies á montanha :
 Porque em poder de huma fera ,
 Não póde haver segurança .
 Mas ah ! Que o teu privilegio ;
 He louco , quem não repara :
 Pois suavizando o martyrio ,
 Obrigas mais , do que matas .
 Eu fugirei ; eu , Pastora ,
 Tomarei somente as armas ;
 E haõde conspirar commigo
 Todo o campo , toda a praya .
 Tenras ovelhas ,
 Fugi de Antandra ;
 Que he flor fingida ,
 Que aspides cria , que venenos guarda !

ALTEA.

ROMANCE III.

A Quelle Pastor amante,
 Que nas humidas ribeiras
 Deste cristallino rio
 Guiava as brancas ovelhas;
 Aquelle, que vezes muitas
 Afinando a doce avena,
 Parou as ligeiras agoas,
 Movêo as barbaras penhas;
 Sobre huma rocha sentado
 Caladamente se queixa:
 Que para formar as vozes,
 Teme, que o ar as perceba.
 Os olhos levanta, e busca
 Desde o tosco assento aquella
 Distancia, aonde, discorro,
 Que tem a origem da pena:
 E depois que esmorecidos
 Da dor os olhos, na immensa
 Explicação do tormento,
 Suffocada a luz, se cegaõ;

Só ás lagrimas recorre,
Deixando-se ouvir apenas
Daquellas arvores mudas,
Daquella mimoza relva.

Com torpe aborrecimento
A companhia despreza
Dos Pastores, e das Ninfas;
Nada quer; tudo o molesta.

Erguido sobre o penhasco
Já vê, se he grande a eminencia:
Porque busque o fim da vida,
Na violencia de huma queda.

Já louco se precepita;
E já se suspende: a mesma
Appetencia do tormento
Mayor tormento lhe ordena:

Pastores, vede a Dalizo;
Vede o estado qual seja
De hum Pastor, que em outro tempo
Gloria destes montes era:

Vede, como sem cuidado
Pastar pelos montes deixa
As ovelhas offrecidas
A's iras de qualquer fera.

Vede, como desta rama,
Que funebre está, suspenso
Deixou a lira, que ha pouco,
Pulsava pela floresta.

Vede, como já não gosta
Da barra, dança, e carreira;
E ao pastoril exercicio
De todo já se rebella.

Segundo o vulto, que neste
Rustico penedo ostenta,
Cuido, que o fizeraõ louco
Desprezos da bella Altéa.

ANARDA

ROMANCE IV.

A Onde levas, Pastora,
Essas tenras ovelhinhas?
Que para seu mal lhes basta
O seres tu, quem as guia.
Acazo vaõ para o valle,
Ou para a ferra vizinha?
Vaõ acazo para o monte,
Que lá mais distante fica?
Vaõ por ventura, Pastora,
A beber as cristallinas,
Doces agoas, que discorrem
Por entre essas verdes filvas?
Ah! Quem sabe, triste gado,
Onde a mayor humicida
Dos coraçõens, e das almas,
Comyosco agora caminha!

Presumir, que cuidadoza
 Vos conduz á ferra altiva,
 Imaginar, que á ribeira
 Vos vai levando propicia;
 Não o posso, não o posso;
 Quando a conjectura aviza,
 Que mal as ovelhas guarda;
 Quem as almas traz perdidas.

Porém se a vossa ventura
 De mais nobre se acredita,
 Se podeis vencer de Anarda
 A condição sempre esquiva;
 Ella vos conduza: os passos
 Segui da minha inimiga;
 Em quanto para cantalla
 Meu instrumento se affina.

Mais que Tityro suave,
 Aqui sentado á sombria
 Copa desta verde faya,
 Chorarei as penas minhas.

Farei, com que sôe o bosque
 A seu nome: esta campina,
 Vereis, como só de Anarda
 A doce gloria respira;

Essas arvores, e troncos
 Concorrendo á harmonia
 De meu canto, Orfêo nos valles;
 Cuidaraõ, que ressucita.

Eu repetirei contente
 A cantilena, que tinha
 Com Alcimedon composto,
 Quando no monte vivia.

Direi aquellas cadencias,
 Que á casca de huma cortiça
 Encommendou meu cuidado,
 De meu sangue com a tinta.
 Pastora, (se bem me lembra
 Assim meu verso dizia)
 Mais branca, que a mesma neve;
 Mais bella, do que a bonina;
 Eu sou, quem estas ribeiras;
 Sou, quem estes campos piza,
 Atraz de huma alma, que roubas,
 Taõ preza, como rendida.
 Não te peço, que ma entregues:
 Porque quem ta sacrifica,
 De seu voluntario culto
 Faz a ostentaçãõ mais fina:
 Quero só, que ma não deixes,
 Que a não dezampares; inda
 Quando do Lethes faudozo
 Vires a margem sombria.
 Mais seguro, e mais constante,
 Que aquella mimoza Ninfa,
 Que no concavo das penhas,
 Por ley do destino, habita.
 Ecco ferei destas rochas,
 Aonde os clamores firaõ
 Dos coraçõens, que se queixaõ;
 Das almas, que se lastimaõ.
 Assim, candidas ovelhas,
 Assim clamarei: sózinhas
 Correi embora contentes
 O valle, o monte, a campina.



A' LIRA DESPREZO.

I.

Que busco, infausta Lira;
 Que busco no teu canto,
 Se ao mal, que cresce tanto;
 Allivo me não dás?

A alma, que suspira,
 Já foge de escutar-te:
 Que tu também és parte
 De meu faudozo mal.

II.

Tu foste (eu não o nego)
 Tu foste em outra idade
 Aquella suavidade,
 Que Amor soube adorar;
 De meu perdido emprego
 Tu foste o engano amado:
 Deixou-me o meu cuidado;
 Também te heide deixar.



A' LIRA

PALINODIA.



I.

V Em , adorada Lira ,
 Inspira-me o teu canto ;
 Só tu a impulso tanto
 Todo o prazer me dás.
 Já a alma não suspira ;
 Pois chega a escutar-te :
 De todo , ou já em parte
 Vai-se auzentando o mal.

II.

Não cuides , que te nego
 Tributos de outra idade :
 A tua suavidade
 Eu sei inda adorar ;
 Desse perdido emprego
 Eu busco o encanto amado ;
 Amando o meu cuidado ,
 Já mais te heide deixar ,

III.

Ah! De minha ancia ardente
 Perdeste o caro imperio:
 Que já n'outro emiserio
 Me vejo respirar.

O peito já não sente
 Aquelle ardor antigo:
 Porque outro norte figo;
 Que fino Amor me dá.

IV.

Amei-te (eu o confesso)
 E fosse noite, ou dia,
 Já mais tua harmonia
 Me viste abandonar.

Qualquer penozo excesso;
 Que atormentasse esta alma,
 A teu obzequio em calma
 Eu pude serenar.

V.

Ah! Quantas vezes, quantas
 Do somno despertando,
 Doce instrumento brando,
 Te pude temperar!

Só tu (disse) me encantas;
 Tu só, bello instrumento,
 Tu es o meu alento;
 Tu o meu bem serás.

III.

Vê, de meu fogo ardente ;
 Qual he o activo imperio :
 Que em todo este emisferio
 Se attende respirar.

O coração, que sente
 Aquelle incendio antigo,
 No mesmo mal, que figo,
 Todo o favor me dá.

IV.

Se tanto bem confesso ;
 Ou seja noite, ou dia,
 Já mais essa harmonia
 Espero abandonar.

Naõ hade a tanto excessso ;
 Naõ hade, naõ, minha alma
 Desta amorosa calma
 Meus olhos serenar.

V.

Ah! Quantas ancias, quantas
 Agora despertando,
 A teu impulso brando
 Eu venho a temperar!

No gosto, em que me encantas ;
 Suavissimo instrumento,
 Em ti só busco o alento ;
 Que eterno me serás.

VI.

Vai-te ; que já não quero,
 Que devas a meu peito
 Aquelle doce effeito,
 Que me deveste já.
 Comtigo já mais fero
 Só trato de quebrarte :
 Tambem has de ter parte
 No estrago de meu mal.

VII.

Naõ saberás desta alma
 Segredos, que sabias,
 Naquelles doces dias,
 Que Amor soube alentar.
 Se aquella ingrata calma
 Foi só tormenta escura,
 Na minha desventura
 Tambem naufragarás.

VIII.

Nize, que a cada instante
 Teus numeros ouvia,
 Ou fosse noite, ou dia,
 Já mais não te ouvirá.
 Cançado o peito amante
 Somente ao dezengano
 O culto soberano
 Pertende tributar.

VI.

Comtigo partir quero
As magoas de meu peito ;
Quanto diverso effeito ,
Do que provaste já !
Não cuides , que sou fero ;
Porque já quiz quebrar-te :
No meu delirio em parte
Desculpa tem meu mal.

VII.

Se tu só de minha alma
O caro amor sabias ,
Comtigo só meus dias
Eterno hei de alentar.
Bem que ameace a calma
Fatal tormenta escura ,
Na minha desventura
Já mais naufragarás.

VIII.

Clamar a cada instante
O nome , que me ouvia ,
Ou seja noite , ou dia ,
O bosque me ouvirá.
Bem , que a meu culto amante
Rezista o dezengano ,
O voto soberano
Te espero tributar.

145

IX.

De todo em fim deixada
No horror deste arvoredo,
Em ti seu tosco enredo
Arachne tecerá.

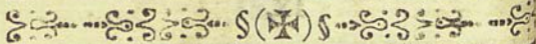
Em paz se fique a amada,
Por quem teu canto inspiras;
E tu, que a paz me tiras,
Tambem te fica em paz.



IX.

Não temas, que deixada
 Te occupe este arvoredor,
 Onde meu triste enredo
 O fado tecerá;
 Conhece, ó Lira amada,
 O affecto, que me inspiras;
 Na mesma paz, que tiras,
 Me dás a melhor paz.





F I L E N O

A N I Z E .

DESPEDIDA DE

GLAUCESTE

SATURNIO,

Pastor Arcadê , Romano , Ultramarino



I.

A Deos , Idolo amado ;
Adeos ; que o meu destino
Me leva peregrino

A não te ver já mais.

Sei , que he tormento ingrato
Deixar teu fino trato :

Mas quando he , que tu viste
Hum triste

Respirar !

N I Z E
 A F I L E N O.
 R E P O S T A D E
 E U R E S T E
 F E N I C I O,

Pastor Arcade, Romano, Ultramarino

V I.

E M vãõ, Fileno amado;
 Accuzas teu destino;
 Se foges peregrino,
 Por me naõ ver já mais.
 Viste me, falso, ingrato;
 Preza a teu doce trato:
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar!

II.

Tu ficas; eu me auzento;
 E nesta despedida
 Se não se acaba a vida,
 He só por mais penar.

De tanto mal, e tanto
 Allivio he só o pranto:
 Mas quando he, que tu viste
 Hum triste
 Respirar!

III:

Quantas memórias, quantas
 Agora despertando,
 Me vem acompanhando
 Por mais me atormentar!

Faria o esquecimento
 Menor o meu tormento:
 Mas quando he, que viste
 Hum triste,
 Respirar!

IV.

Girando esta montanha;
 Os sitios estou vendo,
 Aonde Amor tecendo
 Seu doce enredo está.

Aqui me occorre a fonte;
 Alli me lembra o monte:
 Mas quando he, que tu viste
 Hum triste
 Respirar.!

II.

Dizias : eu me auxento.
 Foi esta a despedida ,
 Que toda a minha vida
 Me hade fazer penar.

Entre martyrio tanto
 Eu me desfiz em pranto :
 E tu , que assim me viste
 Partiste
 A respirar !

III.

Oh quantas vezes , quantas
 Do somno despertando ,
 Te vou acompanhando ,
 Por não me atormentar !

Não ha esquecimento ,
 Que abrañde o meu tormento
 E tu , que assim me viste ,
 Partiste
 A respirar !

IV.

No prado , e na montanha
 Saudozza hoje estou vendo
 O engano , que recendo
 A minha idéa está.

Baixei contigo a fonte
 Subi contigo ao monte :
 E tu , que assim me viste
 Partiste
 A respirar !

V.

Sentado junto ao rio,
 Me lembro, fiel Pastora,
 Daquella feliz hora,
 Que n'alma impressa está.

Que triste eu tinha estado,
 Ao ver teu rosto irado!
 Mas quando he, que tu viste
 Hum triste
 Respirar!

VI.

De Filis, de Lizarda
 Aqui entre desvelos,
 Me pede amantes zelos
 A cauza de meu mal.

Alegre o seu semblante
 Se muda a cada instante:
 Mas quando he, que tu viste
 Hum triste
 Respirar!

VII.

Aqui colhendo flores
 Mimoza a Ninfa cara,
 Hum ramo me prepara,
 Talvez por me agradar:

Anarda alli se agasta;
 Dalizo aqui se affasta:
 Mas quando he, que tu viste
 Hum triste
 Respirar!

V.

Ao som do manso rio,
Nize, fiel Pastora,
Chorando a toda a hora
A tua auzencia está.

Afflicta neste estado
Accuzo o Ceo irado:
E tu, que assim me viste
Partiste
A respirar.

VI.

Nem Filis, nem Lizarda,
Que foraõ teus desvelos,
Me podem já dar zelos,
Nem já me fazem mal.

Só teu cruel semblante
Me lembra a cada instante
E tu, que assim me viste
Partiste
A respirar!

VII.

Fileno as bellas flores
A Nize amada, e cara;
Já agora não prepara;
Já não quer agradar.

Commigo Amor se agasta;
O meu Pastor se affasta:
E tu, que assim me viste
Partiste
A respirar!

VIII.

Tudo isto na memoria
(Oh barbara crueldade!)

A' força da faulade

Amor me pinta já.

Rendido desfaleço

De tanta dor no excesso:

Mas quando he, que tu viste

Hum triste

Respirar!

IX.

O mais, que augmenta a magoa,

He ter sempre o receyo,

De que outro amado enleyo

Teu peito encontrará.

Amante nos teus braços,

Quem sabe, se outros laços..!

Mas quando he, que tu viste

Hum triste

Respirar!

X.

Por onde qter, que gires,

Desta alma, que te adora,

Ah lembra-te, Pastora,

Que ja te soube amar.

Verás em meu tormento

Perpetuo o sentimento.

Mas quando he, que tu viste

Hum triste

Respirar!

VIII.

Conser-vo na memoria
 A tua crueldade ;
 Nem sei, como a saudade
 Me não tem morta já.
 Mas ah ! que desfaleço ;
 Chorando em tal excesso :
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar !

IX.

Crescendo a minha magoa ;
 Se augmenta o meu receyo ;
 Que entregue a novo enlejo
 Talvez te encontrará.
 Que vezes nos meus braços
 Eu te formei os laços !
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar !

X.

Por mais, que auzente gires
 De Nize, que te adora,
 Não has de achar Pastora,
 Que mais te saiba amar.
 Vê bem, a que tormento
 Me obriga o sentimento :
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar !

XI.

Lá desde o meu desterro ;
 Verás , que esta corrente
 Te vem fazer presente
 A ancia de meu mal.

Verás , que em meu retiro
 Só gemo , só suspiro :
 Mas quando he , que tu viste
 Hum triste
 Respirar !

XII.

As Ninfas , que se escondem
 Lá dentro do seu seyo ,
 De meu querido enleyo
 O nome haõ de escutar.

No bem desta lembrança
 Allivio a alma alcança :
 Mas quando he , que tu viste
 Hum triste
 Respirar !

XIII.

Ah ! Deva-te meu pranto
 Em taõ fatal delirio ,
 Que pagues meu martyrio
 Em premio de amor tal.

Mereça hum mal sem cura
 Lograr esta ventura :
 Mas quando he , que tu viste
 Hum triste
 Respirar !

XI.

Aqui posta em desterro,
 Ao som desta corrente,
 Sempre terei prezente
 A cauza de meu mal.

E tu nesse retiro
 Desprezas meu suspiro:
 E tu, que assim me viste;
 Partiste
 A respirar!

XII.

Athé de mim se escondem
 As Ninfas no seu seyo;
 Pois teu fingido enleyo
 Não querem escutar.

E nem esta lembrança
 Se quer minha alma alcança:
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar!

XIII.

Conheço, que o meu pranto
 Passou a ser delirio:
 Pois meu cruel martyrio
 Chega a extremo tal.

Mas como ha de ter cura,
 Quem nasce sem ventura!
 E tu, que assim me viste,
 Partiste
 A respirar!

XIV.

E se por fim, Pastora,
 Duvidas de minha ancia,
 Se em ti não ha constancia,
 Minha alma o vingará.

Farei, que o Ceo se abraude
 Aos ays de huma ancia grande:
 Mas quando he, que tu viste
 Hum triste
 Respirar!

XV.

Terás em minha pena,
 Com passo vigilante,
 A minha sombra errante,
 Sem nunca te deixar.

Terás... ah bello emprego!
 Não temas: eu focégo:
 Mas quando he, que tu viste
 Hum triste
 Respirar!



XIV.

Talvez outra Pastora,
Zombando de tua ancia,
Da falta de constancia
Em ti me vingará.

Mal feito, que se abrande;
Vendo rigor tão grande;
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

XV.

Verás na minha pena,
Que sempre vigilante,
Por todo o campo errante,
Já mais te hei de deixar.

E tu... ah louco emprego
De quem não tem socego!
E tu, que assim me viste,
Partiste
A respirar!

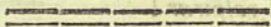




IL PASTORE A N I C E.

CANZONETTA DI
GLAUCESTE
SATURNIO,

Pastore Arcade, Romano, Ultramarino.



I.

D Ove, mia Nice, dove,
Dove trovarti spero
Nel lido, a cui straniero
Mi trasse ingrato Amor!

Chiedendo a i tronchi, a i sassi;
In vano io volgo i passi;
E solo sento (oh Dio!)
Che perdo anch'io
Il cor.



N I C E
AL PASTORE.

RISPOSTA DI
NINFEJO
CALISTIDE,

Pastore Arcade, Romano, Ultramarino!

I.

A Ddio, Pastor. Ma dove
Così lontan ti spero ;
Si fuor di me straniero
Tu vai suggindo amor !
Addio. Io piango ai sassi,
Men sordi, che i tuoi passi.
Ah! Che nel dirti addio,
Gia' non é mio
Il cor! 152

II:

Il fior veggo nel prato ;
 E negli affani miei ,
 Ah ! Quest' , io dico , (oh Dei !)
 Nice farà talor .

Le tue pupille belle ,
 Credo , che son le stelle :
 E solo sento (oh Dio !)
 Che perdo anch' io
 Il cor .

III.

Del monte alla foresta
 Mal cieco Amor mi guida ;
 Dove piu dolce arrida
 Il Cielo al mio dolor .

Vola di pianta in pianta
 L'augel , che scherza , e canta ;
 E solo sento (oh Dio !)
 Che perdo anch' io
 Il cor .

IV.

Nel mio sospiro amante
 Altro il dolor non dice ,
 Che dove , dov' é Nice ,
 Che non la trovo ancor !

Echo , ch' il sasso asconde ;
 Per lei nepur risponde ;
 E solo sento (oh Dio !)
 Che perdo anch' io
 Il cor .

II.

Al bosco, al monte, al prato;
 Spargo i sospiri miei;
 E in vano spargo (oh Dei!)
 I miei sospir talor.

Veggio le sfere belle;
 Non veggo le mie stelle;
 Ah che nel dirti addio,
 Già non e mio
 Il cor!

III.

La greggia alla foresta
 Non guido, ne mi guida;
 Nepure il fiore arrida:
 Che tutto à il mio dolor.

Mustia si fé la pianta;
 Mai più l' angel non canta:
 Ah che nel dirti addio,
 Già non e mio
 Il cor!

IV.

Torna, spietato amante;
 Torna: ma il cor mi dice,
 Che tu lasciasti Nice,
 Che te scordasti ancor.

Per che, crudel t'ascondi?
 Per che non mi rispondi?
 Ah che nel dirti addio,
 Già non é mio
 Il cor!

V.

Tutto per me s' oscura,
 La terra, il mare, il Cielo
 Il sangue e freddo gelo;
 Tutto mi fa terror.

Nessuno a dolor tanto
 Sa trattener-mi 'l pianto:
 E solo sento (oh Dio!)
 Che perdo anch' io
 Il cor.

VI.

Il tenerò mio voto
 Grato, mio ben, ti fia
 Tu puoi col alma mia
 Far piu superbo Amor.

Tu puoi . . . ma sudo in vano
 Nel culto, in cui m' affano:
 E solo sento (oh Dio!)
 Che perdo anch' io
 Il cor.

VII.

Or mi rammento, o cara
 Di quel felice stato,
 Che dolce, innamorato,
 M'accolse il tuo favor.

Di tanti beni, e tanti
 Or nascono i miei pianti:
 E solo sento (oh Dio!)
 Che perdo anch' io
 Il cor.

V.

Non temo l'onda oscura,
 Non temo il mare, il Cielo:
 Per te, mio ben, mi gelo;
 Per te sento terror.

Veddi, che a dolor tanto
 Mi sto sfogando in pianto:
 Ah che nel dirti addio,
 Già non é mio
 Il cor!

VI.

Non olvidar quel voto;
 Presente ognor ti sia:
 Ah! Si. Del alma mia
 Tu fosti 'l solo amor.

Tu fosti... io suggo in vano
 Il duolo, in cui m'affano:
 Ah! Che nel dirti addio,
 Già non é mio
 Il cor!

VII.

Non olvidar, che cara
 Ti fui nel dolce stato,
 Che fido, innamorato,
 T'accolse il mio favor.

Di tanti amori, e tanti,
 Son premio questi pianti:
 Ah che nel dirti addio,
 Già non é mio
 Il cor!

VIII.

Chi sa, qual altro amante ;
 Chi sa, qual piu felice ,
 Della mia bella Nice
 S'accenda allo splendor !
 De miei crudi sospetti
 Non veggo i mesti oggetti
 E solo sento (oh Dio !)
 Che perdo anch' io
 Il cor.

IX.

Chi sa, dove s'annida ;
 Nel mar, nel Cielo, o terra
 Chi sa, dove se ferra
 Quel candido thezor !
 Per lei (crudel tormento !)
 Per lei morir mi sento ;
 E solo sento (oh Dio !)
 Che perdo anch' io
 Il cor.



VIII.

Chi sa, tiranno amante,
 Se alla rival felice,
 L'abandonata Nice
 Invidia il suo splendor!

Chi sa, s' i miei sospetti
 Tardano i cari oggetti!
 Ah che nel dirti addio,
 Già non é mio
 Il cor!

IX.

Faró, se pur s' annida
 L' indegna in Cielo, ó in terra;
 S' il mio thesoro serra,
 Mi renda il mio thesor.

Faró... crudel tormento,
 Per cui morir mi sento!
 Faró... ma come (oh Dio!)
 Se non é mio
 Il cor!




N I C E.
CANZONETTE.


I.

A H ch' io mi sento
 D'Amor ferito!
 Non sono ardito,
 Parlar non só.

Mi vinse Amore
 Crudo, tyranno;
 Per questo affanno
 Valor non o'.

Nice crudele,
 Tu sei l'ardore;
 Ch' inspira Amore
 Entro il mio cor.

II.

Lascia, ch' io solo,
Nel mio martire,
Vada a morire
Senza pietá.

Amor lo chiede,
Chiede-lo il mio
Crudel desio
Di piu penar.

Tu non fai, Nice,
Qual sia il vanto,
Che nel mio pianto
Amor mi dá.

III.

Folle, chi crede
Trovar fermezza
Nella crudezza
D'una beltá.

Or da se scaccia,
Or a se chiama,
Altro non brama,
Che 'l variar. 156

Lo so' per prova :
 Tu, Nice bella,
 Tu sol sei quella,
 Ch' instrutto m'a.

IV.

Ombra onorata
 De la mia face,
 Lasciami in pace,
 S' ai pur pietà

Io riconosco
 Il tuo semblante :
 Ei pur amante
 N'el alma stà.

Ah qual m'accusi !
 Qual mi condanni !
 Mi fan gl'affanni
 Già delirar.



CANTATAS.

O PASTOR DIVINO.

CANTATA I.

Fé, Esperança.

Fé. **O** Nde, Enigma adorado,
 Onde guias perplexo,
 Confuzo, e pensativo
 Da minha idéa o vacilante curso?
Esp. Que sombras, que portentos
 Encobres a meus olhos,
 O signorado arcano,
 Que lá dessa distancia
 Inspiras de teu rayo o esforço activo?

Fé. Eu vejo, que rompendo
Da noite o manto escuro
Vem scintillando a chama,
Que sobre o mundo todo a luz derrama!

Esp. Eu vejo, que do Oriente
A luminosa estrella,
Que os passos encaminha,
Quazi a buscar a terra se avizinha!

Coro.

Chegai, Pastores;
Vinde contentes;
Que o novo Sol
Já resplendece.

Oh que gloria, que dita, que gosto
Nestes campos se vê respirar!

Fé. He esta a flor mimoza,
Que da Vara bemdita,
Venturoza, jucunda,
Da raiz de Jessé brota fecunda!

Esp. He este o Pastor bello,
Que o rebanho espalhado
Vem acazo buscar! He este aquelle
Que por montes, e valles
Conduz a tenra Ovelha,
E mais que a propria vida,
Ama o rebanho seu! He este aquelle
Que as ovelhas conhece, e a seu preceito
Obedecendo bellas,
Tambem o seu Pastor conhecem ellas!

Fé. Eu o tinha alcançado,
De enigmaticas sombras na figura,
Unigenito Filho
Do Eterno Creador. O Filho amado
De Abraão o testifica;

Esp. Jacob o comprehende, Abel o explica;

Ambas. Brandas Ninfas, que no centro
Habitaes dessa corrente,
Vinde ao novo Sol nascente
Vosso obzequio tributar.

Fé. Já do monte descendo
Vem o pobre Pastor: de brancas flores,
Ou já grinaldas, ou coroas tece,
E ao novo Deus contente as offerece.

Esp. Já de lirios, e rozas,
Pela gloria, que alcança,
Animada a Esperança se coroa;
E alegres hymnos de prazer entoas;

Coro.

Chegai, Pastores,

Vinde contentes;

Que o novo Sol

Já resplendece.

Oh que gloria, que dita, que gosto
Nestes campos se vê respirar!

Fé. Aquelle tenro,

Cordeiro amado,

Sacrificado

Por nosso amor,

CANTATA I.

Esp.

Sobre seus hombros
 Conduz a cezo
 O duro pezo
 Do peccador.

Fé.

Nascido Infante
 Ao mundo afflicto
 Nosso delicto
 Paga em amor.

Esp.

Oh recompensa
 Do bem perdido!
 Oh do gemido
 Premio mayor!

Ambas.

Vem, Pastor bello;
 Vem a meus braços;
 Vem; que teus passos
 Seguindo vou.

Fé.

Mas ah! Que de prazer, e de alegria
 Respirar posso apenas. Todo o campo
 Florecente se vê. Estaõ cobertos
 Os claros Orizontes
 De nova luz, de novo Sol os montes

Esp.

Melhor luz não espere
 Ver o mundo já mais. Concorraõ todos
 A este luminoso
 Assento; aonde habita
 Aquelle Sol, que a vida resuscita.

Fé.

Vem, Sol peregrino,
 De nós suspirado;

Esp.

Vem, Filho adorado
 De Deos immortal.

Coro.

Chegai, Pastores;
 Vinde contentes;
 Que o novo Sol
 Já resplendece.

Oh que gloria, que dita, que gosto
 Nestes campos se vê respirar!

CANTATA II.



O H de gli Affi
 Tu, ch' al
 la fante portati, ed il lauro,
 Andate felice de la cop
 Nel tuo seno di grazie il piu fecondo
 Tu, che donasti al mondo
 Quel adorno figlio,
 Che a piè di noi vesti l'umana spoglia,
 Quello, che vendicò l'infamia doglia,
 Che l'ineperto Adamo
 Comune a noi senza riforo piange,
 Tu sei quella, che io chiamo,
 Bella Madre d'Amor, ma d'Amor degno,
 De si gran Madre venuto pegno,
 Io l'adoro, io l'amo, o cara,
 Sacra Vergine, ch' il Cielo

LA
SS. VERGINE,
CANTATA II.

OH de gli Astri, e del Ciel Regina Augusta!
 Tu, ch' al mondo cadente
 La salute portasti, ed il sacrato,
 Antidoto felice de la colpa,
 Nel tuo seno di grazie il piu fecondo;
 Tu, che donasti al mondo
 Quel adorato Figlio,
 Che a pró di noi vestí l' umana spoglia;
 Quello, che vendicó l' infausta doglia,
 Che l' inexperto Adamo
 Comune a noi senza ristoro piange,
 Tu sei quella, ch' io chiamo,
 Bella Madre d'Amor, ma d'Amor degno;
 De si gran Madre venturoso pegno.
 Io t'adoro, io t'amo, o' cara,
 Sacra Vergine, ch' il Cielo

Dona a noi , involta in velo ,
 Di Colomba , che innocente
 L' ali spiega , al Ciel s' en vá.

Cosí dolce , amante Sposo
 Le sue braccia apre in un giorno :
 Vieni , dice , ó mio soggiorno ,
 Tu , che porti ogni beltá.



GALATEA.

CANTATA III.

*Galatea.**Acis.*

-
-
- Acis.* **G** Alateã adorada,
 Mais candida, e mais bella;
 Que a neve congelada,
 Que a clara luz da matutina estrella;
 Mais, do que o Sol, formoza;
 Naõ digo lirio já, naõ digo roza.
- Gal.* Acis idolatrado,
 Pastor mais peregrino,
 Que quanto ostenta o prado,
 Quanto banha d'Aurora o humor divino;
 Pois junto ás tuas cores
 Naõ tem o prado cor, naõ tem as flores
- Acis.* Acis he, quem saudozo
 Corre desta ribeira
 Todo o campo espaçozo,
 Buscando, ó bella Ninfa, a lizongeira;
 Doce vista, que tanto
 De Amor atêa o suspirado encanto.

Gal. Desde o azul imperio,
 Que rege o aureo Tridente,
 Por todo este emisferio,
 Galathea te busca impaciente;
 E amante nos seus braços
 Te prepara de amor gostozos laços.

Acis. Vem ouvir-me hum instante;
 Que em mim tudo he ternura.
 Do barbaro Gigante
 Naõ temas, naõ a pallida figura:
 Que o tem seu triste fado,
 Tanto como infeliz, dezenganado,
 Vem, ó Ninfa ditoza,
 Vem, vem;
 Que em ti Amor guarda
 Todo o meu bem.

Gal. Oh! Firaõ teus ouvidos
 Meus saudozos clamores;
 Mereçaõ meus gemidos
 Mover a semrazaõ dos teus rigores;
 Já que taõ docemente
 Sempre ao meu coração estás presente,
 Vem, ó Pastor querido,
 Vem, vem;
 Que em ti Amor guarda
 Todo o meu bem.



L I Z E.

CANTATA IV.

Sobre a Cantata antecedente.

NA sorte, Lize amada ;
 Do mizero Gigante ,
 Que triste de meu fado se traslada
 O funebre semblante !
 Ao ver a copia do Cyclope infausto ;
 Respiraõ de meu peito iguais ardores !
 Os zelozos furores ,
 Que dentro n'alma sinto ,
 Como em lamina triste escrevo , e pinto ;
 Zelozo elle , e eu zelozo ,
 Ambos sentimos hum igual extremo .
 Mas ay fado aleivozo !
 Que infeliz inda mais , que Polifemo ,
 Me queixo. Elle a occaziaõ de seu crime
 Suffoca , estraga , dezalenta , e mata ;
 E eu de nun.a alma ingrata

Sinto o desprezo , e não extingo o lume;
Pois sempre desprezado
Vivo afflicto , infeliz , desesperado.

Se em mim pois , se em Polifemo
Influo a mesma estrella ,
Aqui tens , ó Lize bella ,
Huma copia de meu mal.

Mas ay Lize ! Quanto sinto !
Bem que nesta copia o pinto ,
Nada iguala o original !



N I Z E.

CANTATA V.

N Aõ vejas, Nize amada ;
 A tua gentileza
 No cristal dessa fonte. Ella te engana :
 Pois retrata o suave,
 E encobre o rigorozo. Os olhos bellos
 Volta, volta a mett' peito :
 Verás, tyranna, em mil pedaços feito
 Gemer hum coração : verás hum alma
 Ancioza suspirar : verás hum rosto
 Cheyo de pena, cheyo de desgosto.
 Observa bem, contempla
 Toda a mizera estampa. Retratada
 Em huma copia viva
 Verás distincta, e pura ;
 Nize cruel, a tua formozura.

Não te engane, ó bella Nize ;
 O cristal da fonte amena :
 Que essa fonte he muy serena,
 He muy brando esse cristal.

Se assim como vês teu rosto,
 Viras, Nize, os seus effeitos,
 Póde ser, que em nossos peitos
 O tormento fosse igual.

P A L E M O,

E

L I Z E.

CANTATA VI.

Epythalamica.

O H quanto, Lize, oh quanto,
 Quanto alento teus olhos
 Ao mizero Palemo! Já tres dias
 O mar anda girando. Em tua auzencia
 Saudozo tem movido as bravas ondas.
 Aos peixes tem chegado
 O clamor de seus ays. Ah! Se tu viras,
 Qual foi o seu lamento,
 Não fôras mais cruel, que o mar, que o vento!
 Eu o vi (naõ te engano)
 Sem acordo entregar o fragil barco
 Ao arbitrio das ondas. Poucos passos
 De huma rocha fatal já se apartava.

V

163

A morrer se apressava ;
 Quando eu , que no seu rumo hia seguindo ,
 Palemo ? (lhe gritei) olha , Palemo :
 Desvia dessa penha a vela , o remo .

Mas fosse providencia , acazo fosse ,
 A outra parte a onda
 O seu barco voltou . Já perguntado
 Me torna o Pastor caro : eu entendia ;
 Que a penha , em que Nicandro me fallava ,
 Era Lize semente , que eu buscava .

Lize a rocha deshumana ,
 Lize o bem , que tanto adoro ;
 Por quem vivo , por quem choro ;
 Por quem ando a suspirar .

Ah ! Se corro a morrer nella ,
 Venha a barbara ferida ;
 Que esta morte só he vida ;
 Porque he Lize , quem a dá .

Mas não he isto engano ! O infausto agouro
 De todo se apartou . Tornou-se em calma
 O mar tempestuozo : o vento irado
 Já suave respira : esta ribeira
 De alegria se veste : hum doce encanto
 Nos álamos , nos freixos ,
 Que estão fazendo sombra ás verdes ondas ;
 Communica a harmonia
 Dos passaros , que cantão . Que gostoza
 Manêa as brandas folhas
 A aura lizongeira ! D'entre as ramas
 Ah como fere o rayo sobre as agoas ,
 Tornando prateadas
 As crias linas vêas ! Finge a sombra

Outro bosque nas ondas; e parece;
 Que outras aves no mar em competencia
 Formando estaõ suavissima cadencia.

E que alegre entre tanto
 Esta praya se vê! Que grande copia
 De redes se derrama! Em cada parte
 Se senta hum Pescador: bailes, e jogos
 Se attendem na ribeira: ao doce avizo
 Das vizinhas Aldêas
 Vem o povo chegando. He grande o dia;
 Grande annuncio he de gosto. Mas que muito
 Se neste feliz dia
 De Lize, e de Palemo
 Se premêa a virtude! Hum terno laço
 Ao Pescador amante
 A Ninfa delicada
 Neste dia assegura. Ah! queira o Fado
 Propicio queira o Ceo
 A chama fecundar deste hymeneo,
 Forme das almas bellas
 Amor o seu thezouro;
 E com as settas d'ouro
 Se veja triunfar.
 De perolas tributo
 Lhe renda a fertil onda;
 O mar lhe não esconda
 A rama do coral.



N I Z E.

CANTATA VII.

O Nde, ó Nize divina;
 Onde te encontrarei, bella Pastora!
 O monte, o prado, o valle ando girando
 Nize? Nize? Suspiro. A meus clamores
 O ecco apenas me responde. Tudo
 Informa, ó Nize, de que auzente vives;
 Que outro campo já pizas,
 Outras ovelhas, outro gado reges;
 Que desprezas aquella choça amada;
 Junto á nossa ribeira fabricada.
 Ah! Se he certo, que Nize
 Nestes campos faltou! Mas que duvido!
 Sem cor a planta, a flor amortecida,
 O ar escuro, o Sol sem luzimento,
 Este monte, este rio, aquelle prado,
 Me diz, que Nize (oh Ceos!) lhe tem faltado.
 Nize? Nize? Meu bem? Ah! se inda aos longes
 Chega o amor de meus suspiros, sabe,

Quê vives na minha alma ,
 Na minha alma , que adora
 Taõ bello encanto , taõ gentil Pastora!

Vou pizando esta floresta ,
 E os teus passos vou seguindo ;
 Cego Amor vai conduzindo ,
 Como norte , a minha fé.

Vejo a flor no campo alegre ;
 Vejo a luz nos Ceos taõ bella ;
 Nize , digo , he esta estrella ;
 Nize , digo , esta flor he.

Mas ay ! E que mal chego a conhecer-me
 No delirio , que occupa os meus sentidos !

Como , ó Nize , imagino ,
 De meus olhos auzente ,
 Que lembrada estarás da fé constante ,
 Que hum tempo me juraste ;
 Naquelle tempo , quando
 Em tua companhia

Toda a montanha , ó Nize , a cada instante ;
 A cada hora em fim , cada momento ,
 Me via (oh doce estado !)

Já conduzindo o teu rebanho ao prado ,
 Mais ditozo , que todos os do campo ,
 Quando o Sol mais ardia ,
 As agoas a beber da fonte fria ;
 Ou já sendo o calor do Sol mais brando ;
 Ao curral , onde o tinha entaõ cercado ,
 Menos dos caens , do que de mim guardado !

Quantas vezes (oh Ceos !) quantas
 Digo ao valle , digo ao mont
 Viste a Nize ? Aquella fonte

Testemunha póde ser.

Mudo o valle, o monte mudo;
Tudo está suspenso: tudo
Me parece, que responde:
E não vi Nize, o teu bem!



N I C E.

CANTATA VIII.

V I lascio, ó mie felici ;
 Pasciute Pecorelle ;
 Ch' or non provo per voi quella dolcezza ;
 Che le frondose selve
 M' ispirarono un giorno : d'altra cura ,
 D' altri diletti io sono già ferito :
 La mia Nice , la mia
 Inganatrice Dea
 Così possiede il cor , ch' altro non bramo ;
 Che vederla ogni instante ,
 Che ogni instante adorarla ,
 Che muover in sua traccia i piedi miei ;
 Che per lei respirar , morir per lei.

Ite , mie care agnelle
 Fra queste ombrose piante ;
 Ch' io non son meno errante
 Di voi , che senza guida
 Andate del Pastor.

Io vago il campo , il prato

E veggo, nel mio fato,
 Come il destino vostro
 Non é del mio peggior.

Correte (oh Dio !) correte : itene voi,
 Oh delle mie fatiche
 La piu dolce, la piu gradita cura.
 Voi farete , io lo veggo ;
 E pur pietá per voi non sento (oh Dio !)
 Voi farete de' lupi
 Preda infelice : e liberi tra voi
 Si vedrano stracciar le vostre membra
 Fra i sanguinosi denti. Io non vi piango !
 Nice , Nice crudele ,
 Nice , fiamma del core ,
 Non men bella del candido ligustro ,
 E non men della spina ,
 Che circonda la rosa , aspera , e cruda ,
 Tu sei , tu sei , ó Nice ,
 Chi mi toglie la cura
 Delle felici mie , candide agnelle !
 Lagnatevi di lei :
 Quello , che á me non lice ;
 Io non son che vi lascio , é la mia Nice :
 Nice vi lascia (oh Dio !)
 Nice , la mia tiranna,
 Che della sua capanna
 La libertá mi toglie ,
 Che respirava il cor.
 Per lei piango : per lei
 Vi lascio alla sventura :
 Se Nice di me cura ,
) curaró di voi.

Itevi, dolci mie,
Dilette Pecorelle;
Che già non fiete quelle;
Que pascolava Amor.

Itevi pur; se lice,
Cercate la mia Nice:
Se voi non la troyate;
Cercate
Altro Pastor.

167

F I M.



Protestação.

Protesta o Author, que somente por adorno da Poetia uzou das palavras Deozes, Numes, Divindades, Agouros, &c. e outras expressoens dissonantes aos dogmas da Santa Madre Igreja de Roma: o que tudo sujeita á sua correccão, como verdadeiro Cat hólico, &c.

ERRATAS.

Pag.	Versos.	Erros.	Emendas.
IX.	11.	respeita, ó como	respeitaõ, comõ
13.	6.	desta	esta
23.	3.	vais	vás
49.	10.	vieggo	veggo
49.	19.	Di mertí	Dé mertê
63.	26.	se houve	se ouve
67.	7.	escuar	estura
68.	21.	amaõ	a maõ
79.	22.	futnro	futuro
138.	72.	esereva	escreva
170.	2.	as amados	os amados
170.	13.	accuza	accuzas
175.	3.	o extremo	o extremozo
201.	27.	Porqhe	Porque
202.	14.	de Beliza infauſto	que de Tisbe foê
216.	9.	falsidadade	falsidade
219.	22.	segura	seguro
223.	21.	almos	almas
228.	5.	nas horrores	nos horrores,
240.	12.	tua	vossa
249.	19.	taõ taõ	taõ
256.	3.	Quem quem	Que quem
262.	4.	Allivo	Allivio
283.	3.	Si fuor	Se fuor

O Leytor advertirá os erros da orthografia.

INDEX

DAS OBRAS,

que se contêm neste Volume.

SONETOS.

- A** Cada instante, Amor, a cada instante. p 23.
 Adeos, Idolo bello, adeos, querido. 26.
 Altas ferras, que ao Ceo estais servindo. 30.
 Apenas rebentava no Oriente. 35.
 Apre Giano il gran Tempio; orrido, e nero. 43.
 Apressa-se a tocar o caminhante. 14.
 Aquella cinta azul, que o Ceo estende. 10.
 Aquelle, que enfermou de desgraçado. 18.
 Aqui sobre esta pedra aspera, e dura. 17.
 Assim como o Pastor, tambem o pobre. 105.
 A vós, canoras Ninfas, que no amado. 80.
 Ay de mim! Como estou tão descuidado! 11.
 Ay Nize amada! Se este meu tormento. 15.
 Bella imagem, emprego idolatrado. 29.
 Brandas ribeiras, quanto estou contente. 4.
 Breves horas, Amor, ha, que eu gozava. 20.

Breves horas, que em rapida porfia.	36
Campos, que ao respirar meu triste peito.	40.
Clara fonte; teu passo lizongeiro.	38.
Continuamente estou imaginando.	19.
Corino, vai buscar aquella ovelha.	70.
De costi degno Eroe la Regia fronte.	44.
De hum ramo desta faya pendurado.	11.
Deixa, que por hum pouco aquelle monte.	9.
Deixemos-nos, Alcano, de porfia.	31
Del tuo Fileno a la incerata avena.	48
Destes penhascos fez a natureza.	50
Dolci compagni miei, dolce mia cura.	47.
Dolci parole, or piu non siete quelle.	47.
Emfim te heide deixar, doce corrente.	39.
Em profundo silencio ja descança.	28.
Entre este alamo, ó Lize, e essa corrente.	40.
Erra d' intorno a me l' ombra onorata.	49.
Esci d' inganno, ó Nice; io non t' adoro.	46.
Este he orio, a montanha he esta.	5.
Estes braços, Amor, com quanta gloria.	19.
Estes os olhos são da minha amada.	16.
Eu cantei, não o nego, em algum dia.	36.
Eu ponho esta sanfona; tu, Palemo.	
Fatigado da calma se acolhia.	
Faz a imaginação de hum bem amado.	15.
Formosa he Daliana; o seu cabello.	6.
Formozo, e manso gado, que pascendo.	8.
Guarda, ó tronco, este funebre letreiro.	132.
Ha quem confie, Amor, na segurança.	23.
Ja me enfado de ou vir este alarido.	32.
Ja rompe, Lize, a matutina Aurora.	37.
Ingrata foste, Eliza; eu te condemno.	33.

<i>Injsto Amor, se de teu jugo izento.</i>	23.
<i>Fato desta corrente contemplando.</i>	41.
<i>a posteridade, ó patrio Rio.</i>	2.
<i>Lembrado estou, ó penhas, que algum dia.</i>	30.
<i>Memorias do prezente, e do passado.</i>	26.
<i>Misera rimembranza che mai tenti?</i>	45.
<i>Morféo doces cadêas estendia.</i>	22.
<i>Muzas, canoras Muzas, este canto.</i>	51.
<i>Nada póde escapar do golpe avaro.</i>	139.
<i>Naõ de Tigres as testas descarnadas.</i>	13.
<i>Naõ ha no mundo fé, naõ ha lealdade.</i>	39.
<i>Naõ se passa, meu bem, na noite, e dia.</i>	16.
<i>Naõ te assuste o prodigio: eu, Caminhante.</i>	34.
<i>Naõ te cazes com Gil, bella Serrana.</i>	34.
<i>Naõ vês, Lize, brincar esse menino.</i>	24.
<i>Naõ vês, Nize, este vento dezabrido.</i>	14.
<i>Neste álamo sombrio, aonde a escura.</i>	12.
<i>Ninfas gentis, eu sou o que abrazado.</i>	28.
<i>Ninfas, que sobre a espuma prateada.</i>	149.
<i>Nize? Nize? onde estás? Aonde espera.</i>	7.
<i>Non lasciarmi, crudel; quella, ch' io rendo.</i>	48.
<i>Non ó valor, che basti; io corro in vano.</i>	45.
<i>Non parlarmi d'amor, ingrata Nice.</i>	46.
<i>estou! Este sitio desconheço.</i>	4.
<i>Os olhos tendo posto, e o pensamento.</i>	25.
<i>Ou já sobre o cajado te reclines.</i>	27.
<i>Para cantar de Amor tenros cuidados.</i>	1.
<i>Parece, ou eu me engano, que esta fonte.</i>	50.
<i>Pastores, que levais ao monte o gado.</i>	2.
<i>Piedozos troncos, que a meu terno pranto.</i>	42.
<i>Polir na guerra o barbaro Gentio.</i>	42.
<i>Pouco importa, formozza Daliana.</i>	5.

Quando cheyos de gosto , e de alegria.	21.
Quando , formozza Nize , dividido.	7.
Que feliz fora o mundo , se perdida.	
Que inflexivel se mostra , que constante.	2.
Que molesta lembrança , que cançada.	27.
Que tarde nasce o Sol , que vagarozo.	33.
Quem chora auzente aquella formozura.	21.
Quem deixa o trato pastoril , amado.	8.
Quem és tu ? Ay de mim ! Eu reclinado.	22.
Quem se fia de Amor , quem se assegura.	37.
Questo , che la mia Musa oggi a te rendi.	49.
Se á memoria trouxeres algum dia.	35.
Se este tronco , adorado dos Pastores.	101.
Se os poucos dias , que vivi contente.	17.
Se sou pobre Pastor , se não governo.	3.
Sombrio bosque , utio destinado.	38.
Sonha em correntes d'agoa o que abrazado.	13.
Sorpreso de costi sonori accenti.	44.
Sou Pastor , não te nego ; os meus montados.	3.
Sposi felici , per la vostra face.	43.
Toda a mortal fadiga adormecia.	9.
Torno a ver-vos , o montes ; o destino.	32.
Traidoras horas de enganozo gosto.	25.
Tu , Ninfa , quando eu menos penetrada.	29.
Tu , sonora corrente , fonte pura.	12.
Valha-te Deos , cançada fantazia.	31.

EPICEDIOS.

A' morte do Senhor Conde de Bobadella. I.	52.
A' morte de Salcio. II.	65.
A' morte de hum Amigo. III.	70.

ROMANCE HEROICO.

Ao Senhor Jozé Gomes de Araujo.	73.
---------------------------------	-----

FABULA

Do Ribeirão do Carmo. 80.

ECLOGAS.

<i>Albano.</i>	III.	107.
<i>Alcino.</i>	XIV.	202.
<i>Amarillis.</i>	XII.	173.
<i>Angelica.</i>	X.	158.
<i>Aruncio.</i>	V.	133.
<i>Beliza, e Amarillis.</i>	XV.	207.
<i>Dalizo.</i>	XI.	163.
<i>Eulino.</i>	VI.	140.
<i>Fido.</i>	VII.	145.
<i>Fileno.</i>	II.	103.
<i>Franceliza.</i>	XVIII.	221.
<i>Laura.</i>	IX.	152.
<i>Lira.</i>	XX.	228.
<i>Lize.</i>	XVII.	217.
<i>Lysia.</i>	IV.	127.
<i>Os Mayoraes do Tejo.</i>	I.	89.
<i>Pescadores.</i>	XVI.	212.
<i>Polifemo.</i>	VIII.	150.
<i>Silvia.</i>	XIII.	194.
<i>Vida no campo.</i>	XIX.	225.

EPISTOLAS.

<i>Alcino a Fileno.</i>	I.	230.
<i>Dalizo a Salicio.</i>	III.	236.
<i>Eurillo a Alcido.</i>	V.	243.
<i>Fileno a Albano.</i>	II.	233.
<i>Melizo a Salicio.</i>	IV.	239.
<i>Silvia a Albano.</i>	VI.	247.

ROMANCES LIRICOS.

<i>Altéa.</i>	III.	257.
<i>Anarda.</i>	IV.	259.
<i>Antandra.</i>	II.	256.
<i>Lize.</i>	I.	254.
Desprezo á lira.		262.
Palinodia á lira.		263.
Despedida de Fileño a Nize.		270.
Reposta de Nize a Fileño.		271.

CANZONETTA.

<i>Il Pastore a Nice.</i>	282.
<i>Risposta de Nice al Pastore.</i>	283.

CANZONETTE

<i>Nice.</i>	290.
--------------	------

CANTATAS.

<i>O Pastor Divino.</i>	I.	293.
<i>La SS. Vergine.</i>	II.	298.
<i>Galatea.</i>	III.	300.
<i>Lize.</i>	IV.	302.
<i>Nize.</i>	V.	304.
<i>Palemo, e Lize.</i>	VI.	305.
<i>Nize.</i>	VII.	308.
<i>Nice.</i>	VIII.	311.

